

# CARTAS AOS TESSALONICENSES

**1 Tessalonicenses**

**COMENTÁRIO ESPERANÇA**

autor

**Werner de Boor**

**Editora Evangélica Esperança**

Copyright © 2007, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança  
Rua Aviador Vicente Wolski, 353  
82510-420 Curitiba-PR

E-mail: [eee@esperanca-editora.com.br](mailto:eee@esperanca-editora.com.br)  
Internet: [www.esperanca-editora.com.br](http://www.esperanca-editora.com.br)

Editora afiliada à ASEC e a CBL  
Título do original em alemão  
*Der Briefe des Paulus an die Thessalonicher*  
Copyright © 1969 R. Brockhaus Verlag

**Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Boor, Werner de  
Cartas aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom / Werner de Boor, Hans Bürki / tradução Werner Fuchs --  
Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2007.

Título original: *Der Briefe des Paulus an die Thessalonicher; Der erste Brief des Paulus an Thimotheus; Der zweite Brief des Paulus an Thimotheus, die Briefe an Titus und an Philemon.*

ISBN 978-85-86249-97-6 Capa dura

ISBN 978-85-86249-98-3 Capa dura

1. Bíblia. N.T. Crítica e interpretação  
I. Título.  
06-2419 CDD-225.6

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Novo Testamento : Interpretação e crítica 225.6

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

# Sumário

## ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Prefácio ao comentário das cartas aos Tessalonicenses  
Introdução às duas cartas aos Tessalonicenses

Três mensageiros de Jesus saúdam a Igreja – 1Ts 1.1  
A gratidão pela posição da Igreja – 1Ts 1.2s  
Como surge Igreja autêntica – 1Ts 1.4-10  
São assim os verdadeiros “Obreiros do Reino de Deus” – 1Ts 2.1-12  
A palavra atuante conduz à perseguição – 1Ts 2.13-16  
O amor autêntico é realista – 1Ts 2.17-20  
Para o amor autêntico a vida do outro é uma parte da própria vida – 1Ts 3.1-10  
O pensar do amor genuíno acaba em intercessão – 1Ts 3.11-13  
A Igreja precisa ser lembrada da santificação – 1Ts 4.1-8  
Teodidas do amor aos irmãos! – 1Ts 4.9-12  
A parusia de Jesus é o verdadeiro consolo da Igreja – 1Ts 4.13-18  
A clareza sobre a parusia configura a vida da Igreja – 1Ts 5.1-11  
É assim que deve ser na multiplicidade da vida eclesial – 1Ts 5.12-15  
Assim a Igreja de Jesus pode viver espiritualmente – 1Ts 5.16-22  
Saudações finais dos três e de Paulo – 1Ts 5.23-28

## ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

### Com referência ao texto bíblico:

O texto de 1 Tessalonicenses está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

### Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

### Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

*Códice do Cairo* (C) 895 Moisés ben Asher

*Códice da sinagoga de Aleppo* depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

*Códice de São Petersburgo* 1008 Moisés ben Asher

*Códice n° 3 de Erfurt* século XI Ben Naftali

**Qumran** Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do AT. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

**Sam** O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

**Targum** A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.

**LXX** A tradução mais antiga do AT para o grego é chamada de “Septuaginta” (LXX = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A LXX é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do AT.

**Outras** Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do AT. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da LXX), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):

- Latina antiga por volta do ano 150
- Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
- Copta séculos III-IV
- Etíope século IV

## ÍNDICE DE ABREVIATURAS

### I. Abreviaturas gerais

AT	Antigo Testamento
cf	confira
col	coluna
gr	Grego
hbr	Hebraico
km	Quilômetros
lat	Latim
LXX	Septuaginta
NT	Novo Testamento
opr	Observações preliminares
par	Texto paralelo
p. ex.	por exemplo
pág.	página(s)
qi	Questões introdutórias
TM	Texto massorético
v	versículo(s)

### II. Abreviaturas de livros

Bl-De	<i>Grammatik des ntst Griechisch</i> , 9ª edição, 1954. Citado pelo número do parágrafo
CE	<i>Comentário Esperança</i>
Ki-ThW	Kittel: <i>Theologisches Wörterbuch</i>
NTD	<i>Das Neue Testament Deutsch</i>
Radm	<i>Neutestl. Grammatik</i> , 1925, 2ª edição, Rademacher

- St-B *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, vol. I-IV, H. L. Strack, P. Billerbeck  
W-B *Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur*, Walter Bauer, editado por Kurt e Barbara Aland

### III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

- BLH Bíblia na Linguagem de Hoje (1998)  
BJ Bíblia de Jerusalém (1987)  
BV Bíblia Viva (1981)  
NVI Nova Versão Internacional (1994)  
RC Almeida, Revista e Corrigida (1998)  
TEB Tradução Ecumênica da Bíblia (1995)  
VFL Versão Fácil de Ler (1999)

### IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

#### *ANTIGO TESTAMENTO*

- Gn Gênesis  
Êx Êxodo  
Lv Levítico  
Nm Números  
Dt Deuteronômio  
Js Josué  
Jz Juízes  
Rt Rute  
1Sm 1Samuel  
2Sm 2Samuel  
1Rs 1Reis  
2Rs 2Reis  
1Cr 1Crônicas  
2Cr 2Crônicas  
Ed Esdras  
Ne Neemias  
Et Ester  
Jó Jó  
Sl Salmos  
Pv Provérbios  
Ec Eclesiastes  
Ct Cântico dos Cânticos  
Is Isaías  
Jr Jeremias  
Lm Lamentações de Jeremias  
Ez Ezequiel  
Dn Daniel  
Os Oséias  
Jl Joel  
Am Amós  
Ob Obadias  
Jn Jonas  
Mq Miquéias  
Na Naum  
Hc Habacuque  
Sf Sofonias  
Ag Ageu

Zc Zacarias  
Ml Malaquias

### NOVO TESTAMENTO

Mt Mateus  
Mc Marcos  
Lc Lucas  
Jo João  
At Atos  
Rm Romanos  
1Co 1Coríntios  
2Co 2Coríntios  
Gl Gálatas  
Ef Efésios  
Fp Filipenses  
Cl Colossenses  
1Te 1Tessalonicenses  
2Te 2Tessalonicenses  
1Tm 1Timóteo  
2Tm 2Timóteo  
Tt Tito  
Fm Filemom  
Hb Hebreus  
Tg Tiago  
1Pe 1Pedro  
2Pe 2Pedro  
1Jo 1João  
2Jo 2João  
3Jo 3João  
Jd Judas  
Ap Apocalipse

### OUTRAS ABREVIATURAS

O final do livro contém indicações de literatura.

(A 25) Apêndice (sempre com número)

Traduções da Bíblia (sempre entre parênteses, quando não especificada, tradução própria ou Revista de Almeida)

(A) L. Albrecht

(E) Elberfeld

(J) Bíblia de Jerusalém

(NVI) Nova Versão Internacional

(TEB) Tradução Ecumênica Brasileira (Loyola)

(W) U. Wilckens

(QI 31) Questões introdutórias (sempre com número, referente ao respectivo item)

Past cartas pastorais

ZTK *Zeitschrift für Theologie und Kirche*

ZNW *Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*

[ver: Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT (ed. Gordon Chown), Vida Nova.]

### PREFÁCIO AO COMENTÁRIO DAS CARTAS AOS TESSALONICENSES

Muito mais do que Fp e Cl, as duas cartas aos Tessalonicenses oferecem múltiplas dificuldades de tradução e interpretação, tanto em passagens isoladas como em trechos inteiros. O usuário de uma “Bíblia de Estudos” tem o direito de conhecer essas dificuldades sem retoques e de ser conduzido a julgá-las por si mesmo. Por isso tive um receio especial, justamente nessas duas epístolas, de oferecer uma tradução “limpa” em linguagem fluente, esforçando-me de forma singular para apresentar ao leitor o teor do texto grego da maneira mais fiel possível. Há uma abundância de boas traduções em alemão, desde a Bíblia de Lutero até as obras modernas (Menge, Schlachter,

Schlatter, Thimme, Elberfelder, Zürcher). Será benéfico para o leitor ter a seu lado uma versão moderna em boa linguagem. Contudo, justamente nas passagens controvertidas uma boa tradução imediatamente representa uma determinada interpretação, que o próprio leitor deveria, na verdade, elaborar junto com o intérprete. Ainda que uma “Bíblia de Estudos” não pretenda nem possa ser um “comentário teológico”, razão pela qual não precisa entabular uma discussão com todas as demais interpretações, não pode deixar de instruir o leitor acerca das possíveis concepções nos pontos controvertidos, bem como sua respectiva fundamentação. O leitor assíduo da Bíblia certamente terá por si só vários questionamentos relativos ao texto e é bom que saiba que a compreensão da Sagrada Escritura não é uma “edificação” barata, mas um assunto sério e responsável, que demanda análise exaustiva, trabalho dedicado, disciplina mental e uma atitude de oração diante de Deus. O cristianismo atual combina com excessiva facilidade uma sonora veneração geral da Bíblia com seu uso superficial, em que opiniões pessoais são “comprovadas” rapidamente e sem esforço mediante algumas citações bíblicas, sem que se abra os olhos na leitura da Escritura para aquilo que realmente está escrito. Se também o presente volume da Série Esperança servir para que haja melhoria no cristianismo em relação a este ponto, se favorecer uma verdadeira leitura da Bíblia e levar a uma corajosa submissão à palavra da Escritura, ele terá cumprido sua finalidade.

Schwerin, 29 de janeiro de 1959    Werner de Boor

## INTRODUÇÃO ÀS DUAS CARTAS AOS TESSALONICENSES

Quando a equipe missionária de Paulo, Silvano e Timóteo foi obrigada a sair da primeira igreja de Deus no continente europeu, de Filipos, ela não recuou, decepcionada e desencorajada, porém avançou para Oeste. O próprio grupo viu nesse passo a dádiva da franca ousadia que Deus lhe havia concedido de forma maravilhosa (1Ts 2.2). Atos dos Apóstolos informa que na ocasião eles “peregrinaram” pelas cidades de Anfípolis e Apolônia (At 17.1). Uma comparação com Lc 8.1 demonstra que isso não foi necessariamente uma viagem sem paradas nem pregações. Certamente não chegaram a ponto de realmente fundar igrejas. Mas quando os tessalonicenses demonstram amor a “todos os irmãos em toda a Macedônia” (1Ts 4.10), não se pode imaginar apenas Filipos e Beréia. Em muitos lugares da província devem ter existido cristãos isolados e grupinhos de cristãos, que demandavam cuidado especial e que de fato o obtiveram. A narrativa de Lucas, em geral tão parcimoniosa, deve ter tido alguma razão para citar Anfípolis e Apolônia.

Em seguida a equipe chegou a Tessalônica. A cidade foi fundada pelo rei macedônio Cassandro, mais precisamente na região em que várias localidades menores foram colonizadas, entre as quais, sobretudo as termas (que podem ser traduzidas como “fontes quentes”), que haviam dado ao grande golfo vizinho o nome de “golfo das termas”. A nova cidade recebeu o nome de “*Thessalonike*”, provavelmente em honra à esposa do rei, irmã de Alexandre Magno. A forma atual do nome “*Saloniki*” ainda preserva o “k” na sílaba final: *nike* = “vitória”. Também nestas duas cartas os habitantes da cidade são chamados “tessalonicenses”.

A nova cidade havia experimentado um bom desenvolvimento como cidade portuária e comercial, graças à localização favorável junto ao mar e à grande estrada imperial romana, a *via Egnatia*, que ligava Leste e Oeste, indo de Dirráquio a Bizâncio. Para as condições da época ela era uma “metrópole”. Depois de incorporar a Macedônia ao império, os romanos fizeram dela a capital da província e a sede do procônsul. Nesse processo, porém, a cidade preservou certa autonomia, tendo administração própria conduzida por um “politarco”, como At 17.6 também demonstra com bom conhecimento de causa. Paulo gostava de trabalhar nesse tipo de cidade, a partir da qual a mensagem podia ser disseminada para toda a província.

Também aqui o ponto de contato foi a comunidade judaica, que dispunha até mesmo de uma sinagoga em Tessalônica, sendo, portanto, muito mais influente que o pequeno grupo em Filipos, que só possuía um local de oração à beira do rio (At 16.13). Se em At 17.1 for correto ler, apoiado em manuscritos de renome, o artigo definido antes de “sinagoga”, terá existido em Tessalônica até mesmo “a sinagoga” para toda a província. Da comunidade judaica de Tessalônica vem Aristarco, mencionado em At 19.29; 20.4; 27.2; Cl 4.10s como colaborador especial de Paulo. No mais, porém, surge rapidamente um conflito com os judeus: At 17.1-9. A narrativa de Atos dos Apóstolos, no entanto, não obriga a limitar a estadia de Paulo e seus colaboradores em Tessalônica a meras três ou quatro semanas. Nesse curto período teria sido difícil conquistar para o evangelho o “grande número de gregos tementes a Deus e das mulheres distintas não poucas” citado pelo próprio livro de Atos, e de forma alguma seria possível edificar uma igreja tão solidamente organizada e tão bem alicerçada como se pode depreender das duas cartas aos Tessalonicenses. Também o fato de a igreja enviar dois donativos para ajudar Paulo (Fp 4.16) e a ocupação exemplar de um local fixo de trabalho por Paulo e seus colaboradores (1Ts 2.9; 2Ts 3.7-9) tornam imperioso imaginar uma estadia um pouco mais demorada na cidade. Depois das exposições e dos debates nos três sábados mencionados em At 17.2, a sinagoga fechou-se para a mensagem de Jesus, mas nada impedia Paulo de continuar agora em outros recintos – entre eles a casa de Jasão. Dessa maneira a igreja se torna preponderantemente “cristã gentia”, como se percebe com clareza em 1Ts 2.14-16. O sucesso ali produzido já deve ter bastado para logo em seguida inquietar os judeus ao extremo, motivando-os a tomarem as medidas subseqüentes contra os mensageiros. Também esse procedimento teve ter durado um período mais longo, atingindo inclusive os gregos que aderiram a Paulo e seu evangelho. A 1ª carta na verdade diz

que os tessalonicenses aceitaram “a palavra sob grande tribulação”. Por fim devem ter sucedido os episódios narrados por **At 17.5-9**, que forçaram os mensageiros a deixar a cidade por recomendação dos irmãos.

Desconhecemos os detalhes dos acontecimentos posteriores. Atos dos Apóstolos nos fornece apenas um relato sumário que sintetiza semanas e meses em poucas frases. Quantas coisas, porém, preencheram as semanas e os meses, também preocupações pela igreja que foi deixada para trás em grande aflição! Sem cessar os mensageiros lembraram-se dos irmãos de lá, sem cessar intercederam por eles (**1Ts 1.2**). Mas igualmente devem ter chegado até Paulo algumas notícias sobre a continuidade das aflições, a ponto de falar de modo tão determinado sobre elas em **1Ts 3.1-5**. Os três mensageiros, sobretudo Paulo, o dirigente responsável, finalmente não suportam mais as preocupações. Uma carta pedindo informações sobre a situação e encorajando a igreja não bastaria. Um deles tem de ir pessoalmente a Tessalônica, para obter uma visão pessoal da situação da igreja e levar consolo direto para fortalecer os crentes na tribulação. Por isso é enviado Timóteo (**1Ts 3.2**). Paulo assume o sacrifício de permanecer sozinho em Atenas. A informação de Atos (**At 17.14-16**), de que Paulo já se separara de Silvano e Timóteo em Beréia, seguindo sozinho para Atenas, pode ser muito bem harmonizada com as palavras da presente carta. O envio de Timóteo não precisa necessariamente ter acontecido a partir da própria Atenas, depois da chegada dos dois colaboradores bereanos. Até mesmo porque neste caso haveria a dificuldade de que Paulo justamente não esteve “sozinho” em Atenas, mas teria consigo Silvano. Contudo, se ele pedia que Timóteo fosse de Beréia para Tessalônica e que Silvano ainda ficasse em Beréia, ele de fato se sujeitou a “ser deixado sozinho em Atenas”. É provável que então Silvano tenha sido o primeiro a encontrá-lo em Corinto, de modo que o retorno de Timóteo foi um acontecimento especial (como sugere **1Ts 3.6**). Outra possibilidade é que Timóteo veio com Silvano até Corinto passando pela Beréia (como pode, mas não precisa ser presumido a partir de **At 18.5**). Desconhecemos muitos pormenores que nos seriam bastante relevantes para formar um quadro mais completo da época apostólica! De qualquer modo os três mensageiros sentem agora o impulso de escrever em conjunto uma carta à “igreja dos Tessalonicenses”, nossa primeira carta aos Tessalonicenses.

Essa carta foi freqüentemente depreciada. O alemão “faustiano”, que é, sobretudo, um “pensador” e mede o valor de um texto pela magnitude e profundidade dos “problemas” nele tratados, realmente não encontrará “grande coisa” em 1Ts. Até mesmo as duas “questões” consideradas pela carta, a pergunta sobre destino dos membros da igreja que faleceram antes do retorno do Senhor e a pergunta sobre o momento desse retorno, não são respondidas com elaborações teológicas exaustivas e de forma dogmaticamente interessante, mas tratadas de maneira surpreendentemente simples. Quanto mais, porém, nossos olhos e coração são abertos para a realidade da vida divina, e quanto mais o testemunho fundamental dessa vida, portanto se torna importante para nós também na Bíblia, tanto mais predileta e preciosa resulta para nós justamente a “singela” primeira carta aos Tessalonicenses. Justamente pelo fato de essa igreja ainda não obrigar Paulo a dedicar-se a “problemas” especiais, há na carta muito espaço para que toda a plenitude dessa vida seja apresentada. 1Ts é uma carta tão maravilhosamente “jovem”, uma “carta de amor recente”, na qual coração e pena ainda conseguem se deter, sem o ônus de dificuldades eclesiais específicas e indagações teológicas, diante do milagre da formação da igreja, diante de todo o amor e comunhão de uns para com os outros, diante da pulsação vital no trabalho dos mensageiros e no desenvolvimento da igreja. Nessa contemplação recolhemos inesgotáveis desacobertas e ajudas eficazes, ainda que menos para a “dogmática”, e certamente mais para “a teologia prática”. A própria exegese terá de explicitá-lo.

Evidentemente também podemos haurir um ganho fundamental da presente carta para a “dogmática”, desde que estejamos dispostos a ouvir: a posição da escatologia não no final e à margem, mas no centro da fé e do pensamento cristãos! Essa carta não apenas tem algumas passagens escatológicas, mas é “escatológica” de ponta a ponta. O “dia do Senhor” é o ponto focal a partir do qual se forma toda a perspectiva da visão de mundo dos cristãos. Como seria desejável ter uma “dogmática” e uma “ética” que de fato tivessem aprendido de 1Ts nesse aspecto!

Porém um segundo fato nos move quando olhamos para essa carta: este é provavelmente o primeiro e mais antigo escrito preservado da era apostólica e, conseqüentemente, algo parecido com uma célula da qual germinou o NT! Naturalmente não conseguimos determinar com precisão a época de redação da carta aos Gálatas. Mas ainda que aqui Paulo excepcionalmente não tenha seguido a designação das províncias romanas, como se fazia em geral, entendendo “gálatas” como os cristãos em Icônio, Listra e Derbe, não se pode presumir que a crise nas igrejas de lá tenha acontecido tão pouco tempo depois da recém-realizada visita (**At 16.1s**) a ponto de que Paulo tivesse de escrever-lhes a carta aos Gálatas já nos primeiros tempos da missão na Europa, antes mesmo de 1Ts. O “tão depressa” em **Gl 1.6**, porém, é um termo relativo: se nos dias atuais uma jovem igreja, em qualquer campo missionário, depois de dez anos rompesse com seu fundador, nós também exclamaríamos, surpresos e penalizados: “tão depressa!” Com um coração particularmente emocionado abordaremos a presente carta, sabendo que: foi assim que certo dia começou o “escrever” da jovem cristandade, e precisamente aquele escrever singelo, genuinamente epistolar, destinado para aquela atualidade, e que ainda assim, sob a condução do Espírito Santo, se tornou “Bíblia”, fundamentalmente eficaz em todo o vasto mundo até o dia de hoje, sempre que em algum lugar houver pessoas se debruçando sobre 1Ts.

Ao lado da primeira carta, sobre cuja “autenticidade” não é preciso tecer qualquer comentário, existe um segundo escrito à mesma igreja, que realmente nos confronta com uma série de questionamentos. Uma vez que as cartas da Antigüidade não usavam “data”, não sabemos quanto tempo se passou entre a redação da primeira e da segunda carta. Considerando o comentário final em **2Ts 3.17**, e para solucionar diversas dificuldades, alguns pesquisadores até

mesmo tentaram considerá-la a carta mais antiga – evidentemente uma suposição que fracassa já pela circunstância de que justamente 2Ts não traz nenhuma menção de todas aquelas recordações pessoais da época da fundação da igreja, apresentadas com tanta abundância e alegria por 1Ts.

Mas quais são, porém, os questionamentos que levaram pesquisadores sérios a duvidar da “autenticidade” de 2Ts, considerando essa carta como escrita posteriormente por outra pessoa, que usou o nome de Paulo para tentar dizer algo à igreja no começo do séc. II? Não devemos rejeitar de antemão uma opinião dessas, cheios de indignação. No mundo antigo um escrito publicado sob o nome de uma pessoa famosa não era, como hoje entre nós, uma “falsificação” infame e maldosa. Essa prática, pelo contrário, era equivalente ao que faz atualmente um autor ainda desconhecido quando solicita um “prefácio” de uma pessoa renomada, sob cuja autoridade o escrito praticamente é revelado ao público. Se realmente um póster tivesse escrito 2Ts sob o nome de Paulo, sua intenção teria sido expressar: se Paulo vivesse agora e visse as aflições e os perigos atuais da igreja, ele se posicionaria da seguinte maneira diante disso e escreveria deste modo à igreja! Esse autor posterior de 2Ts poderia sem dúvida ser um cristão sério da igreja. Basta recordarmos que era costume naturalmente aceito na historiografia grega antiga inserir discursos na fala dos heróis que eles jamais proferiram naqueles termos, mas com os quais o historiador da época pensava caracterizar de forma melhor a pessoa e a situação. Hoje um ato desses provocaria a mais inflamada revolta entre nós. Naquele tempo simplesmente era costume. Logo, não podemos rejeitar a questão a respeito da autenticidade de 2Ts, mas precisamos examiná-la seriamente.

As dúvidas sobre a autenticidade de 2Ts começam pela escatologia em 2Ts 2.1ss, que para muitos pesquisadores são inconciliáveis com as exposições de 1Ts 5.1-11. Não poderia ser o mesmo Paulo que num primeiro momento desvia a atenção da igreja de todos os cálculos cronológicos a fim de encorajar a vigilância permanente na espera pelo dia do Senhor que viria subitamente, para em seguida, poucas semanas ou meses mais tarde, remeter a mesma igreja para sinais observáveis que precisariam ocorrer antes que o dia do Senhor pudesse chegar! Ou então: se Paulo, como é declarado em 2Ts 2.5, de fato tivesse instruído a igreja com exatidão sobre esses eventos preparatórios, ele já deveria tê-los mencionado em 1Ts 5.1ss quando tratou de “épocas e prazos”; por assim dizer, já deveria ter escrito 2Ts 2.3-8 na ocasião em que escreveu 1Ts 5. Justamente por isso o verdadeiro Paulo, o homem de 1Ts 5.1-11, não poderia ser o autor de 2Ts 2.1-12.

Essa questão terá de ser solucionada pela própria exegese. Não pode ser decidida de an-temão. Neste momento cabe apenas uma observação fundamental. É característico para todo o testemunho bíblico, especialmente em suas partes proféticas, que ele expressa a verdade divina com grande autonomia e liberdade, da forma como fora incumbido caso a caso a essa ou aquela testemunha, sem qualquer pretensão de totalidade e sem qualquer preocupação com um “sistema” inequívoco. Falar de forma “teologicamente resguardada” nunca foi intenção dos homens e mulheres da Bíblia! Um caso muito típico é, p. ex., Lc 1. Os personagens que falam ali, inclusive o anjo de Deus, profetizam sobre João e Jesus, sem explicitar quaisquer fatos específicos de suas vidas – o batismo de João, sua morte como mártir, a cruz de Jesus e sua ressurreição! Será que por isso essas profecias estavam “erradas” ou “imprecisas e superadas”? No entanto Lucas, que conduz de modo tão intensivo para a cruz do Cristo e sua ressurreição, acolheu-as como corretas, verdadeiras e necessárias em seu evangelho! Por isso estaremos redondamente equivocados em relação à Bíblia se o silêncio de determinadas testemunhas sobre pontos essenciais nos levar a concluir que diferentes testemunhos são “inconciliáveis” entre si. Lucas sabia a respeito do Messias, da cruz, da ressurreição, da ascensão e da volta. Mas – o anjo e as pessoas no primeiro capítulo de seu evangelho não dizem nada a respeito disso. Paulo sabia das coisas de 2Ts 2.1-12. Mas agora, em 1Ts 5.1-11, não as explicita. Constantemente aparecem na Sagrada Escritura quadros amplos sobre o todo da verdade divina que momentaneamente revelam apenas alguns traços, sem com isso contradizer linhas bem diferentes seguidas por outras passagens. Por exemplo, um grupo de pintores poderia pintar a mesma paisagem a partir de colinas diferentes e de maneiras diferentes. Com certeza haveria “quadros inconciliáveis”, que, não obstante, todos juntos e cada um por si descortinariam essa poderosa paisagem de forma fiel e verdadeira diante de nós. Por isso tampouco precisa causar estranheza que somente em 2Ts 2.1-12 e em nenhum outro lugar de suas cartas Paulo fale a respeito de uma expectativa de “apostasia” e do “anticristo”. Isso não é feito nem mesmo em 2Ts 1.5s, embora ali na realidade seria “obrigatório” que o fizesse. Se 2Ts 1.5-10 e 2.1-12 constassem em cartas diferentes, novamente se falaria de “inconciliabilidade”, porque na visão do juízo da primeira passagem faltaria totalmente o olhar para o anticristo e seu aniquilamento! Será necessário abordar a questão da inconciliabilidade de conteúdos de 1Ts e 2Ts com grande reserva e sensatez. É somente a exegese em si que poderá alcançar resultados precisos.

No entanto, para o provavelmente mais sério contestador da “autenticidade” de 2Ts, William Wrede, não foram as discrepâncias de conteúdo na escatologia, mas questões relativas ao estilo da carta que o levaram a negar que Paulo fosse autor de 2Ts. Na verdade, quem termina de ler a “jovem carta de amor” para então ocupar-se da segunda epístola, um escrito que deve ter sido enviado à mesma igreja não muito tempo depois, fica chocado, mesmo se dispuser somente de uma tradução. Enquanto em 1Ts tudo era simples, cordial e pessoal, em 2Ts deparamo-nos logo de início com um tom solene que apesar de palavras fortes dá impressão de maior frieza. Tudo é muito mais oficial, litúrgico, permeado de citações do AT, de uma maneira que normalmente não conhecemos da parte de Paulo. Nenhuma palavra mais a respeito de recordações pessoais! Mas acima de tudo: nenhuma palavra mais a respeito do reencontro que havia sido abordado com viva e afetuosa saudade em 1Ts! Nenhuma palavra sobre por que, afinal, o fervoroso pedido de 1Ts 3.10s não se cumpriu. Nenhuma palavra a respeito de novos esforços para uma visita pessoal



em Tessalônica, muito embora as necessidades na igreja tornassem a visita ainda mais necessária em função da perseguição externa, da confusão escatológica e do grupo dos “desordeiros”. Será possível que os mesmos homens, será possível que alguém como Paulo, depois de pouco tempo, escreva à mesma igreja de maneira tão diferente em tom e forma?

Neste ponto, porém, os pesquisadores encontraram um dilema. Quando tentavam compreender e interpretar a carta como uma “falsificação posterior” em vista dessas observações e questões de fato angustiantes, as dificuldades se tornavam muito maiores ainda! Que objetivo um imitador de Paulo poderia ter perseguido com essa carta?! Por que a escreveu? Quando e onde houve, mais tarde, uma agitada e tensa expectativa que dissesse “O dia do Senhor chegou!”? Como um falsificador era capaz de escrever a uma igreja: “Tudo isso eu, Paulo, na realidade vos falei, tudo isso estais sabendo”, quando essa igreja não tinha como saber disso, visto que o Paulo imaginário de 2Ts nunca estivera com ela? Os tessalonicenses não teriam notado imediatamente a falsificação, diante do fato de que na tradição da igreja não conhecia nenhuma palavra de Paulo a respeito do anticristo e do “retardador”? Onde mais tarde se enfatizou de maneira paulina o compromisso de ganhar o pão pacatamente por meio do trabalho com as próprias mãos? Acima de tudo: onde ainda havia igrejas às quais era possível recomendar a disciplina eclesiástica sobre “desordeiros” como um todo, sem ao menos mencionar “detentores de cargos”? Um imitador posterior teria involuntariamente projetado a realidade da igreja de sua época e seu contexto para dentro do escrito “paulino”? Além disso, a leitura atenta da carta revela tantas características “paulinas”, especialmente características paulinas não-intencionais, que uma pessoa de época posterior, vivendo em condições e modos de pensar completamente diferentes, dificilmente teria conseguido alcançar através da mera “imitação”. A isso tudo se soma com todo seu peso a aceitação da carta pela igreja antiga, que avalia a segunda carta como carta genuína de Paulo, tanto quanto a primeira. Será que realmente seríamos tão mais inteligentes e discernentes do que aquelas pessoas que estavam mais próximas da época, história e língua da época apostólica?

A situação, portanto, é que não existe argumento decisivo, tanto de conteúdo quanto relativo à forma, contra a autenticidade de 2Ts. A explicação da carta como um escrito de Paulo e seus colaboradores causa não poucas dificuldades, mas a explicação como obra de um falsificador posterior causaria muito mais!

Nessa situação evidentemente se buscou toda sorte de saídas: tentou-se considerar a segunda carta como a mais antiga, tentou-se compreendê-la como um escrito dirigido a um grupo especial da igreja, mais precisamente um núcleo cristão judeu (A. v. Harnack); lembrou-se que a carta da Antigüidade não era escrita de próprio punho, mas ditada, e muitas vezes nem isso era feito palavra por palavra, mas em tópicos, de cujo desenvolvimento posterior era incumbido o escrevente (Spitta). Será que em sua conversa Paulo só conseguiu passar a Timóteo as coisas mais prementes, tendo de encarregá-lo da elaboração do todo numa proporção maior do que na primeira carta? Contudo todas essas teorias são, em primeiro lugar, impossíveis de comprovar, e em segundo lugar pagam a eliminação de certas dificuldades com a produção de novas e maiores. Se 2Ts for o primeiro escrito à igreja, por que faltam justamente nele as recordações e considerações pessoais, trazidas de modo tão rico e afetuoso por 1Ts? O endereçamento da carta não diz absolutamente nada sobre um núcleo interno da igreja. E será que os “desordeiros” que abandonaram seu local de trabalho estariam justamente no segmento judaico e não no segmento grego da igreja? E ainda que dessa vez Timóteo tivesse de elaborar a carta de modo mais independente, será que não teria sido possível e imperioso que Paulo lhe desse uma palavra-chave sobre a questão tão importante em 1Ts acerca do reencontro pessoal com a igreja? E será que então o enfático “Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas coisas?” poderia ter sido incluído na carta?

Por conseguinte, será necessário que, segundo a antiga tradição eclesiástica, consideremos e expliquemos 2Ts como carta autêntica de Paulo. A própria interpretação evidenciará se isso é exequível ou se, ao lermos a carta com atenção, nos depararemos com um “é impossível que isto venha de Paulo!”. As dificuldades restantes a respeito da mudança no tom e na característica do escrito terão de permanecer em aberto, sem serem bagatelizadas, mas lembrando-nos humildemente a partir de nossa própria correspondência que tanto as nossas próprias cartas quanto as de outras pessoas às vezes se tornam surpreendentemente “diferentes” e que sabemos muito pouco sobre a situação, a constituição interior e as impressões nas quais 2Ts foi escrita. Se soubéssemos tudo, teríamos feito parte pessoalmente do grupo dos três mensageiros. Talvez 2Ts nos parecesse tão “natural” em sua característica que não compreenderíamos como, afinal, alguém poderia se torturar com perguntas sobre a autenticidade!

# **COMENTÁRIO**

## **TRÊS MENSAGEIROS DE JESUS SAÚDAM A IGREJA – 1Ts 1.1**

**1 – Paulo e Silvano e Timóteo à igreja dos tessalonicenses em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo: graça e paz a vós!**

Os mensageiros de Jesus não alteraram arbitrariamente o estilo e costume das cartas de seu tempo para mostrar sua própria singularidade. Singelamente os mantiveram. Designação do remetente, do destinatário e saudação – assim começa esta carta, assim como todas as cartas da Antigüidade.

Trata-se de uma carta “jovem”. Os autores e remetentes simplesmente citam seus nomes sem quaisquer títulos. Afinal, os tessalonicenses sabem quem são esses homens, tendo experimentado intensamente a autoridade deles. Não é necessário enfatizar e fundamentar essa autoridade. Mais tarde isso será diferente. A próxima carta de que dispomos, 1Coríntios, já precisou trazer o marcante título de Paulo. É culpa das igrejas, não de Paulo, que isso aconteça. Ele próprio preferiria ter permanecido nesse relacionamento vivo, afetuoso e inquestionado que ainda é uma grata realidade junto aos tessalonicenses.

- 1 Paulo, Silvano e Timóteo.** Ou seja, *três* homens se apresentam no mínimo como remetentes responsáveis, talvez também como autores da carta. Na Antigüidade uma carta não era escrita diretamente de próprio punho. Era ditada, enquanto o escrevente “desenhava” lentamente palavra por palavra sobre uma superfície áspera. Ou então o escrevente recebia as instruções e palavras-chave necessárias, que eram anotadas em uma placa de cera, para depois redigir sozinho a carta. Logo existe uma série de possibilidades para a confecção dessa carta e a participação de todos os três homens nela. O “escrever” em si deve ter sido providenciado por Timóteo, o mais jovem e último na seqüência. De qualquer modo, porém, três homens se dizem conjuntamente responsáveis por essa carta. Os três homens de forma alguma se reuniram temporariamente para a confecção da carta. Realizavam em conjunto o trabalho entre os tessalonicenses, e também agora em Corinto estão trabalhando juntos (2Co 1.19). É preciso corrigirmos seriamente nossa visão da história, porquanto involuntariamente consideramos Paulo de acordo com nossa própria realidade – particularmente “germânica” – como grande e solitário “gênio” que deliberava de forma autocrática. Cumpre compreender sinceramente este fato: o gigantesco trabalho missionário “paulino” foi, pelo menos na época das grandes fundações de igrejas, “trabalho em equipe”. Igualmente deveremos considerar seriamente o “nós” em todas as vezes em que aparecer na presente carta.

Dentre os colaboradores conhecemos particularmente bem a **Timóteo**, por causa das notícias em Atos dos Apóstolos e nas cartas. Ele vem de Listra e é filho de um grego e uma judia convertida (At 16.1). Por meio de Paulo ele abraça a fé cristã (1Tm 1.2) e, não obstante sua juventude (1Tm 4.12), é recomendado e levado como acompanhante para a segunda viagem missionária por ocasião da nova visita de Paulo às igrejas da Licaônia (At 16.1-3). Torna-se um colaborador cada vez mais aprovado (At 17.14; 18.5; 1Co 4.17; 16.10; 2Co 1.19; Fp 2.20) e integra a delegação que acompanha Paulo quando este leva para Jerusalém o resultado da grande coleta para a primeira igreja (At 20.4). Seu nome consta como co-autor em seis cartas.

**Silvano** deve ser o mesmo “Silas” de Atos dos Apóstolos. Conforme At 16.37 não apenas Paulo, mas também Silas tinha o direito da cidadania romana. Logo é compreensível que ele, assim como Saulo/Paulo, também tivesse dois nomes, que igualmente possuíam certa semelhança sonora. Nesse caso “Silvano” seria a forma latina do nome semita que aparece definido como “Silas”. Se isto for correto, Silvano foi inicialmente um respeitado membro e mestre na comunidade primitiva. Também tinha o dom da profecia. Por ocasião do “decreto dos apóstolos” ele é enviado para Antioquia. Na seqüência, porém, não retorna com a delegação para Jerusalém, mas se estabelece em Antioquia (At 15.22,27,32-34). Não será exagerado concluir que na grande questão da abrangência do evangelho ele fora convencido por Paulo já por ocasião do concílio dos apóstolos e que em Antioquia ele passou a respirar o ar da liberdade para a qual Cristo nos libertou. Seja como for, ele começa a participar da obra de Paulo depois que este se separou de Barnabé (At 15.40). Surpreendentemente ele aparece no final da primeira carta de Pedro (1Pe 5.12) como participante decisivo dessa epístola e, por conseqüência, do trabalho de Pedro. Contudo também uma pessoa de nome Marcos serviu tanto a Paulo como a Pedro (Cl 4.10 e 1Pe 5.13). Essas evidências mostram vivamente o quanto a jovem cristandade era unida, apesar de todas as diferenças e tensões.

A carta é dirigida “**à igreja dos tessalonicenses em Deus, o Pai, e no Senhor Jesus Cristo**”. Que endereçamento! No NT o termo *ekklesia* expressa muito mais que a nossa palavra “igreja”. Ao ler, pensamos involuntariamente: pois bem, essa é uma das muitas igrejas que existem em toda parte. No entanto, uma passagem como Fp 3.6 nos mostra que “a igreja” é algo muito grande, definido e único: o mesmo que Paulo mais tarde chamou de “corpo de Cristo”. Pode ser algo presente em muitas “igrejas” na Judéia (1Ts 2.14) e em outros lugares, mas em todas e em cada uma delas é sempre “A

Igreja”, o corpo único do Cristo. Aqui, pois, a igreja é constituída de “tessalonicenses”. Este fato marca-a de forma nítida: Paulo não conseguiu escrever a nenhuma outra igreja da forma como escreve aos tessalonicenses. Mas essa definição geográfica – acerca de Tessalônica em si, cf. a Introdução – não tem o sentido que atribuímos à nacionalidade das “igrejas” denominacionais quando a noção do corpo único de Cristo se desvaneceu. Sua “localização” essencial é “**em Deus, o Pai, e no Senhor Jesus Cristo**”. O fato de ela ser abarcada por Deus, governada por Jesus Cristo em todas as coisas e enchida e movida pelo Espírito de Deus configura sua existência fundamental. “A igreja dos tessalonicenses em Deus, o Pai, e no Senhor Jesus Cristo” – nesse endereço já repercute a profunda e admirada gratidão que a carta expressará de forma renovada e animada.

A breve saudação “**graça a vós e paz!**” cita o fundamento e o alvo da salvação. Da “graça”, do soberano e infinito amor de Deus, procede a salvação. Ela consiste da “paz” com Deus, assim como na conhecida saudação judaica *shalom* “paz” significa a “salvação” como um todo. No voto final de 1Ts 5.23-28 ambos os aspectos retornarão à nossa perspectiva: o Deus da “paz” e a “graça” de nosso Senhor Jesus Cristo. Aqui no começo a saudação é particularmente curta, como se os autores da carta tivessem pressa em lançar-se o quanto antes na torrente de recordações, gratidão e narrativas com a qual encetam, de imediato, a própria carta.

### A GRATIDÃO PELA POSIÇÃO DA IGREJA – 1Ts 1.2S

**2 – Damos, sempre, graças a Deus por todos vós, mencionando-vos em nossas orações e, sem cessar,**

**3 – recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo.**

Os três homens começam o escrito pelo “**agradecer**”. Nesse aspecto não apenas obedecem a um bom costume. Este “estilo de carta” só reflete o que acontecia repetidamente em numerosas orações. Nelas, fazia-se menção expressa de Tessalônica. E então brotava imediatamente a gratidão. Ainda que uma intensa preocupação movesse o coração dos três em vista da situação em Tessalônica – afinal, a seqüência relata como essa preocupação às vezes se tornava insuportável (1Ts 3.1 e 5) – ainda que houvesse muito a suplicar e exortar, em primeiro lugar os olhos precisavam e podiam dirigir-se repetidamente a tudo o que Deus havia feito em Tessalônica. E por isso: “**Agradecemos sempre**”. Como nossa vida e nosso trabalho se tornam diferentes quando, apesar de todas preocupações e aflições, também nós enxergamos em primeiro lugar e com límpida gratidão aquilo que Deus fez e concedeu!

Na verdade a situação não se limita a um clima geral de alegria e gratidão que poderia ser facilmente dissipado por outras condições. São ações de graças autênticas, que por natureza se dirigem sempre a uma pessoa que concede e que age: “**Agradecemos a Deus.**” É por isso que a gratidão também persiste “**sempre**”, porque os atos presenteadores de Deus são fatos indelévels.

Aqui – assim como em Fp 1.4 – enfatiza-se o “**por todos vós**”, que retorna no final da carta com uma expressão singularmente enfática: 1Ts 5.27. Quando a carta for lida na reunião da igreja, cada indivíduo, mesmo o “desanimado”, o “fraco” e também o “desordeiro” (1Ts 5.14) deve saber: nossos três irmãos agradecem também por mim, apesar de tudo, porque também em mim se concretizou a obra de Deus. Nesse ponto pode ficar especialmente explícito para nós o que é “igreja”: a irmandade que considera com gratidão até mesmo o membro mais insignificante e difícil. “Não querem perder, da irmandade dos santos, o menor.”

**3** A referência expressa aos tessalonicenses nas orações conjuntas decorre de uma “**incessante recordação**”. Evidentemente trata-se da recordação de um amor cujo fervor e profundidade ainda será totalmente revelado ao longo da carta. Quem realmente ama, pensa incessantemente no outro. Assim o “sem cessar” não constitui frase vazia. Apesar disso participa do recordar também nosso querer, ainda mais quando precisa constantemente se impor contra tudo aquilo que tenta ocupar espaço em nosso pensar. Justamente para os servos de Jesus, que precisam se envolver com muitas pessoas, “recordar sem cessar” constitui um fruto espontâneo do amor cordial e também uma constante disciplina intencional do pensamento.

O que, porém, surge perante os três homens quando eles recordam Tessalônica e reiteram os nomes de cada um de seus membros na oração conjunta? O que faz com que se levante sua alegre

gradidão? É a posição interior da igreja, caracterizada pelos três conhecidos termos fundamentais da existência cristã: “fé, amor, esperança”. Naquele tempo essa “tríade” ainda não corria perigo de ser um acorde meramente edificante e sentimental. O conteúdo e o peso dos três termos ainda tinham clareza objetiva. Mas justamente diante de uma igreja “ariana”, com sua tendência para o que é meramente intelectual e sentimental, o Espírito Santo inspira os autores da carta a lançar uma límpida luz sobre a realidade e força total de cada um desses três conceitos através da associação direta com outro, quase oposto.

“**Recordamos vossa obra da fé**”. Se brotasse apenas do espírito humano, essa formulação teria de ser chamada de “genial”. Quantos debates teológicos infundáveis foram travados no curso da história da igreja em torno de “obras” e “fé”? Com quantos equívocos as igrejas resultantes da Reforma precisam se debater nesse aspecto! Não se trata justamente da grande e completa oposição entre “fé” e “obras”? O Espírito Santo, porém, conecta ambas em uma única expressão, assim explicando simultaneamente os dois conceitos. “Fé”, justamente a “fé que justifica” não é a posse fácil de idéias mais ou menos corretas sobre Deus – como, afinal, isso poderia ser considerado nossa justiça perante Deus? Pelo contrário, “fé” é a confiança obediente e a obediência confiante que não é nossa propriedade geral e antecipada, mas que apenas podemos demonstrar repetidamente em determinadas ações (“obras”). Contudo, vale também o inverso: para aquele que experimentou toda a sua ruína perante Deus e encontrou sua única redenção na graça de Deus em Jesus já não existem “obras” que ele seja capaz de realizar por si mesmo e por causa de quaisquer capacidades próprias. Suas “obras” são sempre ações que brotam tão-somente da circunstância de contar, de maneira obediente, com o agir de Deus. Essa “fé na obra”, essa “obra na fé” era visível na igreja em Tessalônica – porventura não se deveria alçar até Deus sem cessar a maravilhada gradidão na recordação desse fato?

Da mesma maneira os autores da carta recordam “**vosso trabalho do amor**”. Novamente os dois conceitos explicitam precisamente um ao outro apenas por meio dessa síntese. Entre nós o “amor” pode facilmente se limitar a mero sentimento cálido, que brota em relação à outra pessoa, mas que não passa de um sentimento volúvel que rapidamente se apaga. Só quando o amor passa para o trabalho concreto em prol do outro é que ele se torna constante e forte. Por isso não é sem motivo que hoje ouvimos com frequência a advertência de que “amor” no sentido do NT não é um “sentimento”. Com essa afirmação, porém, caímos no perigo oposto, e igualmente grave, de pensarmos que dedicação incansável e extremo empenho laborioso seriam suficientes, enquanto todo esse trabalho continua carecendo do melhor, do verdadeiro “coração”: justamente o amor real e afetuoso. Mais tarde Paulo formulará isso de forma precisa em carta à igreja que ora o hospeda, enquanto escreve aos tessalonicenses: “E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará” (1Co 13.3). É precisamente a combinação de ambas as palavras que descreve a verdadeira realidade, sendo que cada um dos dois termos possui o mesmo peso: o **trabalho** do amor é necessário, porém precisa ser trabalho do **amor**. Não seria então motivo de gradidão o fato de que isso existia em Tessalônica?

A igreja, no entanto, igualmente possuía a “**firmeza da esperança em nosso Senhor Jesus Cristo**”. Ambas as cartas aos tessalonicenses mostram com que nitidez todos os detalhes da visão bíblica do futuro estavam diante da igreja desde os primórdios – totalmente diferente do pálido e nebuloso clarão de esperança que em muitos casos restou às igrejas de hoje. Contudo, não poderia acontecer que justamente uma expectativa do futuro tão rica e ardente levasse a uma alienação do presente e seus desafios e angústias, levando a devaneios e fanatismos? Em Tessalônica esse perigo se tornará iminente, como mostra 2Ts. Talvez desde já seja possível notar leves indícios disso (cf. 1Ts 4.11s). Por essa razão o Espírito Santo imediatamente acrescenta aqui uma palavra que no começo parece contrastar com “esperar”: a “firmeza”. O “esperar” se apressa rumo ao que virá. A “firmeza” permanece solidamente parada no presente com seus desafios e sob seus fardos. Também aqui uma palavra elucida a outra. A certeza da vitória vindoura permite superar as árduas lutas atuais, e precisamente essa luta com toda a sua dureza dissipa todas as imagens de meros sonhos futuristas, obrigando à percepção da realidade plena do que está por vir. Por isso foi dado à “esperança” no presente texto um único conteúdo: nosso Senhor Jesus Cristo, o mesmo Jesus que encaminhou seus discípulos à trajetória da cruz e da morte e que, no entanto, como “Senhor” e “Cristo”, é certeza indubitável para os seus, inclusive quanto a seu retorno em glória. Essa esperança que não era fuga para um mundo de sonhos, mas contar com Jesus e perseverar junto dele na perseguição, estava viva

na igreja dos tessalonicenses – porventura Paulo, Silvano e Timóteo não deveriam estar repletos de gratidão por isso?

O adendo “**diante de Deus e nosso Pai**” [que na versão de Almeida está ligado à recordação] foi relacionado na tradução de Lutero às palavras diretamente precedentes. Também isso daria um bom sentido: Jesus Cristo é nossa esperança diante de Deus. É mais provável, porém, que essas palavras encerrem toda linha de pensamento, caracterizando a “recordação” dos autores como algo que não fica enalacrada na esfera humana da amigável lembrança pessoal, mas que acontece “diante de Deus e nosso Pai” e justamente assim vem a ser esse pensamento consciente, possuindo nisso profundidade e per-manência.

### COMO SURGE IGREJA AUTÊNTICA – 1Ts 1.4-10

- 4 – **Reconhecemos, irmãos, amados de Deus, a vossa eleição,**
- 5 – **porque o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção, assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós e por amor de vós.**
- 6 – **Com efeito, vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, tendo recebido a palavra, posto que em meio de muita tribulação, com alegria do Espírito Santo.**
- 7 – **de sorte que vos tornastes o modelo para todos os crentes na Macedônia e na Acaia.**
- 8 – **Porque de vós repercutiu a palavra do Senhor não só na Macedônia e Acaia, mas também por toda parte se divulgou a vossa fé para com Deus, a tal ponto de não termos necessidade de acrescentar coisa alguma:**
- 9 – **pois eles mesmos, no tocante a nós, proclamam que repercussão teve o nosso ingresso no vosso meio, e como, deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro,**
- 10 – **e para aguardardes dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura.**

Da posição atual da igreja, razão de tanta gratidão, o olhar retrocede até o surgimento da igreja. Inesquecível é para os três homens o que vivenciaram naquela ocasião. Inesquecível isso também deve continuar sendo para a igreja. Porque no surgimento de uma igreja autêntica de fiéis acontece a coisa mais grandiosa que jamais poderá acontecer a este mundo. Diante do Senhor que retorna isso será exaltado com alegria de júbilo (1Ts 2.19). Todo operário do reino de Deus deveria ansiar de todo o coração por experimentar algo semelhante!

- 4 Com certeza nenhum ser humano é capaz de “fazer” isso. Quando os três recordam o maravilhoso tempo na grande cidade portuária, não vêem as suas realizações, a sua estratégia missionária, os seus métodos de sucesso, a sua boa teologia. Vêem um milagre de Deus. Por isso consta no topo de toda a retrospectiva a asserção: “**Reconhecemos vossa eleição**”. Não se trata aqui de uma “doutrina” da eleição, que tenta descrever por princípio o agir de Deus, contemplando-o de forma fria e objetiva. Quanta teologia falsa e perigosa surge sempre que se exclui o agir maravilhoso de Deus do acontecimento vivo, presente, tentando enquadrá-lo em seguida em uma “verdade” absoluta morta em um esquema do nosso pensamento! O Deus vivo e verdadeiro (v. 9!), porém, nunca é “objeto” de nosso conhecimento. Ele permanece sempre “sujeito”, cujo agir soberano sempre experimentamos em nós apenas aqui e agora, podendo depois testemunhá-lo no louvor. Por isso também não se pensa na presente carta em todas as conseqüências tão próximas à nossa “lógica” (“logo o grande número dos demais que em Tessalônica não chegaram à fé foi rejeitado por Deus ou até predestinado à condenação”). Nem mesmo recebe espaço no coração dos autores a pergunta: “Por que, afinal, os muitos outros de lá não foram eleitos também?” Pois esses corações estão transbordando de admirada gratidão: em Tessalônica, nessa agitada cidade portuária com seu esplendor e sua miséria, Deus escolheu seres humanos para ser propriedade dele! É somente dessa maneira positiva, em adoração e gratidão, que se pode falar de “eleição”.

É por isso que aqui também consta antes da palavra “eleição” a calo-rosa e alegre interpelação “**irmãos, amados por Deus**”. Ou seja, não um frio “desígnio eterno” foi ferreamente executado em Tessalônica, mas na engrenagem dessa metrópole existem pessoas (acima de tudo também homens, “irmãos”!) – exteriormente sem qualquer distinção em relação aos milhares de outros – sobre cuja

vida repousa o maravilhoso mistério: “amados por Deus!” – Será que não olharíamos com seriedade e alegria bem diferentes para nós mesmos, e será que não lidaríamos de forma muito diferente, honrosa e cordialmente, uns com os outros se sempre estivéssemos conscientes de que o fato de o outro ser meu “irmão” lhe imprime o selo real: “amado por Deus”? Hoje em dia a abertura das pregações usada por nossos antepassados soa barroca demais aos nossos ouvidos, de modo que não podemos mais usá-la. Mas no conteúdo ela é correta e verdadeira: “Amada igreja no Senhor.”

- 5 A eleição de Deus não paira invisível sobre o mundo como uma verdade teórica, mas acontece como história concreta em determinados lugares, pessoas e eventos. Esses eventos são, a princípio, a demonstração da eficácia da palavra: **“porque nossa mensagem de salvação aconteceu em vós não na palavra somente, mas também no poder e no Espírito Santo e com plena certeza.”**

A carta diz “nossa” mensagem de salvação, “nosso” evangelho. Em muitas outras passagens Paulo é capaz de dizer, de modo equivalente, “evangelho de Deus” ou “evangelho de Cristo”. Ambas as formas são igualmente corretas e igualmente fundamentais. A mensagem da salvação é algo muito “objetivo”, tão claro e definido que Paulo em Gl 1.8 amaldiçoaria até mesmo um anjo ou a si mesmo se tivesse a coragem de trazer “outro evangelho”. Contudo esse evangelho “objetivo” de Deus na verdade nem mesmo existe “objetivamente”. Afinal, é sempre evangelho anunciado, a ponto de que a mesma palavra pode ser usada para designar tanto o conteúdo do evangelho como também sua proclamação: **“nosso evangelho aconteceu em vós.”** Por isso trata-se realmente de “nosso” evangelho, que esteve presente em Tessalônica unicamente em nossa pessoa e em nosso falar. Por isso também hoje nenhum pregador pode fugir para dentro da “pura doutrina”, uma doutrina que o exima da responsabilidade de fazer com que este mesmo evangelho se torne também evangelho “dele”, e somente assim, sendo “dele”, “aconteça” naquelas pessoas específicas.

Dito isso, essa mensagem divina a princípio não passa de uma palavra humana com toda a sua questionabilidade e impotência. “Palavra somente” é um sopro de ar, a coisa mais frágil que se pode imaginar, e seu conteúdo é, na melhor das hipóteses, uma “opinião”, uma “afirmação”, uma entre muitas outras. Seria nada mais que natural se a “palavra” em Saloniki ecoasse sem vestígios na agitação do trabalho, no comércio, no divertimento e em uma série de disputas em torno de opiniões. Agora, porém, aconteceu que a palavra não continuou como **“palavra somente”**, ela se tornou *dynamis* (“dinamite!”), **“poder”**. Não foi apresentada apenas como “opinião”, mas testemunhada com **“plena certeza”**, gerando plena convicção também nos ouvintes! Não continuou como palavra da opinião humana e da arte humana de convencimento, mas esse falar humano aconteceu “no Espírito Santo” com seu poder divinamente despertador e divinamente argüidor. Somente assim e nunca de outra forma a igreja de Jesus surgiu no mundo. Somente assim e nunca de outra forma ela também surge nos dias de hoje. Mesmo que constantemente procuremos com amor criativo por “novos caminhos” para a missão e evangelização e tentemos colocar a serviço do evangelho o rádio, o filme, música e jogos, permanece decisivo única e exclusivamente que também em nossa proclamação aconteça o milagre que vale a respeito dela: **“não na palavra somente, mas também no poder e no Espírito Santo e com plena certeza.”**

No entanto, quando isso acontece, podem ser tranqüilamente invocados como testemunhas todos os que o presenciaram: **“Pois sabeis como foi nosso comportamento entre vós e por amor de vós.”** É característico que esse testemunho não se refere apenas à pureza da doutrina, e de qualquer modo não apenas à proclamação como algo isolado, mas à pessoa dos mensageiros como um todo. Em 1Ts 2.8 encontraremos o complemento disso, na atitude dos mensageiros em relação à sua incumbência. É bem verdade que a Reforma tinha razão quando ensinou aos pregadores e ouvintes do evangelho que abstraíssem todas as qualidades pessoais dos pregadores e conselheiros pastorais e olhassem exclusivamente para a palavra divina em si. A palavra do pregador e a absolvição pelo conselheiro são válidas “não por causa da pessoa, mas por causa do mandato” (cf. Confissão de Augsburgo, art. VIII). Isso não deixa de ser uma grande e consoladora verdade. Mas ela continuará sendo verdade viva unicamente se for conjugada com a outra certeza do NT, aqui proferida pelos três mensageiros e confirmada por uma igreja inteira: sempre somos testemunhas do evangelho com todo o nosso ser, com todo o comportamento. Por mais “correta” que seja, a proclamação se torna ineficaz quando é possível dizer ao mensageiro o que um aborígene respondeu a um missionário: “O que fazes fala tão alto que não consigo ouvir o que dizes!” Mais adiante na carta (1Ts 2.10) Paulo, Silvano e Timóteo voltarão a apelar ao testemunho de Deus e da igreja em benefício de sua atuação em Tessalônica: o que “faziam” falava nítida e claramente no sentido de corroborar o que “diziam”.

6 A “eleição” evidencia-se no fato de a palavra se tornar eficaz. Contudo, por um lado essa eficácia não pode continuar isolada e, por outro, produz necessariamente efeitos nos ouvintes, nos quais se torna visível. Pessoas, algumas pessoas específicas, **“aceitaram a palavra”**. Isso é admirável. Afinal, era uma mensagem estranha e escandalosa (“loucura para o pensamento grego e “escândalo” para os ouvidos judeus – 1Co 1.18ss). Ademais se trata de uma palavra que não apenas movimentava os pensamentos, mas que buscava atrair para si toda a existência do ou-vinte. Não é raro que as pessoas gostem de ouvir pregações e palestras evangelísticas, que mexem um pouco com seus pensamentos e sentimentos. Mas a verdadeira e real “aceitação”, o receber – como será dito em 1Ts 2.13 – não como palavra humana, mas como palavra de Deus, ou seja, como palavra que a partir de agora determina totalmente a existência, *isso* é maravilhoso, tanto na cidade macedônica daquele tempo quanto hoje entre nós. Além disso a autenticidade dessa aceitação foi imediatamente posta à prova. “Aceitar” essa mensagem logo cobrava um preço. Desde o começo acarretou “muita tribulação”. Mas agora acontecia o que de forma alguma era humanamente esperado: nos duros sofrimentos a alegria pela palavra não sucumbiu rapidamente, não foi descartada como causadora de aflição, mas **“recebestes a palavra em meio a muita tribulação com alegria do Espírito Santo”**. No meio das aflições os tessalonicenses não deixaram de ser pessoas ditosas e convictas. Milagres assim são realizados por Deus através do evangelho.

É justamente por isso que não se trata de casos isolados. Nessa questão os tessalonicenses se tornaram “imitadores” daqueles que os haviam antecedido nesse caminho. Os três mensageiros haviam sido boas “testemunhas” também por terem sofrido tudo isso pessoalmente. Experimentaram o “doce ato milagroso” de Deus (Lutero), aprendendo que nenhum tormento nem perseguição eram capazes de apagar essa alegria. Com gratidão constatavam agora: **“E vos tornastes nossos imitadores.”** Na vanguarda dessa trajetória, porém, segue o próprio Senhor, que em sua implacável caminhada para a cruz falara de “sua alegria” (Jo 15.11). Assim os tessalonicenses também se tornaram **“imitadores do Senhor”**. Constatamos: ainda que raramente encontremos em Paulo aquelas expressões tão relevantes nos evangelhos, não deixa de haver espaço na atuação apostólica para a grande causa do “discipulado”, do “discipulado no caminho rumo à cruz”. Por meio do “evangelho paulino” os tessalonicenses estão no “discipulado”, para o qual Jesus convoca nos evangelhos.

7 Como “imitadores” os tessalonicenses por sua vez se tornam **“modelo”**. De fato existe uma certa “sucessão apostólica”, uma “corrente” que vem do próprio Senhor, que passa pelos apóstolos e que se estende cada vez mais pa-ra o mundo. Contudo não é uma corrente de sacramentos, mas uma corrente de efeitos vivos do Espírito, chamada de modelo-imitador. O alcance desses efeitos tem amplitude diversa, dependendo da força espiritual viva em uma igreja. Os tessalonicenses se tornaram **“um modelo para todos os fiéis na Macedônia e Acaia”**. O que aconteceu e continuava acontecendo em Tessalônica, esse poderoso despertar, essa alegria constante em todas as tribulações, havia atraído muitos olhares para ela. A igreja em Tessalônica era realmente “uma cidade sobre o monte que não pode permanecer escondida” [Mt 5.14]. Onde quer que haja cristãos, na própria Macedônia e até ao Sul, na Acaia, cristãos falavam de Tessalônica, fortalecendo-se com o exemplo dessa igreja.

8 Porém, evidentemente muito além do âmbito cristão **“destacou-se vossa fé em Deus”**. Naquela época, com o tráfego intenso nas grandes estradas imperiais romanas – a própria Tessalônica estava localizada à beira de uma delas, a “via Egnatia” – e pelo mar era possível que a notícia dos acontecimentos se alastrasse para longe a partir de uma cidade comercial e portuária como justamente Saloniki. De qualquer modo os três homens devem ter experimentado muitas vezes: ao tentar relatar acerca de suas grandiosas experiências em Tessalônica, eram interrompidos: “O quê? Vocês são Paulo, Silvano e Timóteo?! Foram vocês que tiveram acolhida lá e realizaram coisas tão marcantes?! Já ouvimos muito a esse respeito!” **“Portanto, não temos necessidade de acrescentar coisa alguma”**, escrevem eles aos amigos.

9 Por mais profundo que tenha sido o relacionamento de Paulo com Filipo durante toda a vida, a igreja de lá não causou um impacto tão intenso. Não de Filipo, a primeira igreja européia de Jesus, mas **“de vós repercutiu a palavra do Senhor não só na Macedônia e Acaia”**. Tanto mais significativo é que a cordialidade especial do afeto para com Filipo não foi turbada pela eficácia menor dessa igreja. No NT o que conta não é a “grandiosidade”, nem a magnitude das realizações para o Senhor.

A igreja dos tessalonicenses só conseguiu apresentar o efeito da ampla difusão porque a “eficácia da palavra” não apenas levou à “aceitação” e à “alegria”, mas junto com a “aceitação” e por meio dela produziu-se uma guinada total na vida de pessoas daquela cidade. Foi justamente *isso* que se tornou tão visível que alvoroçou tanto os ânimos, era disso que os viajantes falavam, de **“como, deixando os ídolos, vos convertestes a Deus”**. Também entre nós não são “verdades”, nem mesmo as mais belas e profundas descobertas, nem as doutrinas mais bíblicas e fiéis ao credo que se tornam impulso salvífico para o ser humano, mas somente as mudanças reais e transformações radicais na vida de pessoas. Conversões claras constituem, em todas as épocas, uma parte muito eficaz da evangelização! “Aceitação” da palavra sem “conversão” permanece sendo mais que duvidosa.

É muito importante que vejamos como se caracteriza aqui a “conversão”. Viemos de um longo período em que o cristianismo foi transformado em moral. Praticamente perdemos a primeira tábua dos mandamentos. Ela não tem mais importância em nosso juízo sobre nós mesmos e sobre outros. Retivemos tão-somente a segunda tábua, ainda que pela perda da primeira ela corra o real perigo de desaparecer cada vez mais. Por isso, ao ouvir o termo “pecado”, imaginamos imediatamente o roubo, imoralidade, injustiça e toda sorte de vícios. Conseqüentemente, diante de “conversão” imaginamos a mudança e melhoria moral em uma dessas áreas. É justamente por isso que as pessoas corretas rejeitam, ofendidas, a exigência descabida de que se “convertam”. Antes se convertam os adúlteros, bebedores, porque com certeza têm necessidade disso, mas nós seguramente não! É verdade que em Tessalônica também deve ter havido cristãos que vinham do charco da grande cidade portuária. Em 1Ts 4.1-8 percebemos que muitos membros dessa igreja metropolitana grega ainda estavam bastante próximos da leviandade na vida sexual e profissional. Mas não se fala nada disso agora no tocante à sua conversão! Aqui não estava em jogo que pessoas tivessem se tornado sexualmente mais limpas e mais honestas no tocante ao dinheiro. O melhoramento moral também pode ser obtido de diversas outras maneiras. Em contraposição, nem mesmo o cristão jamais estará “pronto” na esfera moral. Não, a transformação realmente total na vida dos tessalonicenses aconteceu de forma muito mais penetrante, na base mais profunda de sua existência: em seu relacionamento com Deus! **“Converteram-se para Deus afastando-se dos ídolos”!** É isso que está em jogo na “conversão”, tanto naquele tempo quanto hoje.

O relacionamento do ser humano com Deus não é “religião” no sentido de um “ramo” especial e em geral bastante secundário entre suas múltiplas manifestações vivenciais. Portanto não é verdade que o ser humano seja uma personalidade, um profissional, membro de uma família, cidadão de um Estado e se ocupe com uma atividade predileta, tendo, além disso, uma ou outra religião, talvez a “cristã”. Não, o relacionamento com Deus é o verdadeiro cerne de sua essência como humano, tão certo como o ser humano foi criado à imagem de Deus. Na queda, esse relacionamento com Deus não foi simplesmente perdido como a peça avulsa de uma máquina que de resto continua funcionando. Muito pior: o relacionamento foi deturpado e falsificado, tornando-se justamente assim a verdadeira fonte de toda a perversão e degeneração do ser humano. Sem “Deus” a pessoa simplesmente não consegue viver. Essa é a “prova” permanente de Deus e da verdade do relato da criação. Contudo, visto que já não conhece o “Deus vivo e real”, ele passa necessariamente a transformar outra coisa em “deus”. Essa é a origem de todas as “imagens” e “ídolos” aos quais o ser humano sem Deus está escravizado, inclusive o “ateu” moderno, saiba e queira ele ou não. O ser humano precisa ter algo “supremo”, algo “ab-soluto”. Não consegue viver no relativismo conseqüente. Mas justamente algo “relativo”, qualquer objeto criado, qualquer ideal produzido por ele mesmo é transformado em absoluto, de modo que passa a ser seu “ídolo”. Fundamentalmente não há diferença se o “ídolo” é representado por meio de uma imagem de mármore ou por meio dos mais sublimes pensamentos filosóficos: ele sempre trata como “Deus” aquilo que afinal não é realmente Deus. Vários anos depois da presente carta Paulo delineará em Rm 1.18ss a deformação e corrupção da humanidade forçosamente decorrentes disso.

Acontece o milagre salvador na vida de uma pessoa quando DEUS vem ao encontro dela com sua poderosa palavra, presenteando-a com a libertação de seus ídolos e com o retorno a si mesma. Essa é a “conversão” que a mais civilizada e nobre pessoa necessita tão imperiosamente como a mais maltrapilha e degenerada. Mediante a conversão sua vida foi de fato “renovada” no âmbito e, conseqüentemente, em sua totalidade, até mesmo quando moralmente ainda restem muitas falhas e defeitos nela.



É digno de nota que na sucinta descrição das conversões havidas em Tessalônica seja trazido primeiro o *positivo*: **convertidos a Deus**, para longe dos ídolos. A tendência de moralização facilmente torna mais importante para nós o lado negativo, o soltar-se de um e outro “ídolo”. É nisso que se fixa nosso olhar: “convertido do fumo, convertido da bebida, convertido da mentira.” Achejar-se a Deus parece quase como um grato resultado, obviamente secundário, desse soltar-se. Para a Bíblia acontece o contrário! Grandioso e decisivo é que uma pessoa encontra, pode encontrar o Deus, vivo e verdadeiro. É isso que renova radicalmente a sua vida. Retorno ao lar divino: é isso que importa! Nisso então estará necessariamente incluído o desprendimento dos ídolos. Mas esse desprendimento somente terá êxito como processo vital autêntico quando a glória do Deus verdadeiro raiar sobre uma pessoa. Do contrário ele continuará sendo uma tentativa de auto-redenção sob a lei. A conversão só se torna “evangélica” pela anteposição do positivo.

Naturalmente uma conversão dessas, um retorno desses ao lar, às origens perdidas, propicia aquela “alegria do Espírito Santo” que clareia a vida de maneira imperdível mesmo sob “muitas tribulações”. Mas o principal nesse caso não é nossa “felicidade”! O lema de evangelização “Venha até Jesus, e você será feliz” distorce o cerne da questão de forma perigosa. A conversão genuína justamente liberta do eu, desse ídolo e mentor singular da maioria das pessoas. Com poderosa simplicidade o Espírito Santo o pronunciou aqui na sucinta frase: **“convertidos para servir!”** A palavra “servir” é derivada da condição de escravo, de servo da gleba, designando a total dedicação no serviço, que sem restrições coloca tudo à disposição de outros, corpo e alma, tempo e bens, força e dons. “Escravos de Jesus Cristo”, esse era o título de honra que alguém como Paulo gostava de usar para si e seus colaboradores (cf. Fp 1.1). **“Ser servo integral do Deus vivo e real”**, essa é a glória do novo *status* dos tessalonicenses. A tal ponto foi que levou a eficácia da palavra.

Está claro: não há estágios de transição entre ser um servo dos ídolos e ser um servo do Deus vivo. Não há como “evoluir” de um para outro, não há como “crescer” de uma situação para a outra. Prevalece aqui somente a opção inequívoca entre um ou outro, e para passar de uma para outra, há somente a ruptura da conversão.

- 10 Na seqüência vem a ser altamente significativo para a natureza do primeiro cristianismo que ao “servir” é imediatamente associada uma segunda característica básica da vida cristã: **“e para aguardardes dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura”**. A mensagem do “que vem” de forma alguma era só um “apêndice” ou um capítulo final para avançados, mas constituía parte central da evangelização em si, sendo um fundamento essencial para o chamado ao arrependimento. Também nesse caso, portanto, o “paulinismo” preservou os alicerces dos três primeiros evangelistas de forma surpreendente! “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mc 1.15) é a síntese de toda a proclamação de Jesus em uma só frase. Mas com essa mesma frase também poderíamos resumir a proclamação dos três mensageiros em Tessalônica!

Também para Jesus a chegada da soberania de Deus não é o começo de uma florida primavera, mas juízo e revelação da ira de Deus. Por isso também Paulo menciona, entre as coisas que virão, primeiramente a “ira”. Justamente quem deseja entoar corretamente, quem deseja testemunhar devidamente o “cântico dos cânticos do amor” (1Co 13), assim como “Deus exalta seu amor para conosco” (Rm 5.8), precisa ter nítida ciência da ira de Deus, que desde já “se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos humanos” (Rm 1.18) e que está por vir com toda a sua terrível gravidade. Todos aqueles que colocaram seus “ídolos” no lugar do verdadeiro Deus são réus dessa ira, grandes e pequenos, bons e maus. Salvar-se desse juízo da ira é a pergunta vital de cada ser humano.

Existe somente uma única Pessoa que possui o poder para essa salvação. É Jesus, o filho de Deus. Por essa razão esse Jesus é tão indispensável para cada ser humano, independentemente de quem seja. Porque esse Jesus passou pessoalmente pelo juízo da ira em nosso lugar. Deus aceitou essa vicariedade de Jesus em favor de nós, “acordou-o dentre os mortos”, assentou-o à sua direita nos céus, confirmando precisamente assim o direito divino de Jesus de salvar a todos os que se confiarem a ele.

Vemos com surpreendente nitidez a concordância dessa evangelização em Tessalônica com o discurso no Areópago em Atenas (At 17.16ss.). Logo este discurso não é de forma alguma uma livre invenção de Lucas, como se tentou afirmar diversas vezes, mas reproduz com conhecimento de causa os exatos traços básicos que determinam constantemente as palestras de uma pessoa como Paulo

diante de audiências gregas: aos ídolos é contraposto o Deus vivo e verdadeiro, ao qual cada ser humano pertence originalmente. Atesta-se a ira vindoura no juízo desse Deus. Jesus, o filho de Deus ressuscitado dentre os mortos, é oferecido como único salvador desse juízo. Daí resulta o chamado à fé e à conversão.

A salvação da ira vindoura, porém, não é apenas algo negativo, ainda que imprescindível. Trata-se evidentemente – como nos evangelhos – de uma salvação em direção ao vindouro reino dos céus. Em função disso brotava em cada pessoa que entendia e “aceitava” essa mensagem uma ardente e ansiosa “espera” pela aparição de Jesus nos céus. Porque na terra se acumulam os tribunais, o império antidivino dos “ímpios” surge das profundezas (cf. 2Ts 2). Jesus, porém, arranca os seus dessa condição (isso faz parte da execução da “ira”!), unindo-os consigo e trazendo-lhes a gloriosa consumação, conforme leremos em 1Ts 4.13-18. Por isso o “**aguardar**” de Jesus não precisa ser exigido e ordenado artificialmente como algo obrigatório. É algo estabelecido com e na vivência cristã como tal. É um traço inerente à igreja, da mesma forma como a proclamação do que virá constitui traço inerente à mensagem da salvação.

Por isso, se na igreja atual muitas vezes falta a “espera”, não é porque lhe falta “algo”, mas porque ela carece da compreensão fundamental da mensagem toda. O anseio pela felicidade pessoal, o apego ao próprio eu, a transformação do cristianismo em moral, o desconhecimento da ira de Deus, a “graça barata”, a não-compreensão do ato de Jesus na cruz e a perda da expectativa do Senhor vindouro – tudo isso é uma única e coerente degeneração do cristianismo.

### **SÃO ASSIM OS VERDADEIROS** **“OBREIROS DO REINO DE DEUS” – 1Ts 2.1-12**

- 1 – Porque vós, irmãos, sabeis, pessoalmente, que a nossa estada entre vós não se tornou infrutífera.**
- 2 – Mas, apesar de maltratados e ultrajados em Filipos, como é do vosso conhecimento, tivemos ousada confiança em nosso Deus, para vos anunciar o evangelho de Deus, em meio a muita luta.**
- 3 – Pois a nossa exortação não procede de engano, nem de impureza, nem se baseia em dolo,**
- 4 – pelo contrário, visto que fomos aprovados por Deus, a ponto de nos confiar ele o evangelho, assim falamos, não para que agrademos a homens, e sim a Deus, que prova o nosso coração.**
- 5 – A verdade é que nunca usamos de linguagem de bajulação, como sabeis, nem de intuítos gananciosos. Deus disto é testemunha.**
- 6 – Também jamais andamos buscando glória de homens, nem de vós, nem de outros, embora pudéssemos, como enviados de Cristo, exigir de vós a nossa manutenção.**
- 7 – Todavia, nos tornamos carinhosos entre vós, qual ama que acaricia os próprios filhos.**
- 8 – Assim, querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a própria vida; por isso que vos tornastes muito amados de nós.**
- 9 – Porque, vos recordais, irmãos, do nosso labor e fadiga; e de como, noite e dia labutando para não vivermos à custa de nenhum de vós, vos proclamamos o evangelho de Deus.**
- 10 – Vós e Deus sois testemunhas do modo por que piedosa, justa e irrepreensivelmente procedemos em relação a vós que credes.**
- 11 – E sabeis, ainda, de que maneira, como pai a seus filhos, a cada um de vós**
- 12 – exortamos, consolamos e admoestamos, para viverdes por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória.**

- 1** A primeira frase traz uma síntese de tudo o que foi dito até aqui. Pelo fato de essas conversões terem acontecido com tamanha alegria, que nenhum tormento conseguiria sufocar, pelo fato de existir essa igreja que se colocava à disposição para servir ao verdadeiro Deus, esperando pelo Senhor vindouro, por isso **“vós, irmãos, sabeis, pessoalmente, que a nossa entrada até vós não aconteceu em vão”**. Esse “não em vão” é o alvo do empenho de Paulo durante toda a vida. Mesmo logo antes de sua possível morte como mártir ele se preocupa em relação à amada igreja em Filipos, para que de modo algum “tenha corrido em vão ou trabalhado inutilmente”(Fp 2.16). Dificilmente seremos espiritualmente superiores a alguém como Paulo se pensarmos que podemos abrir mão tão facilmente

dos frutos visíveis de nosso serviço e nos consolarmos tão rapidamente com aquilo que “a eternidade um dia revelará”. Nenhum trabalhador honesto deseja atuar “em vão”, e porventura não indagaríamos nós pelo fruto claro e inequívoco no caso da profissão mais sublime e importante que existe na face da terra, a de um “trabalhador do reino de Deus”?!

Com a menção da “**nossa entrada**” o olhar se dirige agora da obra de Deus em Tessalônica para a atitude dos próprios mensageiros. Também aqui existem recordações inesquecíveis que a própria igreja deve confirmar e preservar.

**2-5** As exposições subseqüentes da carta precisam ser enfocadas e compreendidas diante do pano de fundo histórico daquele tempo, tão certo como justamente nesse caso também se destacam com nitidez concreta como válidas para cada época e situação. Pois os três homens de forma alguma foram os únicos “missionários” que apareceram solitários nas cidades gregas, como personagens jamais vistos! Eram simplesmente três entre centenas de pregadores, com os quais podiam ser muito facilmente confundidos. O próprio Jesus falou em Mt 23.15 sobre a intensa atividade missionária dos fariseus e escribas que “percorrem o mar e a terra para fazer um prosélito”. Sobretudo no território grego viajava uma inestimável multidão de “missionários” das mais diferentes visões de mundo, filosofias e cultos religiosos, incontáveis oradores itinerantes, terapeutas, curandeiros, milagreiros artistas, músicos e atores de toda espécie. A época agitada estava repleta de buscas e indagações. Seguramente muitos desses homens estavam cheios de honesta convicção de realmente serem capazes de trazer respostas a essas buscas e perguntas. Mas até mesmo eles com demasiada facilidade representavam enganadores enganados que viviam e agitavam “**por desvairamento**”. Quantas vezes essa atividade itinerante se tornava um “**pretexto para a ganância**”. “**Com ardis**” tentava-se tirar dinheiro dos trouxas. Até mesmo más intenções de cunho sexual (“impureza”) devem ter-se mesclado nesse contexto (cf. 2Tm 3.6). Uma vida sem trabalho, vivida às custas de outros, todo tipo de aventuras de cunho duvidoso ou pelo menos a “**honra**” do homem famoso capaz de relatar seus sucessos aqui e acolá no mundo, reunindo grandes multidões em torno de si – essas eram as reais molas propulsoras da vida de muitos viajantes. O “**discurso bajulador**”, que apelava para a vaidade dos ouvintes e tentava conquistar tanto a eles quanto a seu favor e seu bolso, representava um meio permanente para o sucesso.

Utilizamos os termos-chave decisivos do presente trecho para caracterizar os numerosos “concorrentes” dos mensageiros de Jesus naquela época. Isso não é por acaso. Foi precisamente a referência a toda aquela concorrência que gerou a marca pessoal dos autores nesta carta. E não poderiam esperar outra coisa em uma cidade estranha do que serem vistos, a princípio, como iguais aos visitantes anteriores ou até mesmo aos que trabalhavam diretamente ao lado deles. Precisamos visualizar isso de maneira bem concreta se quisermos aquilatar o peso da tarefa que se apresentava constantemente a Paulo e seus colaboradores. Nessa situação tudo dependia de que os ouvintes notassem a diferença total que separava os mensageiros de Jesus de todos os demais pregadores itinerantes. Somente quando todas as desconfianças desapareciam é que os corações realmente se abriam para a mensagem. Porém a mais profunda diferença das testemunhas de Cristo precisava mostrar-se às pessoas com uma clareza realmente brilhante, para que nem agora nem mais tarde as suspeitas levadas para dentro das jovens igrejas pelos adversários judaicos e helênicos do cristianismo e de seus mensageiros criassem raízes. A simples razão de que a presente carta chega a tratar dessas questões indica que a preocupação de Paulo a respeito da conduta dos tessalonicenses sob a pressão das perseguições também deve ter sido influenciada pela dúvida se, afinal, as laboriosas e venenosas difamações dos inimigos não causariam impressões aqui e acolá. Em Corinto, onde Paulo se encontra no momento, ele ainda terá de experimentar isso de forma muito amarga. Talvez tivesse notícias de que em Tessalônica havia pessoas tentando solapar o nome dos mensageiros ausentes. Em contraposição, somente a memória pessoal da igreja depunha em favor da conduta experimentada dos três. Por isso a presente passagem apela repetidamente para essa memória.

Na verdade, o que as imputações dizem, aquilo que se pode constatar em tantos pregadores itinerantes daquela época, é extremamente “humano”. Tem raízes ocultas em todos nós. Leiamos o trecho com a sensação: “Como, afinal, Paulo, Silvano e Timóteo poderiam proteger-se contra essas coisas? Na realidade isso não tem nada a ver conosco!”? Nesse caso nosso autoconhecimento é ainda muito deficiente. Ainda que estejamos protegidos de degenerações grosseiras nessa área, cada

obreiro do reino de Deus é constantemente ameaçado por elas de forma sutil. E com que rapidez isso também fica flagrante em muitos casos!

Por que os três conseguem se apresentar com franqueza e liberdade perante a igreja? Serão porventura pessoas “melhores”? Não, uma única palavra é decisiva nessa questão, citando o fundamento exclusivo de sua confiança: não a palavra “nós”, mas a palavra “Deus” é que determina o presente trecho.

Desde já essa palavra é usada como justificativa para toda a vinda dos três para Saloniki. **“Apesar de ter sofrido e sido ultrajados em Filipos, como é do vosso conhecimento.”** Na expressão grega para “ultrajar” está uma palavra que designa o atrevimento torpe. É difícil sofrer. É ainda mais difícil ser refém da violência e da soberba de pessoas. Foi o que os três experimentaram em Filipos (At 16.19-24), e suas costas ainda estavam feridas. Numa situação dessas, qualquer modo de pensar meramente humano adverte: cuidado! De forma alguma retornem tão já a uma atividade tão perigosa! Mas os três **“obtiveram ousada confiança em nosso Deus, para vos anunciar o evangelho de Deus”**. Aqui o texto grego traz uma derivação daquele termo que gostamos de reproduzir com “alegria”, levando assim a um grande equívoco. “Não consigo me alegrar com isso...”, dizemos em grupos devotos. Mas “alegria” é um absoluto mal-entendido do termo “ousadia” usado por Lutero. De maneira alguma se trata de nossos sentimentos “alegres”, que seguramente não existiam nos homens com os lombos cheios de vergões! Pelo contrário, trata-se da coragem plenamente livre e sem falsa cautela de fazer algo. Essa coragem foi dada por **“nosso Deus”**. Não é em vão que consta aqui a palavra “nosso”. Os três não servem a um Deus distante e frio, mas um Deus que está próximo deles, que não os deixará sozinhos na cidade estranha nem um minuto sequer, que disponibiliza inesgotáveis novas forças para eles e ao qual tantas vezes já puderam provar sozinhos nisso. Essa causa de Deus, o **“evangelho de Deus”**, é o que têm a expor mais uma vez. Eles não se envolveram no novo trabalho por impulso pessoal, mas como pessoas açoitadas, encorajadas e empoderadas unicamente por Deus. Que contraste diante dos demais!

A atuação no novo local aconteceu **“em meio a muita luta”**. Isso pode significar que também em Tessalônica uma série de dificuldades e lutas se levantou imediatamente contra essa atuação (cf. At 17.5). Mas o apóstolo Paulo emprega o termo “luta” e “lutar” em Cl 2.1; Cl 4.12; Rm 15.30 especificamente para a luta em oração. Por isso tenta expressar também aqui com quantas ardentes súplicas e preces aconteceu a evangelização em Tessalônica. Será que nossas evangelizações com frequência são tão destituídas de poder e frutos porque na verdade não sabemos adicionar esse “em meio a muita luta”?

- 4 As frases a seguir levam a recordar todos aqueles motivos falsos e perigosos que podem se imiscuir em nosso serviço a Jesus. O que arrancou esses motivos desses três mensageiros de Jesus? **“Pelo contrário, visto que fomos aprovados por Deus, a ponto de nos confiar ele o evangelho, assim falamos.”** Podemos escolher pessoalmente visões de mundo, artes e religiões, decidindo e preparando-nos depois também para propagá-las. O evangelho, porém, somente pode ser obtido quando ele nos é confiado pelo próprio Deus. Mas quanta confiança de Deus reside no fato de ele colocar em nossas mãos a sua própria mensagem, sua mensagem salvadora, decisiva sobre a vida eterna de pessoas! Ele o faz como o **“Deus que prova nosso coração”**! Porventura o único resultado possível desse exame não será sempre a consciência de que somos totalmente imprestáveis para um serviço desses? Afinal, a Reforma nos acostumou à auto-avaliação. O lamento e gemido sobre nós mesmos parecem ser a única atitude correta e viável. Contudo – o juízo de Deus é outro! Independentemente de que isso pareça possível ou não, precisamos reconhecer: Paulo declara que somos “aprovados” por Deus para que nos seja confiado o evangelho. O “exame” de Deus obteve um resultado positivo surpreendente! Paulo repetiu a mesma afirmação a respeito de si mesmo diante de Timóteo em outra passagem significativa: “Sou grato para com aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me considerou fiel, designando-me para o ministério” (1Tm 1.12). Tampouco você, obreiro do Reino convocado pelo próprio Deus, poderá mudar isto: por mais que você duvide de si mesmo, o evangelho foi confiado a você, você foi aprovado por Deus.

A partir disso, você só poderá chegar a uma única conclusão, a mesma desses homens: **“assim falamos, não para agradar a humanos, mas a Deus, que prova o nosso coração.”** No relacionamento humano já é fato a que a confiança demonstrada – principalmente a “imerecida” – possui uma enorme força de sustentação e transformação. Quem, no entanto, tiver experimentado essa suprema prova de confiança por parte de Deus, passa por uma transformação decisiva. Agora já

não se preocupará com o julgamento das pessoas, mas visará “agradar” unicamente “a Deus”, esse Único, cuja incompreensível confiança conferiu um conteúdo completamente novo à vida do ser humano. Por decorrência, fica inequivocamente claro: falamos não a partir de “**um desvairamento**”, mas da mais límpida e clara verdade e realidade. Todas as “**impurezas**”, todas as motivações imundas são amortecidas sob essa luz. Todos os “**ardis**”, toda a “diplomacia” já não têm lugar no iluminado recinto dessa confiança.

- 5 Diante da seriedade e glória de nossa incumbência, porém, morre também aquela inclinação profunda e fatal de adular pessoas, disputando o favor delas. Os próprios tessalonicenses sabem: não houve nos lábios de Paulo e seus companheiros nenhum “**discurso bajulador**”. Porém a “**avareza**”, pelo menos na forma sutil que se alegra com toda sorte de vantagens e presentes, também reside no profundo do nosso ser. Será que neste caso nosso zelo, nossas andanças para lá e para cá não se tornam de fato um “pretexto”, atrás do qual na realidade existe algo bem diferente: a idéia secreta desse ou daquele ganho material? Já quem compreendeu e compreende que a proclamação da mensagem de salvação não é uma “profissão” como as outras, mas a incompreensível incumbência na qual o evangelho nos é confiado pelo próprio Deus, esse comparece em seu serviço de tal maneira perante Deus, que suas motivações se tornam puras também nessa área cheia de tentações, de modo que poderá invocar a Deus por testemunha: “**nem sob o pretexto da ganância, Deus é testemunha.**”
- 6 Mais profunda e tenazmente aninhada em nós está a vaidade, “**buscar a honra perante as pessoas**”. Já nos passos até o púlpito ou a plataforma podemos tê-la como companheira, e no caminho de volta somos tomados de assalto pela avidez de reconhecimento e sucesso. Talvez nós mesmos a odiemos como algo baixo e vil. Mas de nada adianta a luta pessoal contra ela. Só quando somos sobrepujados pela constatação de que há muito obtivemos a maior honra de todas e o maior reconhecimento de todos, “**fomos aprovados por Deus, a ponto de ele nos confiar o evangelho**”, é que a sorrateira busca de honra humana perde o poder sobre nós.

Que nós, obreiros do reino de Deus, paremos de considerar nosso serviço como uma obviedade a que estamos acostumados! Que compreendamos também que intensa confiança pessoal o santo e vivo Deus demonstrou ao nos chamar para seu serviço e que coisa inconcebível na verdade é ele ter “confiado o evangelho” a nós! Até nas mais abscondidas profundezas de nosso coração e de nossas motivações, nosso serviço seria diferente do que freqüentemente é agora! Como um fogo purificador essa consciência consumiria todo cansaço, toda indisposição e todas as motivações impuras!

A renúncia à honra propiciada por humanos não tem nada a ver com aqueles complexos de inferioridade que infelizmente são muitas vezes confundidos com a humildade cristã. Ser incumbido pelo próprio Deus e, por conseqüência, obter a posição de “autorizado por Cristo” confere a nós uma dignidade máxima. Os três mensageiros sabem muito bem que “tinham o poder de se apresentar com a importância de pessoas autorizadas do Cristo”. Mais tarde Paulo às vezes colocará todo o peso dessa dignidade, com toda a sua importância (cf. especialmente Gl e 2Co), sobre a balança. O discurso de um obreiro do reino de Deus não deve se guiar pelo lema: “Queiram desculpar o fato de eu estar aqui, dizendo tudo isso a vocês”, mas pela plena convicção: “Falo a vocês com a mais sublime autoridade, e do fato de vocês ouvirem ou não dependem vida e morte para vocês!”

- 7-12 O que pode nos proteger de cruzar as tênues linhas que delimitam a falsa dignidade e as reivindicações fatais? A carta emprega as duas figuras de “mãe” e “pai” para descrever o comportamento dos mensageiros. Obviamente ambos possuem uma dignidade imperdível. Mas nenhum deles têm como chamado mais íntimo apegar-se a reivindicações, senão “partilhar”. A mãe “**acaricia os filhos e cuida deles**”. O pai preocupa-se com seriedade plena com a trajetória de cada filho: “**como um pai a seus filhos, vos exortamos e encorajamos e admoestamos.**” A força motora na mãe e no pai é aquela força que, desinteressada e doadora, precisa continuar sendo inexplicável: o amor.

Nenhuma missão, nenhuma evangelização, nenhum trabalho eclesial pode ter êxito se este milagre não acontecer: pessoas estranhas “**tornam-se amadas para nós**”, e nós somos “**cordialmente atraídos até elas**”. Isso não é algo que nós possamos “realizar” por nós mesmos. Provocaríamos tão-somente uma luta repulsiva. Contudo o Deus que nos envia cria essa preciosidade, assim como fez com que naquela época, na ruidosa cidade portuária, pessoas desconhecidas e estranhas viessem “**a se tornar amadas para nós**”.

Então nos tornamos “**carinhosos entre vós**” como uma mãe e nos tornamos “**prontos a partilhar convosco**”. Por natureza todos nós buscamos o oposto: segurar, economizar, poupar, preservar para

nós. Escudamos solidamente o espaço de nosso eu, para que penetre até nós a menor quantidade possível de sofrimento alheio e alegria alheia, e para que os outros recebam de nós somente aquilo que pode servir como mercadoria de troca que produz o ganho que desejamos para nós, sejam em recompensas, seja ao menos em gratidão e reconhecimento. Quem ainda tem essa constituição é imprestável para o serviço na igreja de Jesus e não construirá nada. Na vocação divina para o serviço desperta a **“prontidão de sofrer com os outros,”** de abrir as barreiras e liberar de forma incondicional aquilo que serve unicamente ao próximo.

- 8 Os três acrescentam: **“prontos a partilhar não apenas o evangelho de Deus, mas também nossas próprias almas”**. Será que a “partilha do evangelho” ainda inclui uma “prontidão” especial? Porventura existem pregadores e conselheiros espirituais que não passam adiante de bom grado o evangelho que lhes foi confiado? Eles existem, sim! Até mesmo Timóteo precisa ser advertido mais tarde por Paulo: “Anuncia a palavra, esteja presente – oportuno ou não – insta as consciências, critica, encoraja, com muita paciência e de todas as formas de instrução” (2Tm 4.2). Muito mais freqüentes, porém, são entre nós os que por um lado são pródigos com o evangelho, mas por outro poupam a si e suas vidas. Novamente nosso serviço corre o risco de se tornar mera “profissão”. O servo autêntico de Jesus doa-se integralmente, assim como seu Senhor não apenas entregou sua palavra, mas a si mesmo, por inteiro. **“Nossas almas”** consta no texto. É bem verdade que no NT “alma” muito freqüentemente pode significar simplesmente “vida”. Nesse caso a frase representaria o empenho total da vida a que os mensageiros estiveram dispostos em Tessalônica. Contudo certamente seria errado depreender do termo *psyché* apenas uma palavra para “vida”. O NT também confirma a noção geral de todos os povos de que existe uma “alma” no ser humano. Por isso a presente carta suplicará no final (1Ts 5.23) pela preservação da “alma” no retorno do Senhor. E por isso precisaremos de um entendimento abrangente: como tantas vezes no NT ensina-se aqui um autêntico “subjetivismo”. Justamente a exposição da pura doutrina objetiva não resolve nada. É preciso que venha acompanhada do engajamento pessoal, que envolve inteiramente em nosso serviço o coração, o ser e a vida, nada reservando nem retendo para si mesmo.
- 9 Esse engajamento possuía ainda outra configuração na vida de Paulo – e naquele tempo com certeza também na de seus colaboradores: **“Noite e dia labutando para não ser peso para nenhum de vós, proclamamos entre vós o evangelho de Deus.”** Em toda a sua atuação Paulo insistiu em assegurar seu sustento por meio do trabalho de suas mãos. Apenas aos filipenses ele permitiu, excepcionalmente, que contribuíssem para seu sustento pessoal (cf. Fp 4.15). A razão é clara e não se esgota na justificativa **“não ser peso para ninguém”**. Era aqui o ponto em que podia se tornar mais nítido que um mensageiro de Jesus era algo totalmente diferente que a grande multidão que percorria a região para fugir do trabalho e obter dinheiro de forma cômoda. Todas as suspeitas e difamações deviam ser rechaçadas pelo fato: Paulo não aceita dinheiro das igrejas, ele se sustenta com seu próprio trabalho. É evidente o enorme peso que Paulo assumia com isso! É verdade que ele não precisava cuidar de uma família. Pessoalmente era modesto e sobrevivia com pouco. Não conhecia acordos coletivos de trabalho com o compromisso de cumprir determinada jornada ou normas de produção. Mas não obstante: ao lado do trabalho integral de evangelização com extenso aconselhamento pastoral (“exortei a cada de vocês...”) ele ainda fabricava tendas (ou tecia tapetes) durante longas horas. **“Porque, vos recordais, irmãos, do nosso labor e fadiga”** era algo que ele realmente podia afirmar, e o **“noite e dia trabalhando”** não era exagero! Seguramente era preciso investir muitas horas noturnas no trabalho profissional e na oração abrangente e incessante. Quem de nós, atuais obreiros do reino de Deus, se queixa de sua “sobrecarga” certamente precisa silenciar perante alguém como Paulo.
- 10 Em favor de todo seu comportamento os três podem invocar por testemunhas tanto a igreja como Deus. Eles mesmos sabem que estão indefesos contra a crítica e a ignorância dos afastados. Mas **“os que crêm”**, que como tais são capazes de discernir e cujo discernimento é a única coisa que interessa, têm de confirmar **“o modo por que devota, justa e irrepreensivelmente procedemos em relação a vós os que credes.”** Uma vez que até mesmo o melhor olho humano pode cometer equívocos, os três se colocam ao mesmo tempo diante da face de Deus: **“Vós sois testemunhas e Deus.”** É de um “atestado” desses que todo obreiro do reino de Deus precisa.
- 11 No final do trecho o olhar retorna dos mensageiros para a própria igreja e sua posição. No início obviamente se salienta uma importante faceta do serviço dos mensageiros: **“Afinal sabeis de que**

**maneira, como pai a seus filhos exortamos, encorajamos e instamos a cada um de vós.**” Ou seja, justamente naquelas primeiras igrejas “vivas” não se esperava que agora, depois de uma conversão tão clara, com uma disposição dessas de servir a Deus, e diante de uma espera tão intensa pelo retorno do Senhor, “tudo já se normalizaria por si”. Não, os apóstolos já parecem ter experimentado o que Booth-Tucker certa vez escreveu a Karl Studd: “Salvar almas é relativamente fácil. Não atinge nem de perto o grau de dificuldade que representa a tarefa de transformar essas pessoas salvas em santificadas, guerreiras de Deus e salvadoras.” Empenham-se por **“cada um”**. Será que nós também o fazemos? Será que empenhamos esforço suficiente, que nem mesmo pode ser expresso com uma única palavra, mas torna necessário o acúmulo das três palavras **“exortar, encorajar e instar”**?

Qual é, porém, a finalidade desse engajamento? Quantas vezes o cultivo do entendimento é unilateralmente salientado entre nós! Para Paulo e seus colaboradores importava a **“conduta”**, a condição cristã realmente vivida.

Na seqüência torna-se visível toda a verdadeira libertação da “lei”. Também aos fariseus e escribas importava a “conduta”, a vida real. Por isso, empenhando toda a argúcia, buscavam captar e definir com precisão em cada mandamento e proibição toda a plenitude imaginável dos casos práticos. Em cada situação, a pessoa deveria encontrar uma prescrição inequívoca acerca do que a lei de Deus demanda dele. As centenas de “mandamentos” da Escritura foram transformadas em milhares de instruções detalhadas, para cujo aprendizado era preciso nada menos que um longo estudo. Aqui na igreja de Jesus não se nota mais nada disso, embora a “conduta” esteja em jogo com a mesma profunda seriedade. Toda a “ética cristã” pode ser resumida numa única palavra: “digna”, a saber, a conduta **“digna de Deus, que vos chama para seu reino e glória”**. Essa ética, portanto, não é “moral”, e sim “escatológica”. Extrai seus parâmetros não da lei, não do passado, não das exigências do presente, mas do futuro! Tão real e poderoso é esse futuro. “Herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo”, futuros príncipes da terra, sacerdotes reais, futuros juizes do mundo, futuros participantes da glória do próprio Deus conduzem-se de modo singular, em consonância com sua alta nobreza. Isso não precisa ser fixado em milhares de pormenores: isso se evidencia em cada situação para a própria pessoa dignificada. Obviamente, para que isso se transforme em ação e verdade, necessita-se, neste mundo e nesta época, que os cristãos sejam repetidamente exortados, encorajados e instados.

A ética cristã em nossas igrejas evangélicas em geral não está acima da ética moral burguesa. Nossa “santificação” é sem força, ou se perde em arbitrariedades, não apresentando grandeza nem profundidade. Por que é assim? Porque perdemos o futuro e, junto com o futuro, o parâmetro! É por isso que a vida de muitos cristãos se torna tão insossa e sem conteúdo tão pouco tempo após a sensação e alegria da conversão. Sim, somos salvos, ainda gostamos bastante de participar da vida da igreja, mas nada mais arrasta o olhar, o coração e a ação para frente de forma poderosa. A vida torna-se vagarosa. É preciso que re-aprendamos o princípio de tudo: **“que vos convoca para seu reino e glória!”** Conseqüentemente, haverá uma incansável e grande busca que preenche a vida toda: andar dignamente conforme essa sublime vocação! Então esse “futuro” se tornará “presente” desde já em nossa vida, como 1Ts 5.1-11 explicitará de modo especial. Como se modificam, então, os parâmetros! Como a vida toda adquire uma característica nova, quase que funesta e assustadora para o ser humano natural e para o cristão morno, medíocre, uma característica que na verdade faz brilhar ao mesmo tempo, de forma realmente beatificadora, o “transcendente”, o “vindouro”! É assim que as pessoas se tornam verdadeiras “testemunhas” daquele outro mundo, que com tanta facilidade é descartado como “lenda”! Não é de admirar que os fundadores da igreja despendessem tanto empenho em levar cada indivíduo na igreja a uma atitude dessas.

O todo constitui ao mesmo tempo um exemplo bastante eloqüente para a unidade indissolúvel entre “indicativo” e “imperativo”, que perpassa todo o NT. Deus nos chama para o seu reino – isso é pura dádiva, pura alegria, pura certeza! Contudo, nisso reside ao mesmo tempo plena tarefa, pleno empenho, pleno sacrifício – “de andar dignamente conforme esse chamado”, que não nos leva mecanicamente, ou dormindo, até o alvo. Foi isso que Paulo experimentou em sua própria conversão e vocação. O fato de Jesus chamar seu inimigo e perseguidor era graça inconcebível, pura bondade, presente imerecido da vida eterna. Mas – “eu lhe mostrarei o quanto terá de sofrer pelo meu nome”(At 9.16)! Exatamente esse chamado misericordioso transforma a vida de Paulo naquela torrente de trabalho e sofrimento que o próprio Paulo nos descreveu em 2Co 11.23-30.

## A PALAVRA ATUANTE CONDUZ À PERSEGUIÇÃO – 1Ts 2.13-16

- 13 – Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes.**
- 14 – Tanto é assim, irmãos, que vos tornastes imitadores das igrejas de Deus existentes na Judéia em Cristo Jesus; porque também padecestes, da parte dos vossos patrícios, as mesmas coisas que eles, por sua vez, sofreram dos judeus,**
- 15 – os quais não somente mataram o Senhor Jesus e os profetas, como também nos perseguiram, e não agradam a Deus, e são adversários de todos os homens,**
- 16 – a ponto de nos impedirem de falar aos gentios para que estes sejam salvos, a fim de irem enchendo sempre a medida de seus pecados. A ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente.**

A “jovem” carta ainda não visa, como os escritos posteriores, grandes temas especiais ou necessidades específicas da igreja, que demandassem sua atenção. Ainda tem tempo de simplesmente abordar a condição do outro, como uma verdadeira “carta de amor”, mostrando como essa condição toca o coração dos autores.

- 13** Novamente é **gratidão** que os três precisam externar, gratidão “**incessante**”. Aquilo que eles experimentaram no surgimento da igreja é demasiado maravilhoso e grandioso. A “eficácia da palavra”, da qual falava o começo da carta (1Ts 1.4ss), passa a ser observável a partir de um lado diferente.

Os tessalonicenses receberam “**a palavra que por nós foi levada a vossos ouvidos**”. Consta aqui *lógos akoés* = “palavra da audição”. Ocorre que o termo *akoé* = “ouvir, audição” evidentemente também pode designar o conteúdo do ouvir, ou seja, aquilo que foi ouvido, a notícia, o comunicado. Por isso é traduzido geralmente por “pregação”. Mas dessa maneira a condição de “ser anunciada” seria entendida como essencial na “palavra”. Será que o grego de fato não percebia mais que na locução *lógos akoés* o essencial da “palavra” está no fato de ser ouvida? Olhando para Rm 10.17: “Logo a fé vem *ex akoés* – será mesmo “da pregação”? Sem dúvida, porém ela vem de fato justamente apenas da pregação *ouvida*. Por isso será mais correto e mais condizente com nossa responsabilidade traduzir: “Logo a fé vem do ouvir.” Na presente passagem da carta seguiremos a versão de A. Schlatter, que de maneira muito feliz inclui na descrição da atividade de proclamação também a responsabilidade de ouvir.

É no “ouvir” que acontece a decisão. Será que estou ouvindo apenas “pessoas”? Então continuo em posição superior, que considera essa “**palavra de humanos**” correta ou errada, bela ou menos bela. Trata-se do acontecimento cabalmente decisivo em nossa vida, quando, ao ouvirmos a palavra trazida por pessoas, conseguimos esquecer as pessoas e ouvimos o próprio Deus falar a nós. É isso, por conseqüência, que leva missionários, evangelistas, pregadores e conselheiros espirituais à incessante gratidão admirada, quando presenciam em pessoas “**que a acolhestes não como palavra de homens, e sim – como de fato é – como palavra de Deus**”. Isso não pode ser produzido por arte humana, nem por loquacidade popular, um novo vocabulário, zelo ardente, método de cunho antigo ou novo. Aqui é “**eficaz em vós, que credes**”, a palavra de Deus, isto é, o próprio Deus – o pronome relativo pode tanto ser relacionado com “Deus” como com “palavra”, uma vez que no grego ambos são masculinos.

A palavra trazida aos ouvidos dos tessalonicenses era “**em verdade**” “**palavra de Deus**”. Para o cristianismo primitivo, a “Palavra de Deus” é, por conseqüência, não apenas a Bíblia, mas toda a proclamação. Tampouco era apenas a dos “apóstolos” em sentido restrito. A mesma coisa vale para aquilo que Silvano e Timóteo disseram em Tessalônica: “Não palavra de humanos, mas palavra de Deus.” E Pedro formulou esta idéia de forma análoga para o falar de todos os cristãos: “Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus” (1Pe 4.11). Lutero, portanto, tem razão com sua perspicácia particularmente penetrante para aquele tempo: “Evangelho, porém, não significa nada mais que pregação e gritaria sobre a graça e misericórdia de Deus, merecida e conquistada pelo Senhor Jesus Cristo com sua morte, não o que consta em livros e se formata em letras, mas uma pregação verbal e palavra viva, uma voz que ressoa no mundo inteiro e é exclamada publicamente, de modo que seja ouvida em todo lugar. Por isso ela tampouco é um livro de leis com muitos bons



ensinamentos, como foi considerada até hoje” (WA vol. 12, p. 259). Em vista disso, também nós precisamos entender novamente que pregação e proclamação não são apenas “explicação” de uma palavra de Deus, que “em si” existe apenas na Bíblia, mas que cada verdadeiro pregador de fato fala “palavra de Deus”, e que pode, e até mesmo deve, acontecer o milagre de que também hoje, aqui e agora, pessoas acolham essa proclamação “não como palavra de humanos, mas – como de fato é – como palavra de Deus”.

- 14 Em seguida aparece um “**pois**” muito estranho. Afinal, ele expressa que a frase iniciada por ele deve fundamentar as afirmações da “atuação” de Deus e de sua palavra nos que crêem. Em que, afinal, se nota que Deus “é eficaz em vós, que credes”? Nos felizes sentimentos da proximidade de Deus, de paz e alegria no coração? Não! A característica verdadeira é muito diferente, e para a cristandade de hoje e amanhã é muito importante e consolador ler e ponderar o seguinte: “**Pois vos tornastes imitadores das igrejas de Deus... porque também padecestes da parte de vossos próprios patrícios...**” A palavra eficaz de Deus conduz para a perseguição e faz com que nela sejamos aprovados!

Exemplares foram nisso “**as igrejas de Deus, que estão na Judéia em Cristo Jesus**”. Que descrição paradigmática do que é “igreja”! Igreja é, acima de tudo, “igreja de Deus”. Por isso jamais se pode acrescentar o pronome possessivo “nossa” ou “minha” à palavra “igreja”. Mesmo Paulo nunca teve coragem de afirmar, acerca das igrejas cujo “pai” era de fato: “minha igreja”. Cumpre preservar para a igreja a dignidade e inviolabilidade de ser igreja de Deus e pertencer exclusivamente a ele. Como as histórias eclesiais antiga e nova teriam transcorrido de forma diferente se isso tivesse sido sempre observado! Essa “igreja de Deus” vive a cada momento em um determinado ponto geográfico, e não deixa de ser importante para sua história concreta. “**Igrejas de Deus que estão na Judéia**” sofrem uma perseguição particularmente séria e participam do destino interior e exterior do judaísmo, que caminha em direção à grande catástrofe. Mas esse ponto geográfico não é sua verdadeira “situação”. O “lugar” essencial de todas as igrejas, sua verdadeira pátria, é Jesus. Também essas igrejas de que se fala aqui não deixam de estar, como igrejas na Judéia, “**na Judéia em Cristo Jesus**”. Significativo é, enfim, também o plural. Não se trata de uma igreja maior, consolidada, mas de “**igrejas**” que evidentemente se encontram lado a lado com plena autonomia. Em consonância, não encontramos nem mesmo em Paulo qualquer esforço de o quanto antes coligar Filipos, Tessalônica e Beréia em uma “igreja macedônia”. Também nessa questão ele se limitou a falar de “igrejas de Deus, que estão na Macedônia em Cristo Jesus”. Esse estar em Cristo de fato significava unidade suficiente.

- 15 A palavra sobre a aflição das igrejas na Judéia leva a declarações sobre os judeus que facilmente podem ser lidas e entendidas como “anti-semitas”, ainda mais quando compreendemos a tradução de Lutero - “contrariamente a todas as pessoas” - como aversão das “pessoas” contra os “judeus”. Contudo, dois fatos previnem de imediato contra esse mal-entendido: em primeiro lugar, o escritor dessas linhas é ele mesmo um judeu, e, em segundo, os cristãos de Tessalônica “**sofreram o mesmo da parte de seus patrícios (arianos)**”. Os “arianos”, portanto, não são melhores do que os judeus na relação com a causa de Deus! No comportamento e destino de Israel, o “povo eleito”, tudo é apenas expresso de forma mais inequívoca. Contudo é nisso que o olhar se concentra totalmente: está em jogo a posição do ser humano, isto é, do judeu, perante Deus. Aqui não se critica a qualidade racial do judeu, não se lhe imputam essas ou aquelas debilidades morais, porém em Israel fica claro como o ser humano lida com Deus. Justamente esse “povo eleito” “**também matou o Senhor Jesus e os profetas**”. Justamente eles, que foram inundados pelo amor de Deus, “**não agradam a Deus**”. Justamente eles, que deveriam ser os emissários de Deus à humanidade, são “**hostis a todos os seres humanos**” com orgulho egoísta, tendo “**duramente perseguido**” a Paulo e seus colaboradores e tentando impedir a entrega da mensagem de salvação “**aos povos**”.

- 16 Em (Filipos e) Tessalônica os “povos” não agiram de forma diferente. Contudo sem dúvida pesa sobre Israel uma responsabilidade especial. Por isso seu comportamento também serve de modo peculiar “**para encher sempre a medida de seus pecados**”. Por isso também “**já veio sobre eles a ira para o fim**”. Não é por acaso que essa sentença da presente carta nos encarrega de questões especiais de interpretação: nela já pressentimos o “mistério” que Paulo analisará mais tarde em Rm 9-11 (cf. Rm 11.25). O que significa sobretudo essa “**ira para o fim**”? Será que só significa “completamente” ou “agora em definitivo”? Ou será que a expressão assinala a “medida extrema” dessa ira? Em termos meramente gramaticais *eis télos* pode significar tudo isso. Mas então se trataria

de um cálculo simples (e até mesmo quase “judaico!”), que já não teria “mistério”. Nesse caso somente mais tarde Paulo teria descoberto as linhas divinas no mistério de Israel, limitando-se aqui a uma simples condenação veemente. Porventura ele, como judeu, era capaz de pensar assim? E não somente como judeu, mas também como pesquisador da Escritura e evangelista? Não é mais provável que suas descobertas posteriores já lampejassem ao menos rudimentarmente na reflexão sobre a resistência judaica de que foi alvo? Em que, afinal, Paulo via a ira “vinda já sobre eles”? Naquele tempo a grande catástrofe do ano 70 ainda estava distante. Em Rm 1 ele considerava que a ira de Deus fora revelada às nações a partir do céu justamente pelo fato de terem sido entregues ao pecado. Porventura não deveria igualmente ver na resistência de Israel ao evangelho, nessa furiosa rejeição de uma mensagem que visava justamente trazer paz e glória a Israel antes de todos os povos, a operação daquele que visita a empedernida incredulidade dos judeus ao longo dos séculos de busca divina, e obrigando os judeus “a encher a medida de seus pecados”? Não é somente assim que essa expressão da “medida cheia” adquire plasticidade bíblica? Contudo Israel tem de fazê-lo sob a ira – “até o fim”, “até o alvo”. Em seu grande plano Deus acolheu até mesmo a oposição do povo da sua aliança. No término e alvo determinados, porém, virá o grande dia do reconhecimento e da profunda contrição, o dia de Damasco de todo o povo, para que “assim todo Israel seja salvo” (Rm 11.26), como Deus prometeu por meio dos profetas e como o próprio Jesus sugeriu misteriosamente em Mt 23.39.

Essa é a situação dos “judeus”. Qual é, porém, a realidade dos tessalonicenses que “sofrem o mesmo de seus próprios patrícios”? É justamente isso que o intenso e vivo amor dos mensageiros tenta descobrir.

### O AMOR AUTÊNTICO É REALISTA – 1Ts 2.17-20

**17 – Ora, nós, irmãos, orfanados, por breve tempo, de vossa presença, não, porém, do coração, com tanto mais empenho diligenciamos, com grande desejo, ir ver-vos pessoalmente.**

**18 – Por isso, quisemos ir até vós (pelo menos eu, Paulo, não somente uma vez, mas duas); contudo, Satanás nos barrou o caminho.**

**19 – Pois quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda (parusia)? Não sois vós?**

**20 – Sim, vós sois realmente a nossa glória e a nossa alegria!**

**17** Paulo encontra-se no novo e intenso trabalho em Corinto, a partir do qual se originou posteriormente a importante igreja de Corinto. Mas isso não faz com que os tessalonicenses tenham menos espaço em seu coração! Os laços com eles são tão vivos e indelévels que os mensageiros se sentem “**órfãos de vós até a presente hora**”. É verdade que podem acrescentar imediatamente: “**segundo o semblante, não segundo o coração**”. Contudo isso caracteriza agora a concepção do ser humano como um todo (assim como da criação em geral): em toda a Bíblia ela é “realista” e não “platônica”, e esse adendo não tem em absoluto a conotação de que a saudade é “apenas segundo o semblante – ou seja, não é tão problemática, afinal, a comunhão espiritual no coração é o principal”. Não: por maiores e mais sólidos que sejam os laços íntimos, por mais plenamente vivos que estejam no pensar, agradecer e pedir, a consequência desse adendo, surpreendendo nossa falsa “interioridade”, é justamente o contrário: nós “**com tanto mais empenho diligenciamos, com grande desejo, ir ver vosso semblante**”. Isso é bíblico! O ser humano é por natureza uma unidade de espírito, alma e corpo. Toda vida real é “corpórea”. Por isso o amor genuíno também anseia pela presença física do outro.

Isso é importante para toda irmandade verdadeira e, em decorrência, para a vida real da igreja também hoje. Será que compreendemos que “irmandade” requer a vida conjunta de fato, a comunhão vital concreta? Será que nós também fazemos de tudo para rever constantemente “**o semblante dos irmãos com ardente desejo**”? Hoje nossa vida comunitária está tão gravemente danificada, porque tantas pessoas imaginam que a simples “lembrança dos outros” basta para poderem ser cristãos sozinhos! Mas um amor que não tem saudade da presença física do outro e por isso aproveita todas as oportunidades para encontros reais não é amor bíblico.

**18** Por isso os três não somente “**quiseram**” ir a Tessalônica no sentido em que nós tão facilmente dizemos “querer”, quando na realidade o sentido é “até que gostaríamos”. Trata-se de resoluções

firmes. Não apenas uma vez o próprio Paulo decidira viajar para Tessalônica. Houve uma segunda ocasião para essa decisão. Não sabemos quando foram tomadas essas decisões – talvez a primeira já em Beréia, e a segunda depois em Atenas? Seja como for, por meio dessas alusões obtemos uma idéia de como os dias de Paulo estavam preenchidos de pensamentos, planos e experiências dos quais não suspeitamos nada ao ler o breve relato de Lucas.

Como é que resoluções tão firmes podiam, apesar de tudo, permanecer não-executadas? **“Contudo impediu-nos Satanás.”** De que forma Satanás fez isso? Como alguém como Paulo reconhecia que o impedimento provinha do Espírito de Deus (como em At 16.6) ou do inimigo? Não recebemos resposta aqui. Fato é que em At 16.6 consta uma palavra mais branda, que pode bem ser entendida como impedimento íntimo, ao passo que na presente passagem é usada uma derivação de *koptein* = “golpear”: Satanás “interferiu golpeando”. Será necessário pensar em acontecimentos violentos de ordem externa que frustraram o plano de Paulo tomado como certo, e por trás dos quais ele percebia a ação do grande adversário.

- 19** O amor autêntico abarca a comunhão com os outros até a eternidade. Essa, porém, já constitui uma expressão errada, visto que “eternidade” é um termo filosófico frágil, não usado dessa forma na Bíblia. Para a Bíblia o futuro consiste em “eras cósmicas vindouras”. Esses *éons* vindouros serão vividos por pessoas corpóreas, ainda que seu corpo seja bem diferente do atual “corpo de humildade”. Esse “futuro”, porém, não é algo distante, que está em um lugar qualquer à margem da vida e do pensamento. Esse futuro, afinal, é “aguardado” (cf. o exposto sobre 1Ts 1.10), ele habita de forma bem direta todo o pensar e crer dos cristãos. Por isso o amor de alguém como Paulo também inclui o fato de que ao pensar no “reencontro” com os tessalonicenses ele tenha diante dos olhos também o grande reencontro **“perante nosso Senhor Jesus em sua parusia”**. Para ele isso não era um grande “salto” no raciocínio, pois era algo “bem perto dele”. Temos um exemplo involuntário de como a escatologia para aqueles homens era familiar e viva. Paulo com certeza teria mostrado apenas incompreensão diante de nossas perguntas se, afinal, realmente nos reencontraremos e se, então, também nos reconheceremos e nos relacionaremos com os outros. Naturalmente os amados tessalonicenses estarão lá perante Jesus, constituindo uma parcela do grande **“patrimônio da esperança”** (quase sempre no NT é esse o sentido da palavra “esperança”) e representando a **alegria** e a **coroa de glória** de Paulo, o radiante e indelével resultado de suas labutas e sofrimentos! E seus companheiros são participantes disso.

Sobre a **“parusia”** em si ainda ouviremos mais em 1Ts 4.13-18. Contudo podemos estar certos disto: quanto mais realista e singelamente imaginarmos tudo, tanto mais perto estaremos do “Deus vivo e verdadeiro”, enquanto todas as espiritualizações abstratas só servem para nos distanciar de Deus.

- 20** No entanto, também faz parte do amor genuíno que ele não repousa, auto-suficiente, sobre sua própria riqueza, mas que ele, do fundo do coração, pensa o seguinte em relação aos outros a quem ama: **“Vós sois realmente para nós a honra e a alegria.”**

## **PARA O AMOR AUTÊNTICO A VIDA DO OUTRO É UMA PARTE DA PRÓPRIA VIDA – 1Ts 3.1-10**

- 1 – Pelo que, não podendo suportar mais o cuidado por vós, pareceu-nos bem ficar sozinhos em Atenas,**
- 2 – e enviamos nosso irmão Timóteo, ministro de Deus no evangelho de Cristo, para, em benefício da vossa fé, confirmar-vos e exortar-vos,**
- 3 – a fim de que ninguém se inquiete com estas tribulações. Porque vós mesmos sabeis que estamos designados para isto.**
- 4 – Pois, quando ainda estávamos convosco, predissemos que íamos ser afligidos, o que, de fato, aconteceu e é do vosso conhecimento.**
- 5 – Foi por isso que, já não me sendo possível continuar esperando, mandei indagar o estado da vossa fé, temendo que o Tentador vos provasse, e se tornasse inútil o nosso labor.**
- 6 – Agora, porém, com o regresso de Timóteo, vindo do vosso meio, trazendo-nos boas notícias da vossa fé e do vosso amor, e, ainda, de que sempre guardais grata lembrança de nós, desejando muito ver-nos, como, aliás, também nós a vós.**

**7 – sim, irmãos, por isso, fomos consolados acerca de vós, pela vossa fé, apesar de todas as nossas privações e tribulação.**

**8 – porque, agora, vivemos, se é que estais firmados no Senhor.**

**9 – Pois que ações de graças podemos tributar a Deus no tocante a vós outros, por toda a alegria com que nos regozijamos por vossa causa, diante do nosso Deus,**

**10 – orando noite e dia, com máximo empenho, para vos ver pessoalmente e reparar as deficiências da vossa fé?**

- 1 O amor julga que os outros é que são nossa honra e alegria. Justamente por isso, no entanto, a aflição dos outros também se torna nosso próprio sofrimento. Para o amor genuíno a vida dos outros se tornou uma parte tão real da própria vida que a aflição preocupada pela situação dos outros pode vir a ser insuportável: **“Quando, portanto, não mais suportamos...”** Então Paulo (e Silvano?) aceitou fazer um grande sacrifício, a saber, **“ser deixado sozinho em Atenas”**. Como isso soa estranho para nós, que justamente como obreiros do reino de Deus preferimos muito mais atuar sozinhos! Tão reduzida é para nós a irmandade (e a “equipe” no trabalho) como parte da vida e necessidade vital! Para o “grande” Paulo, porém, ela era tão diretamente vital que apenas a preocupação já insuportável pelos tessalonicenses foi capaz de fazer com que permanecesse sozinho em Atenas. Novamente vemos aqui um vivo traço particular da história que torna o quadro de At 17 um pouco mais concreto para nós.
- 2 **“Enviamos a Timóteo.”** Embora os tessalonicenses já conheçam Timóteo da época da fundação da igreja e há pouco o tenham tido em seu meio, salienta-se mais uma vez justamente sobre esse colaborador mais jovem: **“nosso irmão e servo de Deus no evangelho do Cristo.”** Apesar de jovem, ele não é um acessório da “equipe”, mas ocupa um lugar igual nela como “nosso irmão”, sendo uma alegria e ajuda também para os dois homens mais velhos e mais experientes. Também ele é plena e cabalmente um “servo de Deus”. A “jovem” carta abriu mão de quaisquer títulos no intróito. Não importam “cargos e eminências”. Mas aquele a quem Deus chamou para seu ministério possui uma dignidade genuína e viva! Ele é **“servo de Deus”**, cargo verdadeiramente sublime! Serve à maior causa que pode existir, ao **“evangelho do Cristo”**, que não apenas versa sobre Cristo, mas no qual o próprio Cristo age e beatifica pessoas. Essa “dignidade”, porém, reveste não apenas os “dignitários eclesiásticos”, ornados por algum tipo de títulos, mas igualmente o mensageiro humilde, para o qual nós talvez olhássemos de cima para baixo.
- 3 A razão dessa ardente preocupação são as aflições às quais a jovem igreja está exposta. Já comentamos acima (cf. p. 35) esse conceito especial *thlipsis* = “tribulação”. Aqui nos são dadas noções novas importantes. Depois de longos tempos de tranqüilidade no cristianismo não conhecíamos mais a verdadeira “tribulação”. Hoje ela volta a ocorrer de forma crescente em todo o mundo. Mas com frequência ainda a consideramos uma exceção, que esperamos passageira, dando lugar novamente a tempos “normais”, i. é, não-atribuladas. Para os mensageiros do NT a situação se apresenta de forma diferente! Assim como o próprio Senhor Jesus via o sofrimento por causa dele como direta e necessariamente associado ao discipulado, assim os mensageiros confiam aqui aos tessalonicenses a clareza a esse respeito: **“Porque vós mesmos sabeis que estamos designados para isso.”** Ou seja, o que acontece conosco em termos de tribulações menores ou mais graves por causa de nossa fé na verdade não é “nada extraordinário” (1Pe 4.12). Simplesmente faz parte do ministério, é para isso que estamos aí.
- 4 Por isso os mensageiros já **“predisseram”** durante a própria evangelização **“que nós teríamos de ser afligidos”**. Na opinião dos mensageiros isso nem mesmo poderia ser diferente. Agora, pois, aconteceu assim. E se naquele tempo os tessalonicenses tivessem meneado a cabeça com certa incredulidade, agora eles o sabem de experiência própria. Nós, porém, precisamos reaprender a acolher essas verdades bíblicas de forma séria em nossos pensamentos e nossa vida, permitindo que nossa evangelização inclua como parte relevante o preparo daqueles que vêm a Jesus para os sofrimentos inevitáveis que lhes resultarão desse passo.
- 5 O fato de realmente contar com a certeza de “tribulações” não lhes tira nada de sua gravidade quando de fato ocorrem. Nelas **“tenta-nos o Tentador”**. Não damos conta delas de forma óbvia, mas corremos o perigo de sucumbir à pressão, ainda mais quando esta perdura, de ser derrotados e **“nos tornar cambaleantes”**(v. 3). Paulo não aposta de forma idealista no heroísmo humano, que “resistiria naturalmente”. Encara o ser humano com sobriedade e sabe que o fracasso está muito

próximo de cada um. Tampouco se consolou simplesmente com a asserção do Senhor: “Ninguém os arrancará da minha mão” (Jo 10.28). Considera seriamente a assustadora possibilidade de que **“nosso labor seja em vão”**. Somente quando recordarmos tudo o que a carta enalteceu com tanta gratidão como milagre da palavra atuante em Tessalônica, avaliaremos bem o que está contido nessa breve formulação: “nosso labor em vão.” Afinal, isso significaria: a eleição de Deus e de toda a gloriosa atuação divina - em vão! Isso será de fato possível?! É concebível? Independentemente de como opinemos a esse respeito, certo é que diante de nós está o fato de que alguém como Paulo se consumia em ardente preocupação de que isso pudesse ocorrer.

Digno de nota é que em toda a questão está em jogo a **fé** dos tessalonicenses e nada mais. A fé é a totalidade da existência cristã! Aqui se descortina para nós a convicção do NT, contra toda “objetividade” e contra todos os movimentos de santificação equivocada: fé, simplesmente a fé dos cristãos, é de fato tudo que importa. Timóteo é enviado: **“confirmar-vos em benefício de vossa fé”** (v. 2). Paulo deseja **“conhecer vossa fé”** (v. 5). Diante das boas notícias de Tessalônica os três estão **“consolados... pela vossa fé”** (v. 7). E também aquilo que ainda falta à igreja são simplesmente **“deficiências de vossa fé”** (v. 10). Por isso a verdadeira e perigosa tentação do Tentador também não está na sedução para um ou outro pecado, mas em que ele nos “engane e seduza em descrença, desespero e outros vícios e vergonhas” (Catecismo Menor), como disse Lutero com sua perspicácia bíblica.

Essa fé é dádiva e efeito de Deus em nós. Contudo isso não significa que ela entra do céu em nosso coração como um milagre desconexo. Ela forma-se com a palavra dos mensageiros e é preservada e fortalecida na tentação por meio do consolo fraterno. Por isso Timóteo não era apenas um enviado que deveria buscar informações sobre as circunstâncias em Tessalônica, mas tinha ao mesmo tempo a tarefa de levar à igreja o **“fortalecimento”** interior **“de sua fé”**, do qual necessitava na “tribulação”. Também nós não devemos ter na aflição o falso orgulho que deseja dar conta de tudo sozinho. É nosso privilégio saber que sob a pressão e aflição carecemos do irmão, cuja palavra de apoio nos ajuda a perseverar. O “serviço de visitação” dos irmãos tornou-se uma das tarefas fundamentais da Igreja que lutou pela oposição durante o Terceiro Reich! Acontece que justamente nessa situação “palavra de apoio” tem uma dupla característica que o grego sintetiza na palavra *parakalein*: o “consolo” cordial da empatia e a “exortação” corajosa e fortalecedora.

- 6 **“Agora, porém, regressou a nós Timóteo vindo de vosso meio.”** Com que intensidade o homem que acabou de chegar de Tessalônica e que dos três era quem melhor conhecia a situação momentânea de lá é envolvido na carta! Ele **“trouxe a boa notícia”**. Literalmente consta aqui: ele evangelizou a nós vossa fé e vosso amor. Notamos que naquela época “evangelizar” ainda não era mero termo técnico. Ainda repercute no termo o “trazer uma boa notícia”. Logo também a nossa “evangelização” não é primordialmente um “ataque” contra as pessoas, e tampouco a apresentação de uma série de opiniões e idéias. Como mensageiros situamo-nos diante das pessoas com uma notícia bem definida, e mais precisamente boa e alegre. Isso deveria ser expresso com toda a nossa atitude.

Os tessalonicenses não cederam à pressão. Continuam firmes na fé e no amor. Paulo é particularmente grato por ouvir **“que sempre guardais grata lembrança de nós, desejando muito ver-nos”**. Esquivar-se sob o aperto era algo que poderia tê-los levado a afastar-se com amargura daqueles cuja suposta “alegre mensagem” os haviam levado a tanto sofrimento antes desconhecido. “Se ao menos não tivessem chegado até aqui, poderíamos viver muito bem agora!” Não, apesar das agruras eles recordam os mensageiros com gratidão e amor, ansiando por um reencontro.

- 7 Paulo lembra – um cuidado pastoral totalmente espontâneo! – aos tessalonicenses que ele e seus colaboradores na realidade não sofrem menos que eles! **“Não suportei mais esperar”** (v. 5) Ele mesmo encontra-se nesse exato momento em Corinto sofrendo “toda privação e tormento”. Não apenas os tessalonicenses precisam de consolo, mas ele também. Contudo ele obteve o alívio necessário: **“Então fomos consolados através disso, irmãos, através de vós em toda a nossa privação e tormento por meio da vossa fé.”** Que bela ajuda espiritual para os sofredores em Saloniki: podem ter certeza de que sua perseverança na fé já serviu ao mesmo tempo também de “consolo” ao amado Paulo!

- 8 Na seqüência é trazida a maravilhosa frase que resume tudo, permitindo mais uma vez olhar para o âmago do amor: **“Porque agora vivemos, se vós estais no Senhor.”** É desta forma tão real que o amor une. Mais ainda: de forma tão factual ele transforma a vida do outro em parte da própria vida,

de modo que uma apostasia dos tessalonicenses também teria sido uma morte para Paulo, assim como sua constância no Senhor o faz viver de maneira completamente nova. Será que nós vivemos no mistério desse amor? Será o viver ou morrer dos outros nosso próprio viver ou morrer? Se não – como então pretendemos ser bons conselheiros espirituais, evangelistas e dirigentes da igreja? Ora, não se trata do meu “esforço” de me posicionar assim em relação ao outro! Isso não passaria de hipocrisia. Justamente o amor genuíno não precisa se “esforçar” para sentir a vida do outro como parte de sua própria. Realiza-o de forma tão involuntária e direta como vemos aqui nos três mensageiros. Age assim simplesmente porque é – amor.

- 9 Esse amor logo produz outra forma de expressão, quase comovente. **“Pois que ações de graças podemos restituir a Deus por vós em vista de toda a alegria, com que nos alegramos por vossa causa.”** Porventura isso significa deixar as coisas de pernas para o ar? Labuta, aflição e fadigas, foi o que os tessalonicenses causaram a Paulo, custaram-lhe muitas preocupações e dores. Deveriam não ter espaço para a gratidão por tudo o que lhes foi propiciado! E se o trabalho neles não foi “em vão”, se foram salvos e perseveraram na fé, isso não significa nada mais que sua própria felicidade? Que vantagem os três mensageiros têm nisso? Porém precisamente isso é “amor”, essa inexplicável e profunda alegria pelo outro, que não tem limites para a gratidão ao ser informado, depois de semanas de preocupação, que – o outro está bem! O pensamento natural, o habitual egoísmo evidentemente foi “deixado de pernas para o ar”.

Foi por isso que os três entoaram aqui o “cântico dos cânticos do amor”, não com palavras descritivas como tenta fazer 1Co 13, mas por meio dos sons espontâneos e irrefletidos do próprio amor.

- 10 Mais uma vez fica evidente que esse amor se importa com a presença física. Também as boas e tranquilizadoras notícias de Tessalônica não bastam. Não, os três **“suplicam noite e dia, com máximo empenho, para ver vosso semblante e reparar as deficiências da vossa fé”**. Igualmente se explicita que a “fé”, que está em jogo durante toda a vida cristã, não é uma fé pronta. Embora surgisse em Tessalônica por meio da atuação do próprio Deus e agora tivesse sido aprovada em duras tribulações, ela não obstante apresenta **“deficiências”**. Como é bom que isso pode ser dito tranquilamente aos tessalonicenses, sem “magoá-los”! No entanto é igualmente digno de nota que, antes de todas as questões específicas da vida eclesial, que posteriormente serão discutidas em 1Ts 4s, as pessoas responsáveis dirigiram o olhar para a *fé* da igreja, desejando antes de tudo **“reparar as deficiências”**. Talvez consideremos ambos os aspectos de forma insuficiente: a centralidade e necessidade decisiva da fé em toda a vida cristã, e o fato de que até mesmo uma fé consciente da salvação e aprovada ainda pode apresentar sérias deficiências. Talvez seja por isso que no aconselhamento pastoral e na liderança da igreja partamos de pontos muito equivocados, enquanto na verdade também em nosso caso importa consertar sobretudo as deficiências da fé.

### O PENSAR DO AMOR GENUÍNO ACABA EM INTERCESSÃO – 1Ts 3.11-13

- 11 – Ora, o nosso mesmo Deus e Pai, e Jesus, nosso Senhor, dirijam-nos o caminho até vós.  
12 – e o Senhor vos faça crescer e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco,  
13 – a fim de que seja o vosso coração confirmado em santidade, isento de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos.

- 11 Os autores da carta não somente apontam para suas “súplicas noite e dia, com o máximo empenho”, mas a própria carta se torna uma oração. Que mais poderia, aliás, fazer o amor do que se abrigar com seus ardentes desejos junto daquele que é o amor em pessoa e que tem tudo em sua mão, **“nosso Deus e Pai e ao Senhor Jesus”**? Paulo experimentou que as mais firmes resoluções podem fracassar. Mas Deus pode **“abrir nosso caminho até vós”**. Será que também nós temos convicção disso para os nossos caminhos? Orar pela abertura do caminho será uma questão séria e essencial também para nós, e não apenas um “desejo devoto”, com o qual nos consolamos resignados quando do fracasso de nossos próprios esforços?
- 12 Independentemente se o reencontro será concedido em breve ou ainda está muito distante, a vida eclesial em si continua, e é a ela que se dirige a intercessão. Qual é o conteúdo da intercessão

apostólica? Não é a súplica tão óbvia: “O Senhor queira libertar-vos o quanto antes de todas as adversidades e aflições!” É bastante evidente que nós rogaríamos assim. Aqui, porém, nem sequer se pensa nisso. Tão “normal” parecia a Paulo a vida do cristão sob tribulações. Mas nessas dificuldades a vida eclesial não deve ser apenas mantida de forma precária, mas ela deve tornar-se “**rica e sobremodo rica**”. Paulo emprega aqui sua palavra predileta, “transbordar, derramar”. O que deve se tornar tão “rico” e “sobremodo rico” sob lutas e perseguições é “**o amor de uns para com os outros e para com todos**”. Por natureza a pressão e o sofrimento nos tornam duros, fechados e egoístas. Em uma igreja de Jesus isso pode ser totalmente diferente, porque o Senhor está atuando. Não é a partir de si mesmos que os tessalonicenses devem produzir cada vez mais amor, a despeito dos tormentos: isso seria inviável. Não, “**o Senhor vos torne ricos em amor**”. Isso, não sucede apenas na ajuda material e espiritual recíproca no momento em que a perseguição une a igreja de forma cordial e afetuosa. Não, através de Jesus pode vir a ser realidade o que ele próprio referiu como marcas dos “filhos do Pai no céu”: responder à inimizade com amor, à maldição com bênção, à perseguição com intercessão, ao ódio com benefícios. Esse é o “**amor para com todos**”.

- 13 De imediato e sem qualquer esforço artificial o olhar retorna ao grande alvo e fim. Como, afinal, poderia ser diferente, já que existe esse incrível alvo! Se a “**parusia de nosso Senhor Jesus com todos os seus santos**” não for um belo sonho – e nesse caso a ressurreição de Jesus seria negada e todo o evangelho seria anulado – então todo o resto será insignificante em comparação com essa única realidade, de que “**vossos corações**” estejam “**irrepreensíveis e em santidade perante nosso Deus e Pai**”.

Aqui colidem fortemente a expectativa apostólica e todo o nosso pensamento eclesiástico. Cristãos perante Deus “irrepreensíveis em santidade” – impossível! Miseráveis, pobres pecadores, cheios de toda maldade e sem nenhuma bondade, que apesar disso se tornam bem-aventurados por graça incompreensível – isso é nossa convicção. Porventura queremos fazer prevalecer nossa concepção teológica – contra Paulo? Mas também o oposto: queremos pôr de lado a necessidade dessa intercessão e, em decorrência, a gravidade do juízo sobre a igreja, porque essa seriedade não combina com nossa concepção de certeza da salvação? Porventura queremos continuar tendo razão em nossa opinião teológica – contra Paulo? Não temos condições de eliminar nenhum dos dois aspectos por causa de nossos próprios pensamentos: nem 2Co 5.10; 1Co 3.11-15; 1Jo 2.28 com a mensagem do juízo sobre a igreja, nem Rm 8.29s; Fp 1.6,10s; Cl 1.22s com a límpida certeza de sua radiante perfeição.

Por isso o olhar para esse alvo, que não é apenas um belo sonho, também não leva a igreja a sonhar de forma alienada à atualidade, mas justamente agora confere seriedade decisiva a suas tarefas. A carta não acrescenta, como segundo elemento independente, o “**fortalecer dos corações como irrepreensíveis**” por meio de um “e” ao “**tornar sobremodo rico em amor**”. Pelo contrário, esse enriquecer no amor deve acontecer “**para fortalecer...**”. Justamente através desse poder do amor, que os tessalonicenses recebem de Jesus e agora no tempo difícil demonstram um ao outro e para com todos, eles se tornam “irrepreensíveis perante Deus” e filhos autênticos do Pai. Portanto a proclamação apostólica não conhece um mero “cristianismo do presente” e constantemente nos dirige rumo ao “futuro”. Mas ao fazer isso, ela torna muito importante para nós justamente o tempo presente.

A palavra que traduzimos por “**enriqueça**” também pode significar: o Senhor “vos multiplique”, “vos faça crescer”. Nesse caso os autores teriam em vista o crescimento da igreja pelo ganho de novas pessoas para Jesus. A isso então se somaria o crescimento interior! “A vós, porém, multiplique o Senhor e vos torne sobremodo ricos em amor uns para com os outros e para com todos”. Contudo, em qualquer um dos casos é nesta direção que aponta a intercessão apostólica: não para o livramento de sofrimentos e o bem-estar, mas para aquele crescimento que no dia da parusia permite comparecer irrepreensível perante Deus.

## **A IGREJA PRECISA SER LEMBRADA DA SANTIFICAÇÃO – 1Ts 4.1-8**

- 1 – Finalmente, irmãos, nós vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus que, como de nós recebestes, quanto à maneira por que deveis viver e agradar a Deus, e efetivamente estais fazendo, continueis progredindo cada vez mais.**
- 2 – porque estais inteirados de quantas instruções vos demos da parte do Senhor Jesus.**

- 3 – Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição,
- 4 – que cada um de vós saiba possuir o próprio corpo em santificação e honra.
- 5 – não com o desejo de lascívia, como “os gentios que não conhecem a Deus”,
- 6 – e que, nesta matéria, ninguém ofenda nem defraude a seu irmão; porque o Senhor, contra todas estas coisas, como antes vos avisamos e testificamos claramente, é o vingador.
- 7 – porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santificação.
- 8 – Dessarte, quem rejeita estas coisas não rejeita o homem, e sim a Deus, que também vos dá o seu Espírito Santo

1s “De resto” é uma fórmula que pode tanto assinalar a transição para um novo tema como o encaminhamento para o final da carta. Em decorrência, pode ser traduzida tanto por “ademais” como com “finalmente”. A palavra grega, porém, contém simultaneamente os dois aspectos – como nossa expressão “de resto” – de modo flutuante. Seja como for, a parte fundamental da carta foi encerrada, e ela se volta agora para as perguntas específicas que precisam ser debatidas com a igreja.

Entre elas, mais uma vez aborda-se a questão da “conduta”, da vida e atividade prática. Já em 1Ts 2.12 vimos que na época apostólica essa “conduta” não era secundária, à margem da fé, mas o verdadeiro objetivo de um intensivo cuidado pastoral. Afinal, “fé” não é uma opinião teórica sobre Deus, a concordância intelectual com doutrinas de Deus, mas “servidão da vida” perante Deus (1Ts 1.9) e inseparável da “obra” (1Ts 1.2s). Nessa questão não há mais “legalismo”. As insistentes exortações no cuidado pastoral apenas convergiam para a seguinte questão: “que andais de modo digno do Deus que vos chama para seu reinado e sua glória.” O fato de que esse “digno” agora também é explicitado em diretrizes bem definidas e instruções concretas não representa uma recaída para um antigo ou novo legalismo qualquer, sobretudo tratando-se de uma jovem igreja que acabara de ser arrancada do modo de pensar e viver gentílico. Por isso a carta lembra “**que instruções vos demos por intermédio do Senhor Jesus**”. Essas “instruções” não se originaram de uma “lei” qualquer, que lhes concedia autoridade, mas da natureza e dos lábios de uma pessoa viva: do próprio Senhor Jesus. Por isso todo “rogar e exortar” e todo “dar instruções” acontecem “**por intermédio, ou no Senhor Jesus**”, i. é, em vista a ele, perante sua face viva, a partir do ser dele.

Em decorrência disso, porém, de fato existe um determinado “como” da conduta, do qual Deus se agrada. Os tessalonicenses “receberam” esse “**da maneira como deveis andar e agradar a Deus**” dos mensageiros de Jesus. Também fazia parte direta da evangelização dizer aos ouvintes, com determinação e clareza, como deveriam viver agora. Afinal, como as pessoas que entregaram o coração e a vida a Jesus pela primeira vez se conduzem em todas as áreas concretas da existência, se não se limitarem apenas a ser cheias de entusiasmo com a nova vida divina, mas realmente tentarem praticar essa nova vida no cotidiano? Nessa questão há necessidade de orientação sólida: é assim que deve ser! Por isso o texto grego formula com uma brevidade inimitável: recebestes de nós o “como deve”.

Na seqüência realmente acompanhamos de perto como o trabalho mental afetuoso de Paulo forma uma frase e depois, ao ditá-la, a modifica, alterando a construção da frase. “Exortamos que, como recebestes de nós o como deveis andar...”, e a continuação deveria ser: “também andeis assim.” Mas então Paulo se dá conta de que essa exortação seria passível de mal-entendido, e até mesmo quase ofensiva. Afinal, os tessalonicenses já andam assim! A “obra da fé” realmente acontece na igreja, graças a Deus! Em Tessalônica ainda não existem as dificuldades com que Paulo terá de lidar na Galácia, em Corinto e Colossos. Por isso, ao ditar, ele intercala esta constatação: “Como efetivamente já andais.” Mas o que fazer com o “que” iniciado? Rogamos e exortamos a vós no Senhor de Jesus, que vós – pois bem, o quê, afinal? Para que ainda é preciso rogar e exortar, se os tessalonicenses já andam como aprenderam dos mensageiros de Jesus? Ora, a época apostólica não se contentava tão facilmente! Mais uma vez é usada a palavra-chave “**transbordar**”. Em 1Ts 2s nosso olhar penetrou no amor genuíno que está por trás de todo o trabalho de Paulo e seus companheiros. O amor, porém, não pensa no cumprimento frio das obrigações mínimas e não conhece um alvo mediano, fácil de atingir. O amor visa a plenitude total, esse rico e vivo “transbordar”. Também aqui fica claro que já não se trata de “leis”, com as quais é possível estar “pronto” depois das respectivas realizações, mas de uma nova vida de acordo com o coração de Deus e de Jesus, para cujo crescimento não há limites. Que “**transbordeis ainda mais**”, ó tessalonicenses! Esse é o ápice de toda a frase.



3 **“Pois esta é a vontade de Deus, vossa santificação.”** Também aqui precisamos levar em conta que “vontade” é mais que a nossa “intenção”, a qual enfeitamos com a palavra “vontade”. A “vontade de Deus” – é com ela que nossa “santificação” se torna um alvo imprescindível e necessário.

No entanto, ficamos quase consternados ao notar que essa “**santificação**” não se refere a nada “grandioso”, nem a nada especial, mas “simplesmente” a “**que vos abstenhais da impureza**”. “Santificação” é, portanto, uma questão muito sóbria, muito prática, mas justamente por isso também muito necessária e, ainda assim, também muito grandiosa. Nessa cidade portuária grega ela se refere singularmente à área de nossa vida que também hoje, como em todos os tempos, representa um campo de batalha de cunho especial: nossa vida sexual. No mundo helenista daquele tempo, as relações sexuais “**na paixão da lascívia**” (v. 5) eram um “direito” óbvio do homem. Por que, afinal, “**os povos que desconhecem a Deus**” deveriam se privar de algo que nossas pulsões demandam e que é capaz de propiciar à vida uma plenitude tão colorida? Mas – acontece que os tessalonicenses não pertencem mais a esses “povos”. Conhecem a Deus e sabem que a vontade séria e incondicional de Deus é sua santificação. Para a vida sexual isso significa “**que cada um de vós saiba conquistar seu próprio utensílio em santificação e honra**” (v. 4).

Na tradução acima a frase foi deixada tão “incompreensível” como a encontramos no original do texto grego. De que se trata aqui?

A palavra “utensílio, vaso” foi muitas vezes utilizada pelos rabinos para a mulher. Isso não precisa significar um desprezo da mulher. É possível que uma expressão dessas se torne tão corriqueira no linguajar que o sentido original depreciativo já não é mais percebido. Por exemplo, podemos dizer a respeito de uma criança: “Que gracinha de moleque!”, sem notar nem mesmo intencionar a conotação original de desprezo em “moleque”. Em todos os casos, na presente passagem, onde se fala de “conquistar” esse “utensílio” “em santificação e honra”, é impossível que se tenha em mente uma avaliação depreciativa da mulher. Logo deveríamos traduzir: “que cada um de vós saiba conquistar a própria esposa em santificação e honra.” Unicamente no âmbito do matrimônio, com seu amor e fidelidade incondicionais para toda a vida, a vida sexual humana pode se desenvolver de forma autêntica e de acordo com a vontade de Deus.

O paralelo mais próximo da presente passagem seria, nesse caso, 1Co 7.2. Tanto lá como cá o olhar de Paulo não se dirige diretamente aos valores intrínsecos do matrimônio e da família, como esperamos a partir do pensamento moderno. Pelo contrário, o poder da pulsão sexual, que ameaça levar à “impureza”, i. é, para a satisfação indisciplinada e degradante, é visto de forma muito sóbria. A liberdade plena dele não é “dom” de cada um (1Co 7.7). Por isso “cada um deve ter sua própria esposa” (1Co 7.2), “cada um conquistar sua própria mulher”. Indo além de 1Co 7, a presente passagem estaria trazendo uma palavra fundamental acerca de como deve ser constituído um verdadeiro matrimônio: “em santificação e honra, não em paixão de lascívia.” O matrimônio como tal, como mera instituição, não nos protege contra a violência indomada da pulsão. Quantos casamentos acontecem na “paixão da lascívia”, contendo por isso de antemão o germen da desgraça e da aflição matrimonial, porque o cônjuge não é valorizado e amado como “tu”, como pessoa, mas foi tomado apenas como objeto da satisfação egoísta do prazer pessoal. O matrimônio na igreja de Jesus não deve ser construído assim! O matrimônio não deve ser o espaço em que todas as paixões “gentílicas” pensam poder extravasar-se com sanção estatal e eclesiástica. A própria “conquista” da mulher deve acontecer “em santificação e honra”. Em “santificação”: afinal, são pessoas “santas” que celebram uma aliança entre si aqui. Em “honra”: cada um precisa ver e respeitar o outro como filho de Deus redimido, herdeiro de glória eterna. Aqui se torna concreto o “andar de modo digno do chamado”.

Evidentemente “utensílio” também ser uma designação genérica para corpo. Essa versão é defendida por notórios conhecedores da língua e história daquele tempo, como Adolf Schlatter. No entanto, nesse caso “conquistar” significaria, de forma incomum, “usar”, ou seria necessário compreender “conquistar” como “ganhar domínio sobre” o corpo. Nosso corpo, portanto, não é mais um instrumento para a “paixão da lascívia”, mas instrumento de Deus e por isso é mantido sob disciplina “em santificação e honra”. A vantagem dessa interpretação é que ela não contém, como a primeira, um incentivo direto ao matrimônio – será que os autores da carta realmente tinham em vista apenas os homens jovens ainda não casados da igreja? – mas dirige-se ao homem casado e ao solteiro, aos homens e às mulheres, aos jovens e aos velhos. Por fim, a opinião de que com “conquistar sua própria esposa” Paulo também estaria se referindo ao delicado e reiterado cortejo do

homem à mulher no contexto do próprio matrimônio provavelmente infere sentidos demais ao texto. E mesmo que os rabinos usassem a palavra “utensílio, vaso” para a mulher – será que os gregos em Tessalônica saberiam disso? Ouvindo “utensílio” não se lembrariam imediatamente do “corpo”, e Paulo teria consciência disso? Porventura não usou o termo com essa acepção também diante dos coríntios (2Co 4.7)?

Em contraposição a ênfase na designação “seu **próprio** utensílio” torna-se incompreensível se ela se referir ao corpo, enquanto a referência à mulher corresponde exatamente ao teor de 1Co 7.2 e à contraposição à “impureza” como abuso da mulher alheia. Da mesma forma certamente também combina com a idéia de “conquistar o domínio sobre o corpo” a determinação positiva “em santificação e honra”, mas não a negativa “não em paixão de lascívia”. Pois é muito evidente que com isso não se conquista o domínio sobre o próprio corpo!

Independentemente, no entanto, de seguirmos a primeira ou a segunda interpretação, torna-se explícito: o conhecimento de Deus necessariamente leva a uma atitude bem definida e inequívoca na área da vida sexual. Na “era constantiniana” essa atitude predominava como moral geral e publicamente reconhecida, embora por trás da fachada a realidade freqüentemente fosse muito diferente. Hoje essa moral foi perdida. O direito a relações pré-matrimoniais e extraconjugais parece novamente ser “natural”, e designar essas relações como “impureza” parece ser uma difamação revoltante e hipócrita. Nesse contexto a igreja de Jesus precisa novamente preservar esse “como deveis andar e agradar a Deus” de seus membros por meio dessas mesmas “instruções” concretas. Ainda que em toda a volta os “povos que não conhecem a Deus” sigam a “paixão de lascívia” e ainda que o justifiquem filosófica e artisticamente (sobre o que a igreja não falará nem opinará muito), na igreja de Jesus é preciso que “**cada um saiba conquistar o seu utensílio em santificação e honra**”.

6s Talvez a frase subsequente também faça parte do mesmo tema. Depende de como entendemos a expressão “**no empreendimento**”. Novamente a tradução preserva conscientemente a polissemia da expressão. O termo *pragma*, usado aqui, significa “coisa, empreendimento”. De que “coisa”, de que “empreendimento” se está falando? Justamente por não haver um acréscimo mais específico, é plausível pensar na recém-discutida “coisa”, o matrimônio. Nesse caso seria: ninguém tem o direito de “arrogar para si uma usurpação e levar vantagem sobre o irmão” nem na “conquista de sua própria esposa” nem no matrimônio já existente. É muito fácil imaginar que a “paixão da lascívia”, à qual os tessalonicenses costumavam dar livre vazão no passado, agora se imiscuísse na comunhão íntima entre os cristãos, pondo em risco os matrimônios na igreja. Essa interpretação, que igualmente é defendida por pesquisadores das Escrituras como Schlatter, é corroborada pelo fato de que a frase final de toda a discussão novamente parece se concentrar na área sexual: “**Porque Deus não nos chamou à impureza, mas em santificação.**”

No entanto de forma alguma “impureza” precisa ter o significado sexual estrito, podendo referir-se ao comportamento antiético em geral (cf. Rm 6.19). O fato de que o Senhor é “**vingador... contra todas essas coisas**” combina muito melhor se o assunto não se refere a apenas um tipo de pecado. Em termos lingüísticos a formulação também deveria ter sido “nessa coisa” se fosse relacionada ao tema precedente. Acima de tudo, porém: nos escritos e cartas daquele tempo a palavra *pragma* constantemente designa “empreendimento”, “questão de disputa”. É esse também o uso que Paulo lhe dá em 1Co 6.1. Justamente a presente exortação já fora expressa de forma quase literal em Lv 25.14,17! Não seria possível que um Paulo a elaborasse também a partir daquele texto, aplicando-lhe aquele sentido? Em decorrência, a carta deve acrescentar à primeira esfera da santificação uma segunda, que era também bastante familiar aos gregos e justamente às pessoas de uma cidade comercial e portuária. Também em Ef 5.5 e Cl 3.5 as duas coisas, impureza e avareza, vida sexual e dinheiro, são citadas lado a lado na mesma frase. A experiência no cuidado pastoral freqüentemente há de confirmar isto: na vida de um ser humano, ambas as coisas de fato estão muito interligadas, e pecados em uma área às vezes praticamente permitem concluir que há transgressões também na outra. Será que os conselheiros espirituais daquele tempo já não teriam experimentado isso também? Expressões como “arrogar-se uma usurpação” e “levar vantagem sobre o irmão” também combinam muito melhor com uma série de práticas comerciais do que com ataques ao matrimônio alheio, pois praticamente podem ser traduzidas com “defraudar” e “espreitar”. Um mensageiro de Jesus dificilmente teria usado essa definição para o desrespeito ao matrimônio de um irmão. Em contrapartida o grego daquele tempo era amplamente conhecido como comerciante ardiloso. Muitas pessoas na igreja não conheciam outra forma de fazer negócios no Oriente – era algo tão perigoso?

Se o “irmão” era tão tolo e se deixava enganar, seria errado deixar escapar um bom negócio? Porventura isso tinha algo a ver com “Deus”? Sim! É o que asseveram os autores da carta. A santificação também se refere justamente a essa área do cotidiano da vida profissional. Ela não consiste de devotas idiosincrasias e elevadas acrobacias espirituais, mas da pureza e limpidez séria e íntegra no cotidiano da vida, na disciplina diante das duas pulsões mais fortes: a pulsão sexual e pulsão por dinheiro.

- 8 No entanto, será que de fato era algo tão sério? Aparentemente havia na própria igreja pessoas que **“rejeitavam”**, descartavam essas exigências com um simples encolher dos ombros. “Afim, não se trata de algo tão perigoso! Não precisamos ser tão exatos! O bom e velho Paulo, a quem sem dúvida estimamos e veneramos muito, está exagerando um pouco. Um apóstolo em tempo integral como ele pode até conseguir e ter necessidade de agir assim, desde que não nos perturbe com isso! Afim, todo mundo ao nosso redor vive assim, até mesmo nossos parentes, que não são pessoas más.” Talvez várias vezes assim tenham se levantado na igreja, “descartando” as instruções e advertências dos mensageiros. A carta responde de forma sucinta e clara. **“Quem lança fora não lança fora uma pessoa, mas a Deus!”** A atitude de desprezo não descarta Paulo ou Timóteo, mas o próprio Deus, cuja “vontade” incondicional é nossa santificação.

Acaso Deus se deixaria descartar dessa maneira? Haveria de ignorar o que acontece? Não, **“um vingador é o Senhor sobre todas as coisas”** (v. 6). Novamente a evangelização fundamental requer que se mostre às pessoas que Deus é conhecedor e vingador de nosso agir. Nosso egoísmo impele-nos poderosamente a buscar tanto o ganho erótico como o pecuniário, principalmente quando pode acontecer de forma hábil e oculta. Não é simplesmente tolice permitir que sejam passados para trás de uma ou outra forma nesse assunto? É assim que pensam – os tolos, que não conhecem a Deus e que por isso erram tão terrivelmente em seus cálculos, apesar de toda a sua esperteza de vida. Com tremenda gravidade está escrito: **“O Senhor, um vingador!”** Com toda a ênfase os mensageiros “predisseram e testemunharam” essa verdade, porque tão facilmente nos consideramos “a sós”, esquecendo o olho que nos observa também em nossos negócios “obscuros” e em nossos caminhos secretos.

É singularmente importante recordar o que foi anteriormente dito e testemunhado para as pessoas da igreja. Afim, elas somente pertencem à igreja porque Deus as “chamou”. Porventura Deus as chamou **“para a impureza”**? Será que Deus as chamou para fora de seu contexto antigo, para a sua soberania e glória, a fim de que continuassem impuras na área sexual e comercial como eram antes? O sentido dessas perguntas se torna ainda mais explícito no texto (v. 7) pelo fato de que na realidade não se diz “para a impureza”, mas, de forma até estranha, **“com base em impureza”**. O chamado de Deus certamente atingiu os tessalonicenses “em” impureza, na sua antiga natureza “gentílica” e de fato os chamou “de becos e botecos”. Mas não o fez “com base” nessa situação, como se ela fosse avalizada pelo fato de Deus dirigir seu chamado às pessoas dessa condição. Obviamente o evangelho pode ser mal-interpretado por amigos e inimigos, porque se dirige aos “publicanos e pecadores”, trazendo a justiça de Deus aos descrentes. Por isso o próprio Jesus em Lc 15.2; Mt 11.19 e seu mensageiro Paulo, em Rm 3.8, foram de fato mal-compreendidos. Tanto mais importante era constatar perante essa jovem igreja grega: “Não com base em impureza!” Não, Deus a chamou **“em santificação”**. Essas pessoas deviam tornar-se algo novo, puro, límpido. Quando volta a ser levantada a objeção: “Será que Deus realmente leva isso tão a sério?”, então a carta fornece a resposta conclusiva e convincente: Sim! Porque ele na verdade é **“o Deus que dá seu Espírito, o Santo, em vós”** (v. 8). É com essa seriedade que Deus encara uma vida verdadeiramente divina em seus filhos. Ele não se posta diante de nós como quem exige com seu “querer a nossa santificação”, de modo que nos defendamos com certa razão contra suas exigências excessivamente duras e possamos “descartá-las”. Não, ele é aquele que dá, ao “chamar”. E nos dá a maior coisa que poderia conceder: **“seu Espírito, o Santo, em vós.”** Isso é que Deus faz, e não há dúvidas quanto a isso no NT. Será que podemos “lançar fora” esse Deus com uma dádiva tão poderosa? Aqui está sendo exposta a razão extrema e mais forte de toda a “santificação”. Pessoas com o Espírito Santo do próprio Deus no coração precisam e podem viver uma vida “santa”.

- 9 – No tocante ao amor fraternal, não há necessidade de que eu vos es-creva, porquanto vós mesmos estais por Deus instruídos que deveis amar-vos uns aos outros.**
- 10 – e, na verdade, estais praticando isso mesmo para com todos os irmãos em toda a Macedônia. Contudo, vos exortamos, irmãos, a progredirdes cada vez mais;**
- 11 – e a diligenciardes por viver tranqüilamente, cuidar do que é vosso e trabalhar com as próprias mãos, como vos ordenamos,**
- 12 – de modo que vos porteis com dignidade para com os de fora e de nada venhais a precisar.**

9 Que belo testemunho para uma igreja: não há necessidade de escrevermos especialmente **acerca do amor aos irmãos**. Por que não? Por que existe na igreja o amor fraterno? Agora Paulo formula uma bela expressão como resposta: **“Vós mesmos estais por Deus instruídos para vos amardes uns aos outros.”** Conhecemos “autodidatas”, i. é, pessoas que adquiriram por esforço próprio os conhecimentos e as capacidades necessárias em um assunto qualquer. Os tessalonicenses, porém, não são “autodidatas” no amor fraternal, mas “teodidatas”. Não se pode “aprender” o amor, nem como autodidata nem de mestres humanos. Somente o próprio Deus pode nos “ensinar” a amar, porque Ele é um mestre criador e gerador com seu amor vitorioso em Jesus.

10 O amor fraternal dos tessalonicenses é tão vigoroso que não se restringe ao âmbito da própria comunidade na cidade, mas se transforma em ação **“também para com todos os irmãos em toda a Macedônia”**. Todos os “cristãos” na província podem experimentar: os tessalonicenses vêm ao nosso encontro com calorosa afetuosidade e nos ajudam intensamente onde puderem. Porque também aqui o amor não é mero “sentimento”, mas torna-se “trabalho do amor” (1Ts 1.2s): **“e também o praticais...”**

Para o amor, porém, não existe “finalização”. Por isso esse grato reconhecimento das condições da igreja não impede a “exortação”. Enquanto nós na realidade praticamos a “exortação” somente fazendo das falhas e dos fracassos a razão de nosso incentivo, a admoestação no NT é determinada a partir da gloriosa inesgotabilidade da tarefa, motivo pelo qual pode ser ligada, como na presente passagem, ao pleno reconhecimento daquilo que existe. A correnteza do amor aos irmãos em Tessalônica flui com força e vitalidade, e seu refrigério pode ser sentido em toda a Macedônia. Mas na verdade ela pode **“transbordar muito mais”!** Não há limites para a amplitude e profundidade dessa correnteza, porque sua fonte é inesgotável.

Não há nada especial a escrever a respeito do amor aos irmãos. Mas em Tessalônica anunciam-se os primeiros sinais do perigo que a segunda carta terá de combater com maior gravidade. Aparentemente a viva acolhida da expectativa escatológica havia despertado um clima irrequieto na igreja, que já não gostava de se dedicar com plena seriedade à vida atual com suas exigências e seu trabalho. Concepções e tendências tipicamente “gregas” reforçavam isso. O “trabalho”, o trabalho com as próprias mãos, era no fundo algo “indigno” para o “homem livre”. Questões nobres, intelectuais, como política, esporte, arte e filosofia deveriam preencher sua vida. Era fácil transferir isso para a dimensão “cristã”: os herdeiros da glória eterna, companheiros do reino de Deus, porventura ainda se ocupariam de coisas tão transitórias e baixas como trabalho manual, ganho do sustento, cuidado do lar, etc.?! Ainda mais porque o Senhor já poderia vir amanhã, transformando tudo?

11s Fazia parte da evangelização em terras gregas deixar absolutamente explícito que a busca do sustento com as próprias mãos fazia parte da existência cristã. Nisso o olhar também se voltava **“aos de fora”**. Não devem ter a impressão de que esses cristãos são pessoas exaltadas e desordeiras que adotam uma vida cômoda, fazendo com que outros cuidem deles. Assim o acesso ao evangelho lhes seria dificultado. Como o grego valorizava muitíssimo a *sophrosyne*, a atitude sensata, comedida, ele deve ver nos cristãos uma “boa conduta” que de antemão lhe torne o cristianismo humanamente simpático. Contudo a igreja também precisa considerar para onde leva o fato de não mais **“cuidar de seus próprios afazeres”** e **“trabalhar com suas mãos”**: então precisará da ajuda alheia e dependerá de outras pessoas, talvez até mesmo de não-cristãos – uma situação impossível. Portanto, por mais profunda e poderosamente que a experiência da conversão, do serviço do Deus vivo e a espera pelo Senhor vindouro tocassem os corações, a igreja não podia deixar de **“diligenciar”** por viver não da forma mais agitada possível, porém **“tranqüila”** e como “cidadãos do céu, membros da família de Deus”, não deixando de atuar com fidelidade e constância na labuta diária na terra. O próprio Paulo e seus companheiros lhes davam o exemplo (cf. 1Ts 2.9).

## A PARUSIA DE JESUS É O VERDADEIRO CONSOLO DA IGREJA – 1Ts 4.13-18

- 13 – Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança.
- 14 – Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem.
- 15 – Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem.
- 16 - Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro.
- 17 – depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor.
- 18 – Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras.

13 Vimos várias vezes que aos apóstolos não importava apenas uma “pura doutrina”. Não obstante, consideravam que um nível de compreensão claro e abrangente era decisivo nas igrejas! Justamente por serem respeitadas como “igrejas de Deus” com toda a sua autonomia e liberdade, não podiam jamais “ser ignorantes” a respeito de aspectos importantes, mas precisavam ter os devidos conhecimentos em todas as questões essenciais e ser capazes de discernir de forma nítida. Por isso, muitas vezes mais Paulo repetirá em suas cartas a fórmula “**Não queremos que sejais ignorantes**”!

Agora está em pauta uma questão realmente importante. Por mais jovem que a igreja ainda seja, ela já experimentou os primeiros casos de falecimento em suas fileiras. Nada indica que esses casos de morte estivessem ligados à sua “tribulação”, nem mesmo a expressão “que adormeceram por meio de Jesus” é usada para isso. Mas aparentemente Timóteo informou que a igreja está muito abalada pelo falecimento de seus membros. Afinal, aguarda dedicadamente pelo Senhor vindouro e se alegra de todo coração pelo grande dia. Contudo – os agora falecidos não estarão então com eles?! O que será feito deles? Não sairão perdendo? Porventura morrer antes da parusia não seria praticamente um revés em sua vocação? De qualquer modo esse fato era algo totalmente imprevisível, que nem mesmo os mensageiros tinham levado em conta na evangelização.

Essas perguntas parecem muito tolas para nós cristãos de hoje. Mas a resposta dos mensageiros de Jesus provocará em nós uma surpresa muito maior. Porque ela não se parece em nada com a resposta que nós daríamos hoje, com toda a naturalidade! Os mensageiros não “consolam” a igreja com a asserção: os falecidos não saem perdendo, pelo contrário, eles têm uma grande vantagem. Afinal, já chegaram ao alvo, já estão na glória junto do Senhor, pela qual nós vivos ainda precisamos esperar. Nenhuma palavra nesse sentido! Nenhuma palavra sobre “entrar no céu”, que afinal deveria ser a resposta inevitável neste trecho, diante da preocupada indagação pelos adormecidos, se – realmente tivesse sido parte da esperança dos mensageiros de Jesus!

É verdade que se trata de “consolo”. “**Consolai-vos, pois, uns aos outros com essas palavras**” é final e alvo de todo o trecho. Os cristãos em Tessalônica não devem “**estar entristecidos como os demais que não possuem uma esperança**”. Contudo essa certeza verdadeiramente consoladora e que supera toda tristeza não é: vossos queridos, enfim, estão no céu, na glória! Pelo contrário, uma breve frase diz: nós experimentaremos o próximo grande evento da história da salvação, a parusia do Senhor e a consumação da igreja, junto com eles, nós todos vivenciaremos isso em conjunto! Todo o “consolo” está contido na única palavrinha “simultaneamente”: “**arrebatados simultaneamente com eles**” (v. 17). Ou seja, na verdade ninguém tem uma vantagem em relação ao outro: nem a igreja que ainda vive na terra tem vantagem em relação aos mortos, nem os mortos têm vantagem alguma em relação a nós, como se agora já estivessem na glória “antes de nós”. Para os ainda vivos e para os já adormecidos vale um decisivo “**simultaneamente**”.

Mas até lá? O que acontece com os agora adormecidos? No fundo o texto não dá nenhuma resposta. Isso nem mesmo é tão importante. Se os que agora morrem no Senhor participarão simultaneamente conosco da parusia, então tudo está plenamente resolvido. A rigor não é necessário saber mais do que isso.

Lançamos aqui um profundo olhar sobre o pensamento genuinamente bíblico! Como está liberto do eu e repleto das grandes coisas de Deus! “Santificado seja o teu nome, venha o teu reino, seja feita

a tua vontade na terra!”, é esse seu ardente desejo. A maravilhosa graça que se concede ao pequeno eu individual é poder participar quando as grandes coisas de Deus acontecem. Não importa o que “entrementes” é feito do eu. Tudo isso é inteiramente distorcido entre nós! Interessa-nos justamente apenas o eu individual e seu destino além da sepultura. A igreja e sua consumação, a vitória de Jesus, a causa de Deus nos deixam totalmente indiferentes e praticamente sumiram de nosso horizonte “cristão”. Nessa situação torna-se salutar para nós que aqui, e também em outras ocasiões, a Bíblia apenas aluda rapidamente à condição de nosso querido e importante eu após a morte, amarrando nossa verdadeira esperança e nosso consolo fundamental de forma integral a Jesus e suas grandes façanhas vindouras. “A vinda de Jesus, a vitória de Jesus, a soberania de Jesus certamente presenciarei” – isso não deveria ser também consolo suficiente para nós na morte?

- 14 Em que se alicerça nossa límpida esperança pelos nossos falecidos e por nós mesmos ao morrer? **“Porque se cremos que Jesus faleceu e ressuscitou.”** Nossa “esperança” não pode se dissociar de nossa “fé”, seguindo caminhos próprios, por assim dizer. Ela decorre de nossa fé. Nossa fé possui clareza total sobre a trajetória de Jesus. Jesus morreu, mas não permaneceu na morte, foi ressuscitado. Isso, porém, não foi uma experiência particular, mas algo que aconteceu ao Cristo, o Rei de seu povo, o cabeça de seu corpo. Em tudo ele é “primícias” (1Co 15.20), o “primeiro feixe” do campo da colheita, ao qual toda a grande safra sucede. A partir daí é imperiosa a conclusão que confere certeza aos tessalonicenses preocupados e a nós: “Da mesma forma também Deus há de reunir com ele os que adormeceram através de Jesus.”

Três coisas são significativas para nós aqui. Primeiro: qualquer tentativa de demonstrar uma “imortalidade da alma” e fundamentar a esperança sobre isso está inteiramente afastada. A ação manifesta de Deus em Jesus propicia um fundamento completamente distinto, sólido. Segundo: por pertencermos a esse Jesus que “morreu e ressuscitou” não fomos deixados a sós nem abandonados em nossa morte. Nós **“adormecemos mediante Jesus”**. Aqui já se assinala o que se expressa mais tarde de forma tão clara e consoladora em Rm 14.7ss. Independentemente de ser martirizado em nome dele ou definhado sob uma enfermidade, se há muitas pessoas à minha volta ou se meu fim é solitário, o próprio Jesus tem esse fim em suas mãos. E por fim: sem dúvida a formulação **“Deus há de reunir com ele os que adormeceram mediante Jesus”** é bastante oscilante. Poderia expressar apenas que na parusia Deus reconduzirá os que adormeceram de volta a Jesus. Então ela seria quase que correspondente às últimas linhas do presente trecho da carta. Na seqüência de sua frase: “Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou” Paulo a rigor deveria ter continuado: da mesma forma Deus também “ressuscitará com ele” os que adormeceram mediante Jesus. Mas, como para ele e os tessalonicenses importava a participação dos falecidos na parusia, e não apenas sua vivificação em si, ele de imediato passa para além do “ressuscitar” até o “reunir com Jesus”, ou seja, para a ocasião da parusia. Não obstante, talvez possamos dar um passo além a partir daí. Visto que Deus na verdade cuidou do Senhor Jesus também nos dias entre morte e ressurreição, ele também cuidará “do mesmo modo” dos cristãos adormecidos e os **“reunirá com Jesus”**. Então residiria nessa expressão a base daquela grata certeza que Paulo expressa em Fp 1.23 em vista de seu provável martírio iminente: o desmontar da tenda na morte é diretamente seguido do “estar junto de Cristo”, o que é “incomparavelmente melhor”, ainda que não seja absolutamente a consumação nem a glória plena. A expressão oscilante “reunir com ele” seria um olhar muito rápido para dentro do “estágio intermediário”. Os adormecidos são e continuam sendo “mortos”. Isso é incontestável a partir do v. 16. Mas “mortos” de forma alguma significa “inexistentes”. Tampouco se diz “dormentes”, uma vez que o uso da palavra “adormecido” na presente carta corresponde meramente ao uso terminológico geral grego e não implica nada em termos objetivos acerca da condição após a morte. De qualquer modo “cristãos” são **“mortos em Cristo”**, ou seja, mortos sobre os quais “Jesus Cristo é o Senhor”, da mesma forma como sobre os viventes (Rm 14.9; Hb 12.23; Lc 23.43)! Até mesmo “mortos” não estão separados de Cristo, logo estão abarcados pelo senhorio dele, pela paz dele, pela proteção dele. Não estão “perdidos” (1Co 15.18). Contudo – esse saber também precisa bastar. Não obtemos nenhuma outra informação, muitas perguntas permanecem em aberto. Reiterando: para uma igreja que realmente aguarda o Senhor vindouro tudo isso também não é importante, desde que possa ter certeza de uma única coisa: nossos mortos estão abrigados em Cristo e de maneira alguma estarão em desvantagem no dia da parusia.

- 15 Por isso é a essa parusia que a carta se dedica na seqüência. Surge expressamente o termo técnico “parusia”. Seu sentido literal é “presença”, mas também “chegada”, podendo ser utilizado

singelamente no linguajar corriqueiro acerca da vinda de uma pessoa: 1Co 16.17; 2Co 7.6. Mas já na linguagem daquele tempo a palavra pode se revestir de uma conotação solene, “oficial”. Era empregada para a “visita governamental”, para o “advento” de um soberano, especialmente para o novo imperador, que “vinha” para Roma depois de anos de distúrbios e conflitos, trazendo felicidade a todos com sua “presença” e colocando tudo em ordem. Também aqui na carta na realidade se trata da chegada de um soberano: “parusia do Senhor”, e naquela época a palavra “Senhor” = *kyrios* – conhecida nas liturgias pelo *Kyrie eleison* – ainda não estava tão desgastada como hoje. O que o novel cristianismo entendia por “chegada do Senhor” era decididamente o contrário de todas as entradas triunfais e visitas governamentais daquela época. Agora vem o verdadeiro e real soberano do mundo, que de fato e definitivamente traz a salvação e a paz à terra dividida e ensangüentada, enquanto os adventos dos imperadores terrenos, apesar de toda a ostentação de pompa e entusiasmo, conduziam tão-somente a novas decepções.

Por isso a “**parusia do Senhor**” também passa a ser descrita como fenômeno oposto àquelas marchas triunfais do imperador com todo seu poder e magnitude. O novo aparecimento de Jesus, agora oculto e invisível, está “subordinado a uma palavra de comando”. Porque dia e hora dele “ninguém conhece, nem mesmo os anjos no céu, tampouco o filho, mas unicamente o Pai” (Mc 13.32). Afinal, ele é determinado pelos grandes planos de Deus, que somente ele, o Pai, supervisiona pessoalmente. Por isso não apenas a igreja “aguarda”, mas também nosso Salvador sumamente exaltado “está assentado à destra de Deus, aguardando, daí em diante...” (Hb 10.12s). O Pai precisa primeiramente dizer ao Filho: “Agora chegou o momento, vá e consuma a obra!” O Filho “não pode fazer nada por si próprio” (Jo 5.19). Ó que comando magnífico, quando o Deus santo e vivo dará a ordem para que se realizem os últimos atos de Jesus que consumarão a tudo!

- 16** Imediatamente o céu toma conhecimento dessa ordem. Como é pobre e sombria nossa visão de mundo quando não pensamos mais naquele mundo imenso cheio de luz e vida que participa dessa maneira de tudo que diz respeito à obra de Deus na terra! Agora um arcanjo, um príncipe dos anjos, anuncia em alta voz aos céus: A hora chegou!

Tampouco falta a trombeta que podia ser ouvida no exército romano e nos grandes desfiles em honra ao imperador. Contudo – aqui é uma “**trombeta de Deus**”! Em 1Co 15.52 Paulo a chama de “última trombeta”, ou seja, sem dúvida a última daquelas “sete trombetas” de que fala João em Ap 8ss. Mas em toda a figura não deve ser esquecida a relação com Mt 24.31. É bem verdade que o evangelho de Mateus ainda não havia sido escrito na época da presente carta. Paulo não possuía aquela passagem em forma de livro. Mas a exposição que Jesus havia feito das “últimas coisas” era amplamente conhecida nas igrejas. Nessa exposição já estava explícito o papel dos anjos e da “grande trombeta” na parusia e no arrebatamento da igreja.

Na seqüência manifesta-se ele mesmo, o *Kyrios*, “**ele próprio o Senhor**”. Do trono à destra do Pai ele vem e “**desce do céu**”. Então... Paulo assevera à igreja que agora não dará asas à sua fantasia e tampouco trará a interpretação de outras palavras da Escritura. “**Isso nós vo-lo declaramos em uma palavra do Senhor**” (v. 15)! Não sabemos se os apóstolos possuíam palavras de Jesus sobre sua vinda que não nos foram transmitidas nos evangelhos ou se Paulo recebeu explicações especiais expressas de Jesus em suas “visões e revelações do Senhor”, de que fala em 2Co 12, ou em outra ocasião. Basta que ele alicerce a certeza dele e nossa diretamente em Jesus e sua própria palavra, não defendendo aqui opiniões dogmáticas ou exegéticas. Esta é, pois, sua certeza: quando o Senhor descer do trono celestial “**os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro**”. Portanto, o primeiro efeito da parusia penetra até mesmo no mundo dos mortos, de sorte que justamente os cristãos adormecidos “**de forma alguma**” estarão em desvantagem diante dos demais. Independentemente de qual seja a condição desses “mortos em Cristo”, agora “ressuscitam”: obtêm a nova gloriosa corporeidade – à semelhança do corpo glorioso do próprio Jesus, Fp 3.21 – alcançando assim toda a plenitude da vida divina. Somente então o efeito da parusia se volta “**aos vivos que sobram até a parusia**”.

Não se fala de sua “transformação” (cf. 1Co 15.51-53) – os tessalonicenses haviam sido bem informados disso, não tinham dúvidas acerca disso, alegravam-se com isso. Novo e importante para eles é que agora os ressuscitados e transformados são “**simultaneamente**”, como que arrastados por poder tempestuoso, “**arrebatados em nuvens... para o ar**”. Aqui as “**nuvens**” evidentemente não são as formações nebulosas que conhecemos. Não é preciso “desmitificar” nada. Pelo contrário: “**nuvem**” é invólucro divino de um acontecimento divino, assim como na travessia do deserto o Deus vivo que liderava o povo está oculto na “coluna de nuvens”, e assim como na transfiguração de Jesus

sobre o monte “uma nuvem branca os encobria”, da qual ressoava a voz de Deus, e na ascensão “uma nuvem o recolheu diante de seus olhares”. De maneira idêntica a igreja ressuscitada, transfigurada, glorificada, ao ser acolhida por seu Senhor, será afastada dos olhares do mundo por meio de “nuvens”.

17 E agora – que acontecimento e que experiência é essa! A palavra dirigida pelo Espírito Santo não traz nenhuma ilustração especial. Não obstante, podemos deter-nos por um instante diante do quadro. O grande hino de Johann Meyfart (1590-1642) na verdade não é inteiramente bíblico em seu esboço, mas sem dúvida podemos usar suas palavras acerca desse “arrebatoamento”: “Que população, que nobre multidão, vejo chegando aí? Vejo todos os eleitos do mundo, vejo-os, a nobre coroa...” e “Grandes profetas e nobres patriarcas, também cristãos clandestinos que suportaram o jugo da cruz, e dos tiranos o flagelo, vejo-os pairar em glória, com ampla liberdade, cercados de límpida claridade, de raios do fulgurante sol.” Sim, aí vêm todos eles, chegando de todos os séculos, de todos os povos, raças e continentes, adultos e crianças, homens e mulheres! Com frequência a igreja de Jesus parece-nos tão pequena, mas agora ela realmente forma uma multidão incontável que avança para as alturas em direção do Cabeça amado. Como esse grupinho era muitas vezes minguaado, sem aparência em si mesmo e ridicularizado pelo mundo, desprezado, afligido, talvez até mesmo torturado, encarcerado, executado. Agora ele brilha em radiante consumação, eximido para sempre de todo sofrimento, toda tribulação, toda morte! O decisivo é: todos eles que o amavam, ao qual não viam, agora o *vêm* e se alegram com indizível e maravilhosa alegria (1Pe 1.8) e “**assim estarão para sempre juntos do Senhor**”. É verdade! Por mais que a verdadeira vida cristã seja um “estar em Cristo”, por mais que Cristo habite “em nós” por intermédio do Espírito Santo, nossa condição atual de cristão continua sendo um “estar distante do Senhor”. O próprio Paulo, que cunhou a expressão “em Cristo”, relacionando-a repetidamente com todas as esferas da vida, que testemunha com tanta clareza para sua própria vida o “Cristo em mim”, sentiu profundamente esse estar distante do Senhor, externando-o em 2Co 5.7. Ele não é um “místico”, preservando com sobriedade a diferença fundamental entre “crer” e “ver”. Por isso a verdadeira glória da parusia e do arrebatamento também é que então estaremos corporalmente juntos de Jesus em contemplação direta! Finalmente acaba o “conhecer em parte”! Agora “conhecerei assim como fui conhecido” (1Co 13.12), agora hei de “vê-lo como ele é” (1Jo 3.2). É isso! Se de fato encontramos a vida em Jesus, se seu amor nos arrancou da perdição e morte, então também toda a glória do arrebatamento foi expressa de forma indizível com uma só palavra: “Juntos do Senhor para sempre!” Em decorrência, somos gratos ao apóstolo porque, nem aqui nem em qualquer outro momento, desvia nosso olhar e coração dessa uma grande questão principal. Toda a igreja dos amados irmãos e irmãs eternamente reunidos, e toda a igreja unida para sempre e de forma inseparável com Jesus – essa será a glória daquele dia. Nosso coração não deveria se deter com muito maior frequência diante desse dia da parusia, para que tenhamos mais alegria, mais força de superação, mais disposição para sofrer?

Por que, no entanto, a igreja será arrebatada da terra “**para os ares**”? A princípio Jesus vem para **sua igreja**, e em primeiro lugar somente para ela. Tão profundo é o amor do Cabeça pelo Corpo. Por isso desde já a terra é deixada de lado em termos puramente formais. A sublime festa da unificação de cabeça e corpo deve acontecer totalmente separada do mundo. Assim é enfaticamente sublinhada toda a importância e singularidade da igreja. Ao mesmo tempo, porém, podemos também recordar que em Ef 2.2 Satanás é chamado “dominador da potestade sobre o ar”. A concepção corriqueira de que o diabo está no inferno, habitando ali, não tem nada a ver com a verdade bíblica. A sede da eficácia de Satanás é o espaço aéreo, a partir daí ele preenche toda a “atmosfera” do mundo. Mas agora acontece a grandiosa e ditosa festa de vitória daquele que esmagou a cabeça da serpente, precisamente no “quartel-general” do próprio inimigo.

Contudo o arrebatamento para longe da terra significa ainda mais! A maioria das traduções verte o grego para finalidade e alvo, *eis apántesin tou kyríou*, apenas como “ao encontro do Senhor”. É verdade que a palavra grega pode ter essa acepção descolorida. Mas uma comparação com Mt 25.1 deveria servir de advertência para nós. Será que as amigas da noiva simplesmente vão “ao encontro” do noivo? Não, na verdade devem “buscá-lo” ou “acolhê-lo”! É disso que foram incumbidas, é para isso que se enfeitaram. At 28.15 é igualmente elucidativo: “Tendo ali (em Roma) os irmãos ouvido notícias nossas, vieram à nossa *apántensis* até à Praça de Ápio e às Três Vendas.” Obviamente não vieram morar com Paulo em Ápio e Três Vendas, mas para buscá-lo para Roma! Ao mesmo tempo podemos recordar novamente acontecimentos políticos daquele tempo, de cujo linguajar se serve



todo o presente trecho. Também o novo imperador que celebra seu “advento”, sua “parusia”, é solenemente “trazido para casa” pelo senado e pelo povo de Roma. O povo caminha ao encontro dele para fora da cidade e depois acompanha sua entrada na capital. É nesse sentido que a igreja consumada e transfigurada tem o privilégio de correr em direção de seu Senhor “**para o acolhimento do Senhor**”.

De imediato também se explicita, então, que esse encontro em si com o Senhor no ar não pode ser o fim! Não, a grande história de Deus e a história do mundo não acabam no momento em que uma igreja arrebatada estiver junto do Senhor nos ares! Isso seria como se as núpcias acabassem no momento em que as moças encontram o noivo na rua e se juntam a ele. Será que agora o noivo permanecerá lá fora com elas?! Porventura Paulo fica para sempre com os irmãos romanos em Ápio e Três Vendas? Ou será que o “advento” do novo imperador acaba no momento em que multidões festivas vinham ao encontro dele diante da cidade? Será que o imperador permanece a vida toda com seu séqüito de fiéis diante das portas de Roma? Impossível! A carta não diz mais nada porque seu intuito é apenas “consolar” por meio da “simultaneidade” do arrebatamento. Ela é uma verdadeira carta, que trata das preocupações peculiares dos destinatários, e não um pequeno tratado de dogmática que pretende fornecer uma visão completa da escatologia. Contudo, para nosso entendimento pessoal da carta é importante que estejamos conscientes disto: o “acolhimento do Senhor” não é o último acontecimento, não é o ponto final. Pelo contrário, há uma continuação obrigatória, assim como o imperador chega a Roma através de seu “acolhimento”, iniciando ali seu governo, ou assim como Paulo vem a Roma acompanhado dos irmãos romanos para ali aguardar seu processo e atuar intensivamente como evangelista e conselheiro espiritual. No entanto, para o “acolhimento do Senhor” por sua igreja a palavra profética no AT e do NT nos mostrou o alvo inequívoco: dos ares Jesus vem com sua igreja à terra, aniquila ali o anticristo com o hálito de sua boca e finalmente traz o que os profetas prometeram e o que ele mesmo, Jesus, anunciou constantemente quando viveu na terra: o reino dos céus na terra!

Assim a breve frase “**estaremos sempre juntos do Senhor**” é plenamente preenchida de conteúdo. Estar junto dele significa participar de seus grandes feitos vindouros: da derrubada do império anticristão mundial, do governo do Senhor sobre esta velha terra, do juízo universal perante o grande trono branco e finalmente do governo do novo céu e da nova terra a partir da nova Jerusalém.

Recapitulemos: o fato de que os adormecidos em Jesus terão total participação em tudo isso constitui pleno e poderoso consolo, e o breve “tempo intermediário” pode ser devidamente deixado de lado, assim como certamente ocorre na presente carta.

O leitor de hoje precisará confrontar-se com uma questão básica: será que toda essa descrição não é excessivamente “compacta”, “palpável”? Verdade é que nosso gosto pelo realismo bíblico foi severamente estragado pelas reiteradas helenizações da igreja. Contudo, ponderemos: a própria criação de Deus é inegavelmente algo muito “palpável” e não um mundo intelectualizado de idéias! Da mesma forma a obra redentora do Senhor Jesus é “compacta”, inclusive nos golpes que dilaceram o corpo real de forma muito “palpável”, e inclusive nos pregos de ferro de verdade que penetram nas mãos e fazem com que seja vertido verdadeiro sangue vermelho. Toda a história da humanidade, somada a todos os atos de Deus dentro dela constitui uma história palpável, real, corporal. Porventura agora, no final, tudo se dissiparia no ar e na neblina? Não será que unicamente uma escatologia realista corresponde ao realismo de toda a nossa existência? Ou será que de nossa parte realmente pretendemos aceitar a comparação que os dominadores deste mundo gostam tanto de nos oferecer: “Para vosso bom Deus e para vós, a alma e o céu, mas a realidade deste mundo para nós e nosso poder!”? Não, o domínio intelectual de Jesus no reino das idéias não nos basta! Aguardamos exatamente aquilo que a carta nos descreveu aqui, o cumprimento visível de sua palavra régia: foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra! O começo desse cumprimento de sua palavra real chama-se: parusia e arrebatamento!

Entretanto, cabe também considerar o seguinte: como a palavra bíblica é impressionantemente reservada aqui, como também em outras passagens! Não é dito absolutamente nada acerca da situação dos “mortos em Cristo”! Para descrever a própria parusia uma única frase precisa ser suficiente, apesar de todo realismo! Não se empreende uma descrição do Senhor glorificado. Não ouvimos nenhuma palavra sobre a condição dos próprios membros glorificados da igreja! Duas razões determinam essa reserva. Primeiro: todo aquele que de fato conhece a Jesus conhece muito

bem o que a pessoa da antiga aliança sabia quando orava: “Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra!” (Sl 73.25.) Juntos de Jesus para sempre – isso é, de fato, suficiente! Em segundo lugar, porém, Paulo está profundamente imbuído do seguinte: o que Deus preparou para nós não foi visto por olho algum, nem ouvido por ouvido nenhum, nem compreendido por coração algum! Por isso contemplamos as “coisas invisíveis” (2Co 4.18), assim como o próprio Paulo também considerou inexprimível tudo o que viu e ouviu nas visões que teve sobre o paraíso (2Co 12.4). Se fôssemos capazes de expressá-lo, torná-lo visível, descrevê-lo, já não seria consumação eterna. Por isso a igreja errou fundamentalmente quando – numa aproximação pouco positiva a outras religiões – com o passar do tempo repetidamente tentou recuperar, por iniciativa própria, aquilo que Paulo lhe negou, dando então ilustrações do além, do céu e da glória. Pretender saber e ter mais que as pessoas da Bíblia continua sendo um empreendimento questionável! Igualmente é questionável pelo fato de que leva com demasiada facilidade àquele “saber” que “ensoberbece” (1Co 8.1), desviando do amor, o único pelo qual podemos captar e ter em nós desde já a natureza permanente do mundo da consumação (1Co 13.13).

Por fim cumpre trazermos à nossa consciência que aqui Paulo não escreve um “tratado dogmático”, mas o trecho de uma carta que visa consolar a igreja em uma aflição e questão bem específica. Portanto, não foram ditas aqui várias coisas que precisamos acrescentar a partir de outras exposições do apóstolo a fim de completar o quadro. Acima de tudo não se fala aqui sobre o juízo sobre a igreja, ao qual os mensageiros se referem diversas vezes com tanta gravidade na carta (1Ts 3.13; 4.6; 5.23). No presente ponto ele pode permanecer desconsiderado porque não trata do “juízo universal”, do “juízo do fim dos tempos”, do juízo perante o grande trono branco, que ocorre somente muito mais tarde depois da queda do anticristo e depois do “reino milenar” (cf. Ap 20.11-15) e do qual a igreja aperfeiçoada participa como jurada (1Co 6.2s). No caso do juízo sobre a igreja não estão em jogo, expressamente (1Co 3.15!), a bem-aventurança nem a perdição. Essa questão está decidida para os salvos, tão certo como existe “certeza da salvação”! Está em jogo – obviamente com aterradora gravidade – a obra de vida dos cristãos com base em sua conversão e seu renascimento. Esse aspecto pôde ser deixado de lado no presente texto porque isso a princípio não alteraria em nada o destino dos “mortos em Cristo” nem prejudicaria o consolo da igreja.

### **A CLAREZA SOBRE A PARUSIA CONFIGURA A VIDA DA IGREJA – 1Ts 5.1-11**

- 1 – Irmãos, relativamente aos tempos e às épocas, não há necessidade de que eu vos escreva.**
- 2 – pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o Dia do Senhor vem como ladrão de noite.**
- 3 – Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão.**
- 4 – Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse Dia como ladrão vos apanhe de surpresa**
- 5 – porquanto vós todos sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas**
- 6 – Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios.**
- 7 – Ora, os que dormem dormem de noite, e os que se embriagam é de noite que se embriagam.**
- 8 – Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestindo-nos da couraça da fé e do amor e tomando como capacete a esperança da salvação.**
- 9 – porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo,**
- 10 – que morreu por nós para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos em união com ele.**
- 11 – Consolai-vos, pois, uns aos outros e edificai-vos reciprocamente, como também estais fazendo.**

- 1** Quanto mais viva for toda a esperança realista em uma igreja, tanto mais premente se torna a pergunta do “quando?”. Parece que a igreja em Tessalônica estava muito preocupada com isso. A segunda carta a essa igreja permitirá vislumbrar uma preocupante inquietação que se incendiou nessa pergunta. Talvez Timóteo, em seu retorno, tenha informado acerca dos inícios dessa inquietação. Por isso os autores da carta consideraram necessário dizer uma palavra nesse sentido: “**Sobre os tempos**

**e prazos...**” Aqui são usadas as duas palavras para “tempo” que o grego possui, ao contrário de nós: *chronos*, que é o decurso geral do tempo, e *kairós* = o tempo “qualificado”, definido. Os “**tempos e prazos**” são escatológicos. Apesar de todo caráter súbito e imprevisível dos eventos do fim, que a carta em seguida também enfatizará com a ilustração da “invasão do ladrão”, o futuro não deixa de ser visto sob o aspecto da “colheita” ou do “nascimento”. Afinal, tanto na colheita como no nascimento é preciso que chegue “a hora”. “Tempos e prazos” precisam ter transcorrido, e o nascimento é precedido pelas “dores”. Em 2Ts 2 os mensageiros enfatizarão precisamente esse aspecto da questão em vista de uma agitação, citando episódios que precisam ocorrer antes que possa vir o fim.

“**Irmãos, relativamente aos tempos e prazos não há necessidade de que eu vos escreva, pois vós mesmos estais bem inteirados...**” Paulo e seus companheiros não estiveram por muito tempo em Tessalônica. Apesar disso informaram a igreja exaustivamente e com precisão acerca das questões escatológicas. Tão central era a escatologia na evangelização! Por isso, quando se trata de falar sobre o “quando”, apela-se ao saber e discernimento próprios da igreja. Isso ocorre de tal forma que aqui se aponta para o caráter imprevisível e súbito dos acontecimentos, apesar do tópico “tempos e prazos”. Aqui a palavra bíblica está – como também em outros pontos essenciais! – carregada de tensões. Muitas vezes nossa maneira de pensar só consegue captar a verdade divina decompondo-a em duas verdades que formam certo contraste entre si e apesar disso fazem reluzir a verdade viva de Deus justamente quando estão lado a lado. Por exemplo, o próprio Jesus afirmou ambas as coisas ao mesmo tempo, embora seja uma contradição “lógica”: existem “sinais dos tempos”, muitas coisas determinadas precisam acontecer antes que o fim possa chegar, e o fim chegará em momento incalculável, de forma súbita como um assaltante, de cuja atividade faz parte não se anunciar previamente e não permitir que se vejam antecipadamente “sinais” de sua vinda. A mesma duplicidade existe nas duas cartas aos Tessalonicenses: a primeira rejeita qualquer apego a cálculos de “tempos e prazos”. “**Pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o dia do Senhor vem como ladrão de noite**”. A segunda carta, porém, destaca, diante de conclusões fanáticas sobre esse “caráter repentino”, justamente os “tempos e prazos”, asseverando: “Porque ele não virá, antes que aconteça...”

- 3 A rigor toda a característica inesperada e repentina da história do fim vale realmente apenas para “**os demais**”, que passam pelo mundo e pela vida dormindo. Para eles o dia do Senhor de fato vem como o ladrão aos moradores desavisados e dormentes da casa. “**Quando dizem: paz e segurança!, eis que lhes sobrevirá destruição como algo repentino.**”

“**Paz e segurança**”, uma existência tranqüila, sem contrariedades e segura: é isso que o ser humano busca por natureza. Como todo ser natural, o homem vive ameaçado de múltiplas formas e por isso está permanentemente amedrontado e preocupado. Essa “insegurança” demonstra sua dependência de poderes superiores e faz com que busque alcançar ajuda e bênção do alto. Mas ao mesmo tempo também tenta ajudar a si mesmo e proteger-se contra todos os poderes hostis. Ciência e tecnologia servem cada vez mais para dar “segurança” à vida. É notório que o “progresso” da humanidade se precipita em direção de um estado em que o ser humano acredita ter dominado todos os poderes da natureza e assegurado definitivamente sua existência. Por isso a formulação do presente capítulo já aponta em direção daquilo que 2Ts elaborará no cap. 2. No império universal do anticristo e seus “milagres” o ser humano afirmará: agora conquistamos tudo! Agora existe “paz e segurança” para nossa vida neste mundo, sem Deus e ajuda divina, unicamente por meio de nossa inteligência e força! Agora temos prazer de viver! Mas justamente então serão atingidos pela perdição súbita. Acontece que aquela última geração no auge da civilização humana só terá aquela configuração consumada da “segurança” que também já caracterizou a humanidade antes do dilúvio e os habitantes de Sodoma e Gomorra: Mt 24.37-39; Lc 17.26-30.

Ao mesmo tempo simplesmente não há como ignorar que a formulação “paz e segurança”, colocada na boca dos mensageiros pelo Espírito Santo, corresponde de modo consternador ao lema político que move os povos desde o final da Primeira Guerra Mundial. “Paz e segurança”: é isso que o mundo torturado deseja obter, é sobre isso que se debate em todas as conferências dos governantes. Um dia isso realmente será festejado com entusiasmo: no império mundial do anticristo! Mas justamente então, quando finalmente parece ter sido alcançado, “**então como algo repentino lhes sobrevirá perdição**”.

Essa interpretação pressupõe que ao escrever dessa forma para pessoas instruídas e informadas é possível limitar-se a breves alusões, por trás das quais há muito mais do que as próprias palavras permitem supor. Esse “Quando dizem...” não é apenas um “sentimento” geral de paz e segurança que se poderia ter “de qualquer jeito” a qualquer hora, mas uma condição bem específica, determinada constatação que na verdade só se torna viável em determinada hora: precisamente na liga universal de nações do anticristo, ao passo que neste momento os povos permanecem necessariamente equidistantes de seu ideal de “paz e segurança” por causa da corrida armamentista e do temor das guerras. Qualquer exegese sóbria que realmente se pergunta como um texto desses consegue afirmar determinadas coisas precisa levar à pergunta: Quando, afinal, as pessoas de fato poderão dizer “paz e segurança”? Então se torna visível que o ensino escatológico consistente está subjacente às breves alusões de nosso texto. O cap. 2 da segunda carta confirma expressamente: Paulo sabe a respeito do anticristo e conta com seu aparecimento. Somente depois, no âmbito desse reino miraculoso de paz e segurança acontece a parusia do Senhor, trazendo perdição súbita para todos que pensavam final-mente ter acabado com o Deus e o Jesus da Bíblia.

**“E de modo nenhum escaparão.”** Novamente precisamos ver muitas coisas por trás da menção sucinta de algo há muito proclamado: justamente tudo aquilo que dá continuidade a 1Ts 4.16s e que está sendo retratado desde já em 2Ts 1.5-10, bem como nas poderosas imagens de Ap 19.11-21. Do contrário a presente carta continua parecendo muito pálida e superficial.

- 4 A igreja, porém, não partilha essa situação do mundo, mantendo-se fortemente distinta dela. **“Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse dia vos apanhe como ladrão.”** Afinal, sua marca é justamente, cf. 1Ts 1.10, “ser servos da gleba de Deus, do vivo e real, e aguardar seu Filho a partir dos céus”. Como seria possível ficar totalmente surpreso com a “chegada” de alguém já aguardado há muito tempo com ardente alegria! É bem verdade que também essa igreja precisa ser convocada: **“Assim, pois, não durmamos; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios”** [v. 6]. Também nela há o perigo da possibilidade de adormecer, pelo que também para eles o Senhor viria de modo assustador “como ladrão na noite”. Mas é significativo para a presente epístola que essa “possibilidade” de modo algum representa a linha verdadeira! Acerca da igreja de Jesus em Tessalônica subentende-se com grande confiança e determinação que ela aguarda com expectativa e preparo seu Senhor vindouro, estando pronta para ele.
- 5 Pois – e na seqüência destaca-se o verdadeiro e magnífico sentido de todo esse bloco epistolar – a expectativa daquele dia não é um belo sonho para horas de ócio e tampouco uma ciência esquisita para alguns especialistas. Não, assim como todo verdadeiro alvo determina e fixa toda a trajetória, assim “aquele dia” determina todo o pensar e viver da igreja. Ela realmente é o que é apenas a partir desse alvo, desse “dia”. A carta expressa isso com um antigo adágio israelita: “porquanto vós todos sois filhos da luz e filhos do dia.” Como o filho recebe toda a vida e todas as características dos pais, “ser filho de algo” significa o mesmo que: pertencer inteiramente a algo, ser inteiramente marcado por algo, encontrar-se na mais estreita ligação com algo. Por isso os “noivos” em hebraico na verdade se chamam “filhos do quarto nupcial”, porque estão tão intimamente envolvidos nas núpcias, porque pertencem de tal maneira ao casamento, que precisamente por isso “não podem jejuar enquanto o noivo está com eles” (Mc 2.19). Conseqüentemente, “o dia” também não é algo distante, que possa ser ocasionalmente mencionado de passagem, mas “cristãos” pertencem desde já inteiramente a esse dia, de fato já vivem a partir dele, obtendo dele sua essência e conduta: são “filhos do dia”. Paulo antepôs enfaticamente que: “todos” vós sois isso! Não apenas algumas pessoas eminentes da igreja, ou uma elite, ou sua “comunidade nupcial” especial, ou alguns “especialistas” vivem assim, mas também os membros menores e mais frágeis (desde que realmente sejam “membros”) são tais “filhos” do dia e da luz.

Sobre o mundo paira a noite. Ainda que muitas vezes o sol brilhe radiosamente, ainda que as pessoas tentem tornar o mundo cada vez mais belo e iluminado, ainda que a tecnologia obtenha avanços verdadeiramente admiráveis e torne possível o que no passado jamais fora imaginado, o mundo não deixa de ser um mundo “noturno” – e as pessoas também percebem isso. Nos palácios da diversão, encantadoramente iluminados, o medo e o pavor ficam à espreita no íntimo. Prevalece certamente a velha palavra de Deus: “Eis que as trevas cobrem a terra, e a escuridão, os povos” (Is 60.2). A conversão, porém, traz a grande transformação à vida das pessoas: “Ele nos arrancou do império das trevas...” Paulo dirá mais tarde perante os colossenses (Cl 1.13). Mesmo que muitas coisas no destino e nos atos e afazeres do cristão ainda sejam bastante “sombrios”, por princípio ele

foi retirado deste mundo noturno. Fundamentalmente vale para ele a gloriosa constatação: “**Nós não somos da noite, nem das trevas.**”

- 6s Na seqüência nos é apresentada a “ética evangélica”. Agora não se diz, como na “lei” e em todo o idealismo e moralismo: esforça-te, para que te desvencilhes das trevas e aos poucos alcances a luz! A afirmação é exatamente oposta: por serdes filhos da luz e do dia e não pertencer à noite e às trevas, justamente por isso “**não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios**”. Sono e embriaguez pertencem à noite e só combinam com ela: “**Ora, os que dormem dormem de noite, e os que se embriagam é de noite que se embriagam.**” Logo as pessoas de fato vivem nesse terrível mundo noturno. Ou fecham os olhos diante de todas as atrocidades, andando sonolentas e dormentes, até que o terrível despertar lhes sobrevenha tarde demais. Ou escapam para a “embriaguez”, seja de forma real, pelo álcool, seja para a embriaguez de suas idéias, visões de mundo, esperanças e alvos. No meio dos dormentes e embriagados da noite deste mundo está a igreja de Jesus, diferenciada deles com um nítido e límpido “**Nós, porém**”. “**Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios...**” É inevitável que as opiniões colidam duramente a esse respeito. O mundo considera os cristãos como sonhadores, entusiastas, contadores de lendas. “Religião é ópio para o povo.” Os cristãos, porém, sabem que eles são os únicos despertados e sóbrios por contarem com o Deus vivo e com o Senhor vindouro, enquanto todos os demais se devotam a sonhos fantasiosos ou – desesperam.
- 8 É assim que os cristãos se encontram como “gente do dia” e “gente da luz” em meio ao mundo noturno. Nessa questão, pois, Tersteegen tem razão: “É perigoso estar neste terreno ermo.” Perigoso porque “nas trevas deste mundo dominam os espíritos debaixo do céu” (Ef 6.12). Por essa razão o cristão de fato carece da “armadura”, que precisamente por isso é descrita pela carta neste contexto: “**como aqueles que se revestiram da couraça da fé e do amor e tomaram como capacete a esperança da salvação.**” O mundo não ataca a igreja apenas com seu escárnio direto ou com perseguição. Toda a sua natureza noturna constitui um ataque incessante ao cristão. Toda vez que inspira, o hálito peçonhento do ar da noite se aproxima de seu coração, o hálito peçonhento da mentira, da injustiça, do egoísmo, do ódio, do medo e da avidez, do desprezo de Deus. É verdade, carecemos de sólida blindagem para não sermos perigosamente feridos! A trajetória do pequeno grupo de gente do dia pela noite não é nenhum passeio inofensivo. Mas também **temos** a couraça. Ela não é nem um pouco artificial ou especial, mas simplesmente **a fé**, que vive continuamente em Cristo e conta com ele, bem como **o amor**, que não nos permite acompanhar a natureza noturna nem pactuar com ela, mas que incansavelmente contrapõe ao ódio a bondade, à mentira a singeleza, à avidez a pureza, ao medo a paz. A cabeça, porém, precisa ser especialmente protegida. Para isso temos **a esperança da salvação**. Evidentemente isso não se refere à vaga “esperança” que todas as pessoas possuem. Não, quando o adversário tenta desferir o golpe decisivo contra a cabeça, então nós lhe contrapomos toda a certeza de nossa redenção, da redenção que já aconteceu no Calvário, e da salvação que em breve irromperá com nosso Senhor vindouro. Sendo pessoas assim redimidas, já não podemos nos sujeitar ao mundo nem nos deixar ferir mortalmente.
- 9 Em vista disso a carta torna a explicitar à igreja, justamente em relação a essa sua situação de árdua luta como estrangeiros, como pequeno grupo de pessoas totalmente diferentes, como “gente do dia” no mundo da noite: “**Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo.**” O mundo todo caminha em direção ao juízo, à “ira”. Como essa visão faz desaparecer o poder angustiante ou sedutor do mundo sobre nós! Seu mais fascinante esplendor torna-se pálido, e seu trovejar, ridículo, perante a terrível parede de nuvens da ira de Deus, que já se erigiu acima dele. Também nós somos por natureza e por direito destinados à ira. Não obstante, agora vale para nossa vida: “não para a ira!” Que notícia inaudita! Haveremos de “ganhar” e possuir a redenção, a salvação! Será que para nós isso não se torna, com excessiva facilidade, algo “natural” e por isso de pouco valor e nenhum vigor? Precisamente diante da realidade da iminente ira de Deus precisamos aprender a ver de forma nova toda a magnitude de nossa redenção, para que em nosso coração se forme um profundo júbilo com tremor: “**não para a ira, mas para obter a redenção!**” No NT a recorrente palavra *soteria* = “redenção, salvação” significa tanto o processo de sermos salvos, que acontece agora em virtude da obra redentora de Jesus mediante nossa fé, como igualmente a redenção como algo concluído ou, de forma bem genérica, o aspecto do conteúdo de nossa “salvação”. Por isso a palavra “aquisição” também pode designar tanto o acontecimento de obter como seu resultado na posse definitiva.

**10** Por que, no entanto, isso é tão diferente “**conosco**”? De forma alguma pode ser diferente a partir de nós mesmos. Isso foi dado única e exclusivamente “**por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós**”. O “simples” evangelho retorna aqui de forma fundamental no fim de toda a ilustração do futuro. De forma igualmente “simples” o conteúdo da salvação vindoura pode ser descrito com uma única realidade: “**vivamos em união com ele**.” Sem dúvida alguma não queremos nem devemos esquecer a plenitude que nos espera e que dará a esta “vida” conteúdo concreto: na consumação da igreja, no reino dos céus sobre esta terra, no juízo sobre o mundo, sobre a nova terra. Contudo, já é assim: “Jesus e somente Jesus será fundamento para viver em alegria e adoração.” No cristão de fato se cumpre a antiga palavra do salmo: “Se tiver a ti somente, não busco mais nada no céu e na terra” (Sl 16.2), não busco nem mesmo o novo céu e a nova terra. “Estaremos com o Senhor para sempre” e “viver em comunhão com ele” – isso é *tudo*. Assim como o grande pensador Sören Kierkegaard foi capaz de expressar com toda a singeleza no fim da vida: “...e para sempre, eternamente, falar com Jesus.” Tudo o que é grandioso e real é “simples” – que bom se também nossa certeza de futuro for assim. Justamente por isso ela também é essa certeza! Sabemos verdadeiramente o que é “vida eterna”, não imaginamos supramundos bizarros. Porque a “conversa com Jesus” teve início em nossa vida.

Novamente ressoa, levando em conta a angustiada pergunta dos tessalonicenses por seus falecidos: esse “viver em comunhão com ele” será propiciado a nós todos “**simultaneamente**”, “**quer vigiemos, quer durmamos**”, conforme o texto declara com uma utilização intencionalmente diferente dos termos. “Vigiar” e “dormir” não se referem aqui à nossa atitude interior, mas à condição de ainda estarmos vivos ou já falecidos. Trata-se do mesmo enfático “simultaneamente” de 1Ts 4.17.

**11** Será que por isso também retorna agora o “**por isso consolai-vos uns aos outros**”, como já tivemos de traduzir em 1Ts 4.18? Ou será que no contexto dos presentes versículos (6 e 8) o destaque é dado ao “**exortar**”? A tradução com “aconselhar” em ambas as passagens permitiria que também nos restringíssemos a uma só palavra, depreendendo dela, conforme cada contexto, a dimensão de “consolo” ou de “exortação”. Foi acrescentada aqui a palavra “**edificar**”, que mais tarde, diante dos coríntios (1Co 8 e 12-14), terá uma importância muito grande como critério e que passou a ter uma conotação bastante questionável em nosso linguajar cristão (como o conceito “edificante”). Originalmente servia tão-somente para a “construção” da igreja como prédio ou templo. Aqui a palavra também se refere à pessoa: “**edificai um ao outro**”. No entanto, não existe a situação em que o indivíduo solitário se “edifica” sozinho. E inexistente completamente a ligação com o “sentimento”, que domina e sentimentaliza nosso conceito de “edificação”. Aqui se trata de forma muito objetiva da “estruturação” da vida toda, justamente também no fazer e deixar de fazer como “gente do dia” neste mundo noturno. O “**uns aos outros**” contempla a igreja, em cujo seio isso acontece. Não causa surpresa que por isso a carta passe a tratar da vida eclesial em si.

Antes de acompanharmos esse passo da carta, é preciso trazer uma observação sobre o todo que é relevante para nossas próprias concepções escatológicas. O trecho não permite perceber qualquer sinal de que o arrebatamento da igreja esteja separado por um tempo longo do momento da vinda do Senhor para julgar o mundo. Pelo contrário! Trata-se do mesmíssimo “dia do Senhor”, que vem para o mundo como um assaltante, mas que a nós, como “gente do dia”, não atinge como ladrão. A diferença na experiência desse “dia” não é descrita como *cronológica*, mas em termos *de conteúdo*. O mesmíssimo dia traz para o mundo uma perdição súbita inesperada e para nós aquela salvação concreta descrita previamente em 1Ts 4.13-18. Por isso não se volta a falar aqui acerca do conteúdo do “dia” para os crentes, mas somente se destaca a diferença “para nós não como um ladrão na noite”. Se Paulo tivesse pensado em arrebatamento muito tempo *antes* do “dia do Senhor”, ele o teria explicitado com franqueza e nitidez justamente aqui na pergunta pelos “tempos e prazos”. Mas fala apenas do mesmíssimo “dia”, que vem para o mundo como surpresa e perdição, porém para os crentes de maneira aguardada e para a salvação.

Sendo assim, não devemos ignorar hoje o tom de exortação deste trecho! Com certeza diante dessa jovem, viva e expectante igreja os mensageiros têm plena confiança de que toda ela chegará ao glorioso acolhimento do Senhor. A descrição da parusia não sugere com nenhuma sílaba que também possa haver membros da igreja que não estejam juntos naquela hora. Contudo – nosso trecho apesar disso considera necessária uma exortação! Também membros da igreja podem, portanto, adormecer ou inebriar-se de tal forma que o dia assaltará também a eles como um ladrão para a perdição. Mais

tarde Paulo tratará disso com muito mais seriedade diante de outras igrejas: Rm 8.13; 1Co 6.4; Gl 5.21; Gl 6.7s; Fp 3.18s. Todas essas advertências são dirigidas à igreja, não ao mundo! Com elas Paulo permanece aliado ao próprio Jesus, que deu a seu grupo de discípulos a companhia das tão aterradoras palavras de Mt 25.1-13; 25.14-30; 7.21-27; Lc 12.42-48. Será de fato que dizem respeito apenas aos outros? Estamos nós “seguros”? Nós somos “todos filhos da luz e filhos do dia”, graças a Deus! Mas justamente por isso “não durmamos como os demais, mas vigiemos e sejamos sóbrios”!

### É ASSIM QUE DEVE SER NA MULTIPLICIDADE DA VIDA ECLESIAL – 1Ts 5.12-15

- 12 – Agora, vos rogamos, irmãos, que acateis com apreço os que trabalham entre vós e os que vos presidem no Senhor e vos admoestam,
- 13 – e que os tenhais com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam. Vivei em paz uns com os outros.
- 14 – Exortamo-vos, também, irmãos, a que admoesteis os insubmissos, consoleis os desanimados, ampareis os fracos e sejais longânimos para com todos.
- 15 – Evitai que alguém retribua a outrem mal por mal; pelo contrário, segui sempre o bem entre vós e para com todos.

É característico para a palavra apostólica que ela associe a amplitude e magnitude da visão com lúcida sobriedade. Já vimos disso em 1Ts 4.11s: anotam-se ao mesmo tempo e com a mesma seriedade o transbordar do amor, o perseverar na plena luz do poderoso futuro, e o tranqüilo e preciso cumprimento dos deveres diários no trabalho com as mãos e no atendimento aos afazeres pessoais. Conseqüentemente, tampouco nos deparamos agora, depois de dar essa densa e plena atenção à parusia do Senhor e à gloriosa consumação da igreja, com uma multidão exultante de aleluias e gozo, na qual tudo acontece “muito automaticamente” a partir da maravilhosa fé, do amor e da esperança. Antes vemos uma vida eclesial muito humana e cotidiana com suas dificuldades e tensões, e novamente há pedidos e exortações.

- 12 Sem dúvida o NT conhece unicamente membros ativos da igreja. A imagem moderna de igreja, de uma massa passiva, em prol da qual se empenham alguns “ministros”, é profundamente não-bíblica e contradiz a essência de uma igreja de Jesus. Por isso a presente carta ao mesmo tempo salientou e pressupõe como fato: “Consolai **uns aos outros**”, “**Todos** vós sois filhos do dia e filhos da luz”, “Exortai **uns aos outros**”, “Edificai **um ao outro**”. Consolar, exortar e edificar é inequivocamente algo de que não apenas “pastores” são encarregados ou exclusivamente “autorizados”. Contudo – nenhum apóstolo sonhava com “igualdade”. Nessa multidão viva e ativa existem pessoas “**que labutam em vosso meio**”. Porque a longo prazo nenhuma comunhão de pessoas pode subsistir somente com os respectivos serviços voluntários. Carece das ordens e igualmente dos membros que assumem certos serviços de forma duradoura. Nessa questão a igreja precisa levar em conta o permanente perigo de que essas ordens se enrijeçam como fins em si mesmos e de que esses membros da igreja se tornem “papas” (com ou sem talar e tiara!) que transformam o serviço em dominação. Esse perigo precisa ser constantemente superando com reiterados avivamentos e reformas. Mas não é possível existir sem serviços organizados e permanentes.

Dois serviços são destacados: “**presidir**” e “**corrigir**”. Logo havia “ir-mãos dirigentes”. Como, afinal, uma igreja poderia funcionar sem “direção”? Contudo é significativo que a palavra “presidir” no linguajar do NT não possui a conotação “oficial” e “governante” que nós lhe atribuímos. Em Tt 3.8 fica bem claro que significa “preocupar-se com, ter cuidado de”. Sim, em 1Tm 3.5 ela é expressamente substituída, na segunda parte da frase, pelo termo “prover”, de conotação paralela. Agora também compreendemos por que ele ocorre em Rm 12.8 em meio a atividades “diaconais” e portanto também deve ser uma delas. Também o presente trecho, que evidentemente fala de serviços voluntários, só se torna bem compreensível dessa forma. A “direção” é um “cuidado” pela igreja em tudo de que ela necessita. Refere-se inicialmente às numerosas expressões da vida em comunhão, que precisam ser administradas com fidelidade e sabedoria. Mas ao mesmo tempo a direção também precisa ser “espiritual”. Todos nós carecemos da “correção”. O termo grego corresponde mais ou menos à nossa expressão “fazer a cabeça”, com a diferença de que em lugar de “cabeça” ele fala em “levar à razão”, “ao bom senso”. Apesar de todo incentivo e toda edificação recíprocos uma igreja precisa de irmãos reconhecidos e experientes que a “corrijam” como um todo e, conforme a

necessidade, também corrijam certos grupos e membros dela. A colocação de apenas um artigo no começo de toda a série mostra que as diversas atividades não se referem a grupos diferentes de pessoas, mas a um grupo inteiro de pessoas “que labutam” e que segundo as necessidades cuida da igreja em vários sentidos.

- 13** Apesar da conversão e do renascimento, também trazemos para a condição cristã e a igreja nosso velho coração e velha natureza. Por isso pode rapidamente surgir inveja desses “irmãos dirigentes” (“Por que sempre ele ou ela está aí na frente, eu sei fazer isso tão bem como eles!” - Esquecemos, porém, o “esforço” que essa liderança requer!). Tampouco é fácil deixar-se corrigir. Nosso coração se rebela contra isso (O que é que essa pessoa tem a me dizer! Que cuide primeiro da própria vida...). Por isso os três exortam aos irmãos para que **“conheçam os que labutam entre vós”**. A palavra “conhecer” possui um conteúdo amplo. Trata-se do contrário daquela in-diferença que nunca vê o trabalho dos outros, ou daquele equívoco que considera muito grande a realização própria e insignificante o esforço dos demais. Não, não os ignoreis, **“conhecei-os”**. Desse modo o conhecer torna-se “reconhecimento”. Cumpre **“tê-los com amor em máxima consideração por causa de sua obra”**. Afinal, esses irmãos dirigentes não são “ministros” com “posição” especial, com “direitos e deveres” estabelecidos. Tudo ainda é muito vivo e fraterno. Precisamente isso, porém, exige que esses “dirigentes” sejam valorizados com amor, de forma especialmente afetuosa, por realizarem uma obra tão necessária que traz benefícios a todos.

Podemos compreender que alguns manuscritos continuem dizendo: “Sejam pacíficos **com eles**”. Talvez seja realmente necessário enfatizar isso para muitas igrejas e congregações! Mas é mais correta a variação mais bem documentada que exorta à **“paz uns para com os outros”**.

Essa “paz” sofre especial ameaça pelo fato de uma igreja ser um grupo muito diferente. A eleição de Deus não cria uma sociedade seleta! Paulo acabou de experimentar isso novamente na constituição da igreja de Corinto (1Co 1.26ss.). Verdade é que todos os membros da igreja são “santos” e todos estão na nova condição de ser “servos da gleba do Deus vivo e verdadeiro”, trazendo dentro de si a nova vida divina pelo Espírito Santo. Por isso os três salientam na carta várias vezes o “todos”. Mas isso ainda não altera em nada a circunstância de que também em uma igreja apostólica de pessoas claramente convertidas e renascidas existem “pessoas desordeiras, desanimadas e fracas”. Como isso é consolador para nós! É estranho que diante da presente passagem e das cartas aos Coríntios tenha de fato sido possível traçar um retrato das igrejas do NT da mesma forma como se faz imagens de santos em cor-de-rosa e azul anil sobre fundo dourado.

- 14** Não, também entre os “santos” há **“desordeiros”**. O verbo relativo a essa palavra pode ter o sentido de: abandonar seu lugar na série (na “ordem”), esquivar-se, evadir-se do dever (cf. 2Ts 3.7). Logo também aqui não se deve ter em mente uma “desordem” geral, mas um desvio da ordem da igreja ou especificamente uma negligência em relação ao compromisso “de cuidar dos afazeres próprios e trabalhar com as próprias mãos” (1Ts 4.11). Quem faz isso são pessoas convertidas, que pertencem à igreja e também devem continuar a pertencer a ela (cf., porém, o limite que depois será traçado em 2Ts 3.6). Contudo, justamente como irmãos têm o direito de ser corrigidos! Realmente é preciso “fazer a cabeça deles”. De fato não seria “amor” deixá-los simplesmente soltos.

Existem na igreja os **“desanimados”**. Isso é estranho tratando-se de um grupo que experimentou coisas tão grandiosas, que se encontra sob a límpida graça de Jesus e aguarda um futuro tão glorioso, mas é assim mesmo. Humanamente é fácil irritar-se com pessoas desalentadas ou desesperar delas, quando elas repetidamente desanimam, tímidas e acabadas, mesmo sob a plena luz do sol do evangelho. Mas pelo contrário, cumpre dar a elas alento renovado, do qual têm necessidade! Na igreja existem, além disso, os **“fracos”**. Podem ser pessoas “fracas” em múltiplos aspectos: na força física e psíquica, em talentos, economicamente, na fé. Seja como for, para aquela congregação os fracos representam um fardo, um empecilho. Cerceiam o conjunto. O todo poderia avançar muito mais se pudéssemos desligar esses fracos! Contudo, justamente isso não deve ocorrer. Um dos traços essenciais de uma igreja de Jesus é que nela os fracos têm lugar e não são apenas tolerados: **“Amparai os fracos!”** O próprio Deus já incluiu o “amparar o frágil” em sua fidelidade de pastor, em Ez 34.16. E Paulo legou à igreja um testamento em seu discurso de despedida aos anciãos de Éfeso, quando diz “que trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados” (At 20.35).

Por fim, **“sede longânimes para com todos”**. Quem não apenas sonha com a comunhão e a idealiza, mas convive em uma comunidade concreta, sabe quantas cargas impomos permanentemente uns aos outros. Não apenas temos as nossas falhas, saliências e arestas, mas nosso modo de ser



diferente já é incompreensível e complicado para outros. E como nós, mesmo que convertidos e presenteados com o Espírito Santo, somos lerdos no crescimento, na transformação, na superação de nossos erros! Quantas vezes gememos, por isso, no coração: Será que ainda não aprendeu? Por acaso fulano continua sendo a mesma pessoa?! Quanta necessidade temos, pois, na igreja, do “fôlego comprido”, a paciência alegre, a incansável confiança! O amor, porém, é “longânimo” (1Co 13.4).

- 15** Permanentemente mostra-se em nós a vontade de “**dar o troco**”, ainda que se trate apenas de uma indisposição acompanhada do respectivo mau humor. E quando de fato algum mal é cometido contra nós – os mensageiros de Jesus contam com a possibilidade de que isso ocorra também entre irmãos na igreja! – acreditamos simplesmente ter o direito de retribuir a palavra maldosa ou o ato mau com igual moeda (“Afinal, não se pode admitir que façam conosco o que bem entenderem, não é?”). Como cada comunidade humana, também cada grupo cristão está constantemente ameaçado por essas coisas! Foi por isso que todos os apóstolos lutaram constantemente pela preservação da linha “cristã”, ou seja, da linha de Jesus nas igrejas (cf. especialmente Rm 12.17,19-21; 1Pe 3.9). Na presente passagem, pois, é significativo que não seja interpelado e exortado o indivíduo solitário, nem tampouco o ministro encarregado do aconselhamento correspondente, mas que com o “**vede que um não retribua ao outro mal por mal**” a responsabilidade e a “supervisão” são incumbências da própria igreja. Como, porém, nos desprenderemos da tendência tão profundamente arraigada de buscar retribuição? Não lutando diretamente contra ela. Reprimir inclinações é algo que tem sucesso apenas até certo ponto. Depois aquilo que foi reprimido durante muito tempo irrompe com maior intensidade. Só é possível uma superação positiva por meio da intensificação das forças que correm na direção oposta. Por essa razão a carta prossegue: “**pelo contrário, segui sempre o bem entre vós e para com todos.**” Para pessoas redimidas o bem pode vir a ser **tão** dileto e precioso que o “perseguem sempre” como o caçador persegue a caça nobre. Então, porém, “perseguem” a direção contrária de todo “mal”, também daquilo que gostariam de causar ao outro na retribuição. Não é possível perseguir ao mesmo tempo coisas boas e más. Aqui já poderia constar a frase que Paulo mais tarde escreve aos romanos: “Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem” (Rm 12.21).

Evidentemente não podemos liquidar essas tarefas de uma vez por todas com uma grande tacada. Há nelas um empenho diário – até a parusia.

É óbvio, porém, que involuntariamente teríamos uma idéia da vida eclesial em Tessalônica excessivamente marcada pela realidade atual e a compreenderíamos em termos “morais”, se isso representasse a totalidade das instruções e exortações. Conseqüentemente é benéfico que ainda sejam acrescentadas frases curtas e vigorosas que nos oferecem uma visão de toda a riqueza espiritual e da intensa mobilidade da vida eclesial do primeiro cristianismo.

## **ASSIM A IGREJA DE JESUS PODE VIVER ESPIRITUALMENTE – 1Ts 5.16-22**

**16 – Regozijai-vos sempre.**

**17 – Orai sem cessar.**

**18 – Em tudo daí graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco.**

**19 – Não apagueis o Espírito.**

**20 – Não desprezeis as profecias.**

**21 – julgai todas as coisas, retende o que é bom:**

**22 – abstende-vos de toda forma de mal.**

A vontade de Deus é vossa santificação, ouvíamos em 1Ts 4.3. Lá a seqüência descrevia essa santificação como plena liberdade e clareza na área das duas mais poderosas pulsões da vida natural, a pulsão sexual e a pulsão pela busca do sustento. Como, porém, uma “pessoa santificada” se apresenta positivamente? O que é que Deus deseja ver nela?

- 16** É surpreendente, mas talvez também muito útil para nós, que em primeiro lugar seja citada a alegria. “**Alegrai-vos sempre.**” Como o primeiro cristianismo está distante de nosso modo de ser moralista e por isso também tantas vezes recalçado e sombrio! “Alegria” não é luxo nem uma espécie de “pecado”, mas “alegria” é o primeiro aspecto fundamental no semblante do novo ser humano. Verdaderamente santificada não é a pessoa sisuda e plena de virtudes, mas o ser humano que tem alegria indestrutível. No idioma grego “alegrar-se, estar feliz” possui uma clara afinidade com

“graça” (*chairein, charis*). Graça, amor imerecido, que perdoa, nos torna alegres “sempre” e em qualquer situação.

**17** Essa graça, porém, é graça pessoal, é o amor de um coração que sangrou por nós e que pulsa em nosso favor. É para esse coração que nosso coração se dirige em grata resposta. No comentário sobre 1Ts 5.10 já recordamos a “conversa” com Jesus que começa aqui e agora e preenche a eternidade. Aqui aparece esse diálogo: “**Orai sem cessar.**” Isso não se refere à observância do maior número possível de horas de oração, que o fariseu Saulo de Tarso também observava sem Jesus. Aqui se trata de uma vida espiritual rica e alegre. Essa “oração incessante” é praticamente a superação de todos os “tempos de oração” específicos, bem como seu cumprimento. Foi assim que os três mensageiros falaram de sua “incessante” oração e ações de graça (1Ts 1.2; 2.13; 3.10).

Essa “incessante oração” não é exagero de expressão nem artificialismo. Basta notarmos que a totalidade de nosso “pensar” inevitavelmente possui a forma do “diálogo”. Queiramos ou não, estamos “incessantemente” em diálogo. De onde vem esse fato notável? Ele representa uma das mais fortes provas interiores da verdade do relato bíblico acerca da criação do ser humano. O ser humano foi “criado à imagem de Deus”, ou, como também poderíamos formular: como parceiro de diálogo de Deus. Essa parceria foi rompida na queda do pecado. O diálogo de nosso coração tornou-se monólogo, que de fato fica muitas vezes suspenso no ar de forma absurda, como um fio elétrico rompido. Em Jesus, porém, a questão foi sanada e a ligação restabelecida. Agora já não precisamos contar, alegrar-nos, lamentar perante nós mesmos sobre o que há muito já sabemos. Agora pode ocorrer uma permanente conversa com Jesus, capaz de ser tão “incessante” como nosso “pensar” propriamente dito. Também aqui, porém, acontece o seguinte: o novo ser humano santificado não se reconhece primordialmente nessas questões morais, mas nessa realidade religiosa do diálogo constante com Deus.

**18** Porventura a terceira coisa que Deus deseja ver em nós não será de fato algo impossível: “**Em tudo dai graças**”? Não surgiria uma atitude forçada se os tessalonicenses passassem a dizer “obrigado!” por tudo, até mesmo quando seu coração só consegue gritar “não!”? No entanto, é precisamente essa a questão, se ainda precisa haver experiências em nossa vida que somente conseguimos negar, não aceitando mais nada delas positivamente? Afinal, aqui não se trata de um devoto conselho “edificante” comunicado a outros a partir das alturas de uma vida fácil. Pelo contrário, os que escrevem essas palavras conheciam mais do que nós o que significava levar uma vida de perigo constante e de sempre novas dores. Vieram para Tessalônica depois de “maltratados e ultrajados em Filipos, como é do vosso conhecimento” (1Ts 2.2). Porém justamente em meio a esses maus tratos na prisão ouvimos de Paulo e Silvano: “Por volta da meia noite Paulo e Silas oravam e enalteciam a Deus” (At 16.25). Portanto, haviam exercitado pessoalmente na mais amarga realidade esse “em tudo dai graças”. Como, no entanto, eles foram capazes disso, e como os tessalonicenses e também nós seremos capazes? Em todos os casos e circunstâncias tinham a certeza de estar na mão de seu Senhor, mesmo com costas ensangüentadas, arrancados de seu trabalho e submetidos à brutalidade humana na prisão. Por isso na verdade tudo devia vir dessa Mão e ter uma finalidade boa, de modo que tudo precisava ser aceito com gratidão, independentemente de como se apresentasse. Essa gratidão evidentemente não é uma virtude que persiste por si mesma e que possa ser praticada para si mesma. Ela reside na fé viva e constitui sua expressão concreta. Por essa razão uma “gratidão” dessas é também, de forma mais fundamental e essencial que todo o resto, colocada por nós em primeiro plano. É o sinal do cristão, do renascido, e traço característico da “santificação”.

No entanto, igualmente ficou claro por que a carta formula: “**Essa é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco**”. Deus não “exige” essa “santificação” de nós, mas predominantemente a prepara para nós por meio de Jesus. Porque Jesus é o fundamento e a fonte da alegria incessante, o ponto relacional que cria a oração perdurável e, por conduzir toda a nossa vida, aquilo que desperta nossa gratidão em tudo.

**19** Se em tudo isso a nova vida da igreja, e conseqüentemente também de cada cristão, já foram descritas sem qualquer moralismo, as frases subseqüentes falam ainda mais de efeitos do Espírito Santo situados em um nível muito diferente de tudo o que comumente chamamos de “moral-religioso”. No início aparece a advertência: “**Não apagueis o Espírito!**” Espírito Santo é fogo! Será que ainda estamos conscientes disso, nós que consideramos a sã doutrina como marca essencial da verdadeira igreja e temos tanta predileção pela sua temperatura amena? A instintiva e apaixonada aversão de Lutero contra todo “entusiasmo”, que tornou ainda mais difícil e negativo seu encontro

com todo tipo de movimentos complicados na época da Reforma, fez da preocupação com “fanatismo” um traço fundamental das igrejas evangélicas. Sempre que há um fogo flamejando, tememos imediatamente o nefasto incêndio que ameaça o edifício da igreja. Por essa razão é típico para a histórica eclesiástica evangélica que os novos movimentos nela nunca foram saudados com alegria, mas sempre foram inicialmente alvos de suspeita e combate. “Apagar” fogo questionável aparece como uma das principais tarefas da direção da igreja e da teologia. Paulo, porém, adverte justamente de forma oposta: “Não apagueis o fogo do Espírito Santo!” Logo já deve ter havido uma tendência nessa direção na jovem igreja – uma constatação surpreendente para nós. Talvez era essa a tendência naquela parcela da igreja, que via com preocupação a conduta inquieta e agitada dos “desordeiros”, aos quais a exortação de 1Ts 4.11 se dirigia em particular e contra os quais 2Ts investe de forma ainda mais incisiva. Nesse caso teríamos aqui de fato um paralelo com acontecimentos da época da Reforma. Mas então é particularmente digno de nota que justamente pessoas como Paulo e seus colaboradores não tirem aquelas conclusões temerosas que impregnaram nosso sangue, mas advertem aquele grupo crítico da igreja contra todas as tentativas de “apagar”! Também aqui Paulo foi novamente capaz de unir coisas aparentemente contraditórias: “Empenhai tudo para serdes tranqüilos” e “Não apagueis o Espírito”. Nada pode ser mudado na natureza de fogo do Espírito, e o fogo procura e precisa queimar. Quando se ignora isso, obtém-se aquele “Espírito Santo” cuja existência é apenas postulada dogmaticamente, mas não mais experimentada pela igreja de forma viva e irrefutável.

Aquele efeito e dom do Espírito que para Paulo sempre foi o mais importante e digno de ser conquistado (1Co 14.1; o “amor” não constitui dom do Espírito, mas fruto do Espírito! – Gl 5.22) é o *propheteuein*, o “profetizar”. Também poderíamos traduzir simplesmente “falar como profeta”. Entendemos mal os profetas quando os consideramos como uma espécie de adivinhos do futuro. São portadores da mensagem divina a Israel, mensagens que dizem respeito primordial às circunstâncias atuais e somente daí tiram as conseqüências para o futuro e, sob esse aspecto, também predizem coisas vindouras. Conforme 1Co 14.24s *propheteuein* na igreja também é, sobretudo, o dom de ver e denunciar com força penetrante as condições essenciais de pessoas. Dependendo de cada caso, essas palavras também podem ter sido associadas a anúncios de juízos divinos e manifestações divinas da graça. Tais “profecias” também havia em Tessalônica. Novamente parece que nelas também podem ter emergido críticas na igreja. Ainda que agora já lancemos um olhar prévio sobre a segunda carta, capazes de deduzir dela conseqüências para a realidade na época da primeira, podem ter sido manifestadas várias “profecias” que começavam a clamar “por meio do Espírito” (2Ts 2.2): “O dia do Senhor chegou!”. O grupo sensato da igreja se defendia com razão contra tal “fanatismo”. Mas tirava disso diretamente a conclusão genérica a que se chegou na época da Reforma: de nada valem todas essas “profecias”. E agora é novamente muito grandioso e importante que Paulo – que neste caso específico dava toda razão à crítica! – não concorda simplesmente com isso: “muito bem! O melhor é que vocês dêem fim a todo esse profetismo!”, mas pelo contrário adverte: “**Não menosprezeis as profecias.**” Apesar de tudo prevalece, e precisa prevalecer, o cumprimento da promessa de Joel por ocasião de Pentecostes: “Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos” (At 2.17). É preciso que vigore o anseio de pessoas como Moisés: “Tomara que todo o povo do Senhor fosse profeta!” (Nm 11.29). Apesar de todas as difíceis e amargas experiências da igreja de Deus até nos nossos dias, isso precisa continuar assim! O fogo do Espírito precisa queimar e enviar suas chamas, do contrário restará tão-somente lava endurecida, da qual os teólogos fabricam suas peças doutrinárias.

**21s** Todavia: “**Julgai todas as coisas, retende o que é bom; abstende-vos de toda forma de maldade.**” Novamente a palavra apostólica unifica questões opostas. Quando pessoas produzem percepções através do Espírito Santo e anunciam atos divinos, será que resta aos ouvintes somente uma coisa: a sujeição obediente? “Assim diz o Senhor” - será que neste caso ainda podemos “julgar”? Porventura os profetas da antiga aliança não exigiram de rei, sacerdote e povo a aceitação incondicional da palavra? No AT com razão! Mas na igreja de Jesus não apenas os “videntes” possuem o Espírito Santo, mas todos, ou seja, também os ouvintes das profecias! Justamente porque na nova aliança não apenas ditos proféticos isolados são inspirados pelo Espírito, mas todo o coração está continuamente repleto dele, os ditos divinos já não aparecem mais tão inequivocamente destacados ao lado dos pensamentos e sentimentos humanos. Vimos anteriormente que para o NT todo falar dos crentes deve ser “palavra de Deus”. Nesse caso, porém, pode ocorrer com uma maior

facilidade do que no AT que os “profetas” involuntária e desavisadamente mesclam dádivas do Espírito e idéias próprias, coisas espirituais e psíquicas. Por isso na nova aliança também há uma necessidade bem maior do que na antiga de “examinar as profecias”. Portanto, o caminho genuíno passa exatamente no meio termo entre menosprezo e supervalorização!

Quando, enfim, a igreja de Jesus em todo o mundo se recuperará a atitude de, por puro medo do “fanatismo”, não apagar constantemente o Espírito, sendo por isso pobre de fogo, vigor e dons? Quando ela deixará de ser refém acrítica de todo movimento que parece possuir algo “vivo”, e será realmente capaz de ouvir e julgar?!

O resultado de um exame é sempre duplo. Coisas boas, valiosas são destacadas. Agora “**retende-o**”! Não permitais que a palavra ouvida seja apenas agitação de uma hora, mas acolhei-a em vossa vida e vosso serviço. Em contraposição, “**abstende-vos de toda forma de maldade**”. A palavra não autêntica, oriunda de nossa própria natureza, sempre pode ser reconhecida pelo fato de que também possui em si algo de nossa natureza maligna. Aqui nossa resistência precisa ser implacável. Tão logo surgir algo indisciplinado ou amargo, sem amor ou egoísta, a igreja precisa declarar seu não, até mesmo quando isto alega resultar do Espírito, sendo apresentado com entusiasmo e exigências. Talvez possamos dar mais um passo e ver “o” maligno, o diabo, por trás do mal. Então também Paulo já teria contado com a possibilidade de que o inimigo tentaria penetrar na igreja mesclando coisas más e perigosas à proclamação. No presente contexto a admoestação teria o seguinte sentido: reconheçam o inimigo, o maligno, em qualquer configuração e disfarce, justamente também no disfarce especialmente devoto e santo! Rejeitai-o com a mesma determinação com que acolheis o bem.

Evidentemente essa obrigação de examinar e discernir não é fácil. Seria muito mais belo se pudéssemos aceitar sem preocupação e com alegria tudo o que penetra em nossos ouvidos no âmbito da igreja. Mas isso não acontece de acordo com nossos desejos e nossa comodidade. Os tessalonicenses não conseguem se furtar à verdadeira situação e à conseqüente tarefa sem conjurar graves ameaças à vida da igreja. E nós tampouco o podemos.

### SAUDAÇÕES FINAIS DOS TRÊS E DE PAULO – 1Ts 5.23-28

**23 – O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.**

**24 – Fiel é o que vos chama, o qual também o fará.**

**25 – Irmãos, orai por nós.**

**26 – Saudai todos os irmãos com ósculo santo.**

**27 – Conjuramos-vos, pelo Senhor, que esta epístola seja lida a todos os irmãos.**

**28 – A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco!**

**23** A carta chegou ao fim. Mas todo autor de uma carta tem a necessidade natural de mais uma vez expressar, no final, os desejos que traz no coração em favor do outro, depois de dizer tudo o que havia para dizer, agradecer, exortar e comunicar. Esse voto final dos três é: “**santificação e preservação**”. Há pouco lembraram os perigos que ameaçam a igreja, assim como falaram (1Ts 3.1-5) das preocupações que tiveram por essa igreja sob a cruz. A história da igreja em Tessalônica na verdade segue, e com ela segue a história de cada cristão individualmente. Como será ela? Sempre adiante e mais cabalmente santificada e preservada inteiramente em Espírito, alma e corpo – se esse fosse o grande fio condutor dessa história!

**24** Será que isso precisa se resumir a um “desejo devoto”? Não! Existe alguém que pode “**fazê-lo**”. Na presente passagem o “fazer” deve ter uma co-notação um pouco mais intensa: ele há “**executá-lo**”. Quem realiza isso é “**o Deus da paz**”. Reconciliou consigo o mundo, estabeleceu a paz pelo preço máximo. Isso é o fundamento indestrutível, eterno, sobre o qual todo o resto pode ser esperado dele. Ele, que se tornou com tanta gravidade o “Deus da paz”, conduzirá tudo ao alvo derradeiro – essa é a lógica da fé.

“**Ele vos santifique fora a fora**”. O pastor Girkon, amigo de Ernst Modersohn, anotara acerca desse “fora a fora” na margem de sua Bíblia: “Não laminado!” Conhecemos essa condição dos nossos belos móveis de mogno. Não foram construídos de mogno puro, mas uma madeira muito inferior é coberta por uma fina lâmina que lhes confere essa beleza exterior. Quantas meras “lâminas

de santidade” existem em nós! Deus, porém, deseja pessoas integrais e autênticas, “santas de fora a fora”. Na presente passagem torna-se explícito como são insuficientes nossas tentativas de compreender o conceito da “santidade” no NT apenas como um “estado” de pertencimento a Deus e não como uma *qualidade*, a fim de nos aquietar diante da terrível falta de santificação entre nós e em nossas igrejas. Não, podemos nos tornar pessoas santificadas até no mais profundo de nosso ser, trazendo de fato conosco a qualidade divina.

Santificados e **“completamente preservados”**. No “completamente” re-percuta o intacto, o inviolado. Nessa observação o ser humano é visto como uma unidade tríplice: **“vosso espírito, alma e corpo sejam integralmente preservados.”** No ser humano vive o espírito, no qual o Espírito Santo de Deus primeiro exerce sua influência. Como vimos anteriormente, o ser humano não possui o corpo como um invólucro sem valor, do qual tentamos nos livrar o quanto antes, para então dar livre desenvolvimento ao nosso espírito. Antes temos o corpo como o instrumento imprescindível, também concedido de forma nova no mundo da consumação, sem o qual para nós nem mesmo existe uma vida plena ou um “desenvolvimento” do espírito. Entre espírito e corpo encontra-se, como mediadora, a alma, sobre a qual age o espírito e a qual ele equipa com conhecimento e vontade, e que por seu turno movimenta o corpo. Deus cuida de todas as três partes e as preserva. Afinal, nossa vida toda é uma corrente dessas proteções, que às vezes dizem mais respeito ao corpo, às vezes mais à alma e ao espírito. O que seria de nós sem esse “preservar”?! Enquanto, porém, pensamos fundamentalmente apenas no hoje ou amanhã, nossa carta rapidamente se volta para o alvo final, o dia da parusia. Tão plena e permanentemente essa equipe apostólica vive na perspectiva desse dia. Então todo “preservar” chega ao desfecho, quando o Senhor vindouro acolherá **“de modo irrepreensível”** o ser humano todo em **“espírito, alma e corpo”** **“intacto, incólume”** para a eterna união com o Cabeça. Será isso possível? Pessoas como Paulo dificilmente colocam um alvo inviável e fantasioso como conteúdo de seus votos e suas preces perante Deus. Será possível? Evidentemente seria impossível se nós mesmos tivéssemos de nos conservar assim e nos conduzir ao alvo de Deus **“de modo irrepreensível intactos”**. Mas o próprio Jesus já declarou acerca de alcançar a beatitude: “Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível” (Mt 19.25s). Não devemos imaginar Deus à nossa própria imagem. Todos nós o fazemos com frequência, e então caímos em muitos temores e aflição. Porque evidentemente somos pessoas que iniciam algo e depois largam, que amam uma pessoa e, não obstante, em breve desistem dela.

- 24** Mas Deus de forma alguma é assim! Ele **“é fiel”**. Toda fidelidade humana é apenas frágil reflexo de sua fidelidade total e inabalável. Se Deus o “chamou”, se, portanto, aconteceu com você o que os mensageiros do agir de Deus em Tessalônica relataram no começo da carta, então – é claro que unicamente então! – você pode e deve ter a certeza: seu chamado não se perde em algum lugar no vazio; não, ele o executa e traz você até esse alvo “impossível”.
- 25** Assim os três intercederam mais uma vez pela igreja. Agora o solicitam também em favor de si: **“Irmãos, orai por nós.”** Não são grandes pessoas, acima das demais, já capazes de tudo. Carecem da fiel intercessão do mesmo modo como o mais humilde membro da igreja em Tessalônica. Acabemos seriamente com toda “veneração de heróis” cristãos, não esquecendo justamente os supostos “grandes” no cristianismo, como se não precisassem mais tão intensamente de nossas orações. Ouçamos interiormente o fato de que justamente os homens e mulheres de grande atuação suplicam tão vivamente: “Irmãos, orai por nós!”.
- 26** Na seqüência Paulo deve ter acrescentado as últimas linhas de próprio punho, nas quais em lugar do consistente “nós” de repente surge um “eu”. Esse também era um costume freqüente nas cartas da Antigüidade, que eram ditadas a um secretário e depois completadas com uma saudação de próprio punho do autor. **“Saudai os irmãos todos com ósculo santo”** obviamente ainda pode ser palavra final do próprio ditado. O afeto da comunhão fraterna entre os cristãos era expressa pelo beijo de irmãos que, diferente de todo carinho humano, é um beijo “santo”. Certamente era algo grandioso quando um senhor concedia a um escravo e quando um estivador concedia a um comerciante esse ósculo fraternal. Agora, após leitura da carta, deve ser acolhida e transmitida na igreja a saudação dos mensageiros por meio desse ósculo santo. Que bela resposta à atenção prestada a uma carta dessas!
- 27** Na saudação ressoa novamente o “todos”, que já ocorreu enfaticamente no intróito da carta. Agora se torna uma preocupação muito grave para Paulo, sublinhada por um “conjuro-vos pelo Senhor”, que a carta realmente seja lida a todos os irmãos. Obviamente Paulo não temia, no caso dessa igreja,

que a carta pudesse ser intencionalmente escamoteada para uma parte da igreja. Mas ele conhece nosso desamor e desatenção. A distorção de nossa natureza, a mentalidade “mundana”, que despreza e esquece o que é pequeno e insignificante, ameaça constantemente também a igreja de Jesus. Talvez um ou outro escravo, uma ou outra mulher tenha faltado quando a carta foi lida na reunião da igreja. Pois bem, isso não é muito importante, damos pouca atenção a isso, que diferença farão esses escravos ou essa mulher. Não, “conjuro-vos” pelo Senhor **“que a carta seja lida a todos os irmãos”**. Por princípio não existem pessoas “irrelevantes” em uma igreja de Jesus. Novamente irrompe um poderoso traço fundamental da palavra e atuação do Jesus dos evangelhos. Por essa razão justamente neste ponto Paulo conjura a igreja “pelo Senhor”. A verdadeira e plena unidade da igreja, o amor completo e total e a consideração por todos, inclusive para com o mais pobre, humilde e difícil, era esse o alvo maior e mais importante para Paulo. Ele havia compreendido Jesus!

**“A graça de nosso Senhor Jesus Cristo convosco!”** Se a poderosa e afetuosa graça de Jesus estiver conosco – que mais nos faltaria? Trata-se de um bom final da carta, que de fato a encerra.

Eram muito comuns esses encerramentos de cartas. Mas nas inúmeras cartas da Antigüidade eles em geral consistiam de fórmulas inúteis como “Preserve a saúde!”, “Viva bem!”. De que adiantam esses “bons votos”, tais como também nós muitas vezes os acrescentamos no final de nossas cartas e cartões postais! Paulo conhece algo melhor. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo não é nenhum voto impotente e nenhuma palavra vazia, ela é realidade e força e está disponível para os leitores. Desse modo o voto final retorna à saudação inicial, fazendo com que praticamente a carta toda seja firmemente abarcada pela graça de Jesus.

---

<sup>1</sup>Boor, W. d. (2007; 2008). *Comentário Esperança, Primeira Carta aos Tessalonicenses; Comentário Esperança, 1 Tessalonicenses* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.